2 VOLS, IN 1

PAGED CONTINUOUSLY

INNOC. XX 82

$40^{00}

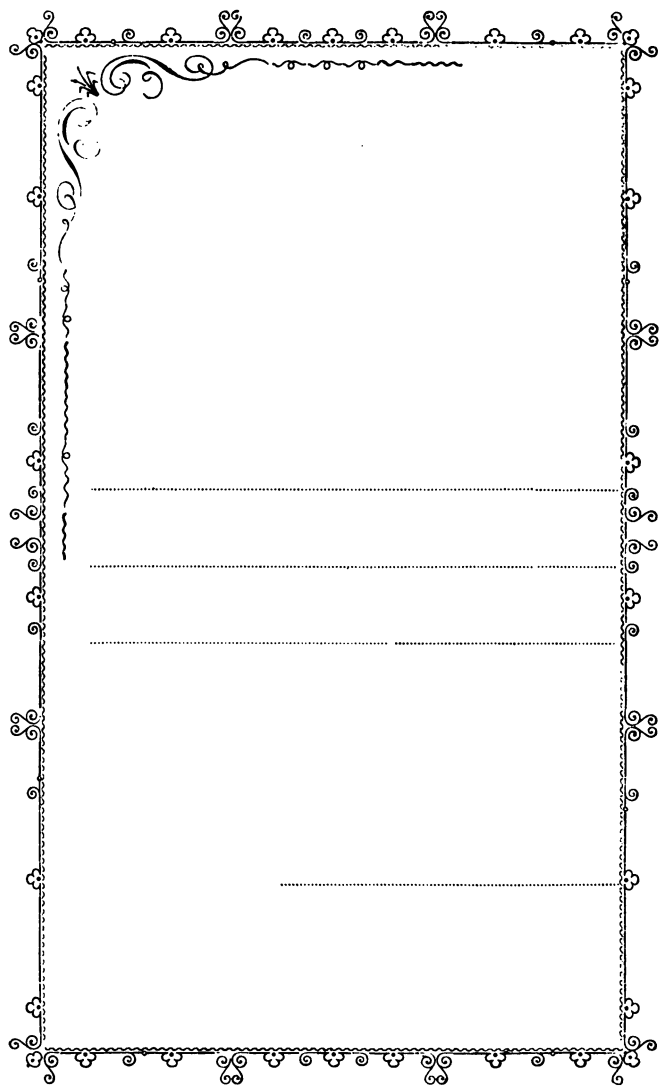
ADERSON FERRO

Minhas Viagens

(Com um appendice sobre a educação)

CEARA'

TYP. MODERNA
DE
Louis C. Cholowiecki

1898

A RAZÃO PORQUE

Não tinha em vista dar á luz da publicidade a este livro. Fazendo-o, accedo apenas a instancias de um amigo. No tempo em que o compuz, em 1880, quando viajava pelos mais adiantados paizes da Europa, eu navegava por um verdadeiro mar de rosas; era um ditoso da sorte, um moço descuidoso e inexperiente, que ainda não possuia essa fina e subtil observação adquerida pelo estudo profundo dos homens e das cousas.

Escrevi-o, portanto, por um simpes passa-tempo; não quiz que as impressões recebidas nesse viajar, de que ainda

hoje tenho verdadeiras saudades, ficassem sepultadas na mente; resolvendo registral-as nas paginas de um livro, que dormiria eternamente no meu gabinete de estudo, se a voz poderosa de um amigo não viesse dispertal-o.

Em virtude, pois, do que acabo de expor, verão os leitores que não foi a sêde de gloria que me fez dar tal passo nesse caminho, escabroso e cheio de acerbos espinhos, que costuma trilhar o escriptor publico; mas sim o motivo a que acabo de referir-me.

Ao publico—a esse publico generoso e condescendente ainda mesmo para com os fatuos e orgulhosos—entrego o meu livro, esperando a sua valiosa coadjuvação.

Isto explicado,—cumpre-me declarar que em continuação deste—tenho ainda dois volumes á publicar.

O AUCTOR.

MINHAS VIAGENS

CEDO perdi meus paes, cedo comecei por mim mesmo a sondar o desconhecido, a andar pelos paramos da realidade e a receber com animo o embate da duvida com as illusões, que se quebram.

Ainda bem moço e já sobrecarregado de familia, com um futuro de horisonte acanhado, o desejo de mudar de situação apresentava-se-me imperioso e turgido de esperanças. Mudar de repente de estado, quando não fosse até certo ponto um passo de louco, expor-me-ia pelo menos a ser taxado e apontado como leviano. Entre o louco e o leviano medeia o

espaço que vai do lusco-fusco á noite. Amadurecer em meu cerebro qualquer idéia de mudança, era prudente e sabio.

Assim o fiz.

Depois de medir profundamente as circumstancias em que me via collocado; depoís de bem analysar todas as sahidas deste novo labyrintho em que penetrava, resolvi-me a entrar no mais espinhoso, no mais difficil das minhas lutas intimas, isto é, na escolha de uma outra carreira que melhor me levasse á essa Jerusalem bemdita que fluctuava em meus pensamentos de tranquilidade e elevação da vida futura.

De todos os estados que se abriam á minha escolha, nenhum se me apresentava de mais facil accesso, de mais garantias para o futuro, e que mais se coadunasse com o meu genio, que o da *Arte Dentaria*. E como tal a escolhi.

O traçado do plano me fôra facil; porém o pôl-o em execução era penoso, era dorido.

Como deixar minha patria?

Abandonar meus amigos, desapegar-me de meus filhos, depôr na fronte da esposa que se idolatra, talvez o derradeiro beijo; demandar longes terras, plagas estranhas,

respirar debaixo de outros céos! Estar a gente sempre em presença, quando não do maravilhoso, pelo menos do desconhecido!

Trocar por um movimento brusco a vida sedentaria, placida, socegada do pae de familia, por essa outra prenhe de aventuras, de episodios mais ou menos bizarros, de continuo oscillar e de constantes golpes imprevistos!

Para o espirito cavalheiresco, sedento de ver novas scenas, de pisar em outros tablados, concordo que seria agradavel e atrahente a resolução que planeara; mas, para mim que sempre vivi ao lado da familia e que por esse habito contrahido cedo formei a minha propria; espirito quieto, sereno, e até certo ponto fleugmatico, não podia encontrar na ideia da viagem senão uma certa aversão que se traduzia physicamente por um mal estar geral.

Eu advinhava que no momento de consummar-se o sacrificio da partida, essa mudança de meus habitos e de meus mais puros affectos, supportariam a mesma impressão que qualquer que se deixasse embalar nas aguas correntes de um ribeiro e que de chôfre se visse embrulhado nos lençóes de espumas de uma catarata que não presentira.

Comtudo, tratei de tranquillisar o meu espirito, de dar aos meus pensamentos as devidas proporções e de firmar sobre bases mais solidas e mais valentes as minhas resoluções.

Depois de amadurecidas reflexões expuz aos meus as minhas ideias. Combatel-as, ser-lhes-ia facil, porém de nenhum proveito. Acceitaram-n'as, louvaram-n'as, não deixando, porém, de mostrar a dôr atroz que os ia dominar com a minha partida. Conhecendo que sacrificio maior íria eu consummar, foram todos á uma voz accordes em animarme, dourando do mais lindo esmalte os céos do futuro que idealisava em sonhos.

O movel que me impellia a deixal-os era o mesmo que os fazia electrisar-me á busca de uma situação mais ampla.

Só faltava que meus planos recebessem a sancção de meus amigos para pôl-os em execução.

Destes não ia buscar a ordem da partida, mas, a luz de seus conselhos.

Podia ser que algum visse na atmosphera limpida de minhas illusões alguma camada opaca, impossivel de romper.

Sujeitar uma maneira de ver a muitas vistas, não pode resultar senão o pôr em luminoso relevo as arestas cla-

ras, e do mesmo modo trazer a luz á todas as sombras e acordar os defeitos que dormitam desconhecidos sob os véus do coração.

Dirigi-me a todos os amigos.

Fui a dois, a tres, a quatro e a mais, e tive a curiosidade de assistir a essa diversidade de opiniões, a esse antagonismo na maneira de ver dos diversos individuos.

Não é que cada cerebro seja um absurdo, seja uma contrariedade,—é que cada um vê através de um prisma differente, actuado por uma ante-previsão.

Este fallava-me de despezas, de trabalhos, de sujeições, a que por certo não me haveria de impôr; aquelle, apresentava-me todos os embaraços de uma longa viagem, a lentidão de aprender uma lingua estranha, o desassocego que agitaria meu espirito longe de meus filhos; aquelle outro, mais bairrista, talvez, mostrava-me em côres tetricas o desdoiro para a classe commercial,—o trocal-a por uma arte.

A maior parte foi contra meus planos, todos riram das minhas illusões, poucos foram de meu parecer e bem poucos crêram na realisação de meus pensamentos.

A nenhum, porém, taxarei de falto de amizade, ao contrario, a todos sou devedor de mais esta garantia no sentimento: a franqueza de opinião diante de minhas resoluções inabalaveis.

—

Assentado em meus projectos tratei de arranjar meus negocios como quem pretendia ausentar-se por espaço de alguns annos.

A ideia primeira que me occupou foi o bem estar de minha familia, e depois garantir minha casa de qualquer eventualidade futura.

Com a ideia fixa da separação, as nuvens carregadas que cairelavam os meus céos d'alma, se iam pouco a pouco adelgaçando.

Habitüava-me á terrivel dôr de ausentar-me dos meus.

Depois, era a esperança, essa deusa qüe véla os desgraçados, que me vertia forças para a luta.

Sem ella teria succumbido, e quantos desamparados por ella não se abysmam até perder-se!

Foi ella que hontem me alentou e ella que hoje me alenta; que me balbucia—avante! quando a materia fraqueia;

que me segreda as venturas do dia de amanhã, quando a melancholia e o tedio da solidão me envolvem e me comprimem em seus braços herculeos e suffocantes.

—

De accordo com os meus, fixei a data de minha partida.

Desde então até o momento terrivel, o tempo tomou outra acceleração, as horas voavam sob o impulso de outras azas mais valentes: dir-se-ia que o ponteiro no quadrante tinha delirios na marcha.

—

. . . .

A vespera do dia designado para partir, chegou.

Fazia calor, o céo era transparente, porém o ar pesava arrobas.

Morria-se abafado!

Minhas malas achavam-se preparadas.

O dia correu veloz como até então nunca me parecera.

Meus olhos quando encontravam os de minha mulher marejavam-se. Dir-se-ia que bebiam em suas palpebras a

lagrimas que em silencio ella vertia. Um circulo escuro encastoava-os.

As olheiras eram profundas.

Eu mesmo soffria horrores.

A ideia da separação terrificava-me.

Depois do jantar quiz despedir-me de meu ninho, quiz dizer um *adeus* sentido e longo a esses logares onde nasci; quiz beber a plenos pulmões esse ar que tanto me vivificou na infancia. Escolhi o morro do Alecrim,—esse altar onde os nossos bravos avós sagraram a liberdade da patria; esse punhado de terra que o nosso maior poeta immortalisou.

Era lá de cima, ao por do sol, com os olhos arrasados de pranto, o pulso a latejar de febre, o peito a bater de emoções que eu queria, na mudez melancolica do tombar da noite, dizer o meu *adeus* a essa Caxias... bella como a virgem das florestas que no espelho das aguas se contempla, firmada em tronco annoso.

. . . .

Tive tantas voluptuosidades, tantas scismas divinas, e tanto o anjo da poesia roçou suas pennas de ouro pela minha fronte que escaldava, que busquei no intimo do pensamento qualquer palavra para designar todas as sensações tumul-

tuarias, e tremendo balbuciei com o meu Dias:

Quanto és bella, Caxias!
No deserto
Entre montanhas derramada em valle
De flôres perennaes.

. . . .

. . . .

E a poesia inteira recitei, sentindo em mim uma suavidade estranha. Então os feitos de 23 desenrolaram-se ante mim, em painéis luminosos; e o vulto homerico do Alecrim, apresentava-se-me em toda a sua grandeza sublime.

Para mim, elle era mais que um heróe, era um salvador, era um patriarcha da independencia de minha patria.

Eu saudei aquella sombra que julgava ver no meu delirio de instantes.

. . . .

Quando de lá desci já era noute cerrada, e ao entrar em casa, varios amigos me aguardavam.

Vinham despedir-se de mim.

Eu agradecia-lhes com effusão mais essa prova de sua bôa amisade.

A conversação em todo o seu decurso era morosa, tranquilla, arrastada, quasi sem vida.

Por vezes um ou outro queria animal-a, porém immediatamente cahiam todos nessa tristeza vaga em que a mudez e o silencio são a melhor expressão.

Além de um suspiro baixinho e entrecortado, apenas fallava o *tic-tac* do relogio. Elle, o verdadeiro carrasco na minha dôr!

Impassivel, frio, constante, approximava-me do momento de fél.

A's dez horas as visitas deixaram-me e eu pude todo inteiro entregar-me á minha dôr.

Que momentos mais terriveis na existencia do homem, que esses momentos crueis ?!

Há uma bola que se atravessa na garganta como para suffocar-nos! Uma luva de brasas parece que aperta o coração que chora sangue.

Dos braços de minha mulher voava aos labios de meus filhinhos que dormiam innocentes.

Um sorrir dos anjos do Senhor brincava em suas feições infantis. Coitadinhos sonhavam nas travessuras do dia, incons

cientes da terrivel dôr que rasgava o coração do pae.

Dormiam, e mal sentiam que, emquanto aquellas imaginações adejavam, talvez, em um infinito de rosas, lagrimas bem quentes de saudades amargas os abençoavam. Sorriam... Sorriam! Eram anjos e namoravam os anjos de Deus!

. . . .

O resto da noite procurei conciliar o somno. Mas em vão.

Quando, quasi a descuido, cerrava os olhos, como passando por um dormir ligeiro, sacudia-me o pesadello aterrador!

Pensar, pensar, foi o meu dormir. E deste modo se escoou o resto dessa noite que tantas impressões abriu em meu espirito.

Ao dubio clarear dos primeiros raios do amanhecer, todos os meus, de pé, tratavam de meus derradeiros arranjos, arranjos que só podem ter logar no momento final.

O ar tinha-me a côr de um vermelho pallido.

Da mesma alfaia se me trajava o céo. Eram meus olhos gaseados de pranto dorido, que viam tudo através de semelhante prisma.

Meus filhos, acordados, tinham essa expressão de maravilhados que toda a criança apresenta, inconsciente da verdadeira dôr que os cerca.

Eu lhes dizia os meus ultimos *adeuzes*.

O momento chegou.

Era preciso decidir-me ao sacrificio. O golpe era pesado de mais. Sentira-o na imaginação, porém, não o presentira tão cortador, tão fero!

Uma exaltação febril percorre-me os membros.

Tenho por vezes alegrias, porém, logo a tristeza me aterra.

Alegria e pranto, desalento e esperança, tudo isso de roldão perpassa em minha fronte ardorosa como as mascaras do delirio universal. Não sonho, não retraço um Apocalypse, porque no meio das trevas que me rodeiam, vejo ao longe...ao longe, quasi semi-apagada, bruxolear indecisa uma luz purpurina de esperança.

O instante que exprime sobre nós um seculo de agonias, vem rapido e intransigivel.

Não baqueio desalentado porque apenas presinto... a vida.

Ao atravessar as salas para sahir, meus olhos cahem prescrutadores, ávidos, sobre os moveis, sobre os pannos do muro

como quem lhes dizia um *adeus* intimo. Dir-se-ia que tudo aquillo me comprehendia, que tudo aquillo me respondia.

Parece que nos instantes dolorosos da vida, a materia que nos serviu, que nos rodeia, que assiste ás nossas alegrias, ás nossas tristezas, ás nossas dôres, sente o que então sentimos.

Confundo meu pranto com o de minha familia e o coração estala-se-me de dôr.

. . . .

A's sete achava-me a bordo.

O vapor balanceava de manso, imprimindo um certo oscillar ao corpo.

Ia largar.

De seu canudo de ferro vomitava rôlos de fumo negro, que se perdiam nas alturas, onde o vento os rompia em fitas primeiro, para depois destrançal-as, espalhando-as por bem longe.

No tombadilho, o ruido dos que se despediam, dos que chegavam, encobria o barulho da machina.

Este, soluçava; aquelle, de bordo, enviava um *adeus* prolongado e estridulo a alguem de terra; aquelle outro, removendo os fardos, augmentava o sussurro.

Era uma confusão! Era um zumbido monotono!

De repente, como que rasgando de

dentro de todo esse pelago de murmurios, o grito penetrante do apito de bordo fez-se ouvir.

Aquelle ai agudo de despedida estremeceu-me. Dir-se-ia que uma lamina de gêlo me penetrava n'alma. A impressão foi das mais dolorosas.

Eu senti como que uma mão de bronze a suffocar-me, amarrotando-me de baixo de seu peso descommunal.

Em um momento a respiração parou. O mesmo se passava em todos.

Um silencio glacial e funebre seguiu-se ao vibrante e agudo soar do apito. Como que uma dôr profunda se apoderava de todos. O resfolegar apressado da machina dominava a situação.

Caxias fugia-me !

No instante em que vi distanciar-me della invejei as azas do condor para tornar a vêl-a.

Voaria ao seu seio abençoado :

—Em uma das primeiras voltas do rio
"Ella gazella que o deserto educa
No ardor da sésta debruçada exangue
A margem da corrente."

Desapparecia não dos meus olhos d'alma, mas desses que os vermes do sepulchro hão de roer.

Era somente a Caxias de minha imaginação que podia lobrigar nas horas da saudade.

A outra, sumira-se occulta por detraz das florestas.

—

Aborrecido, com o corpo alquebrado, lasso de fadigas e de dôres, o meu estádo pedia repouso:

Eu sentia a necessidade de descanço.

Desenrolei minha rêde e armei-a na camara.

Ella seguia o balanço do vapor e eu deixava embalar-me com os olhos cerrados. De quando em quando um fio de lagrimas cortava-me o rosto até embeberse na camisa. Eu pensava nos meus, abrindo de proposito as minhas feridas, sentindo voluptuosidade nesse soffrimento que de bom grado me inpunha.

Em uma das vezes que abri os olhos encontrei uns outros olhos fixos sobre os meus. Notei essa insistencia e encarei a pessôa que assim me olhava.

Ella approximou-se e, saccando do bolço uma charuteira, offereceu-me de que fumar. Eu agradeci, recusando. Ella tornou a offerecer e eu tornei a agradecer e a recusar.

Desse modo cortava bruscamente qualquer conversação que esse individuo quizesse encetar.

Eu soffria demasiadamente para poder entreter-me nesse passa-tempo frivolo.

Elle era um velho de seus sessenta annos, mal conservado, que se dirigia ao Maranhão, a negocios de suas *boiadas*. Os cabellos alvos modelavam um rosto masculino e trigueiro coberto de profundas rugas. Seu olhar conservava ainda algum fogo. Trajava com descuido e não com muito aceio.

Nas mãos callosas suspendia um chapéo de palha, de abas largas.

O calor já se fazia sentir.

Aquelle homem que procurava abrir conversação commigo, vendo-se repellido, foi a um canto empunhar uma espingarda de pederneira e debruçado sobre a amurada do barco entretinha-se em balear os ciganos que, inoffensivos, voavam de galho em galho. Em breve foi elle imitado por tres ou quatro amadores.

O vapor cujo nome era *Gomes de Castro,* andava com marcha regular.

Uns centos e cincoenta metros seria a largura do Itapecurú, que se espreguiça torcido sob o sombreado morno e espesso das angaranas com suas flores roxeadas.

De espaço a espaço rompia d'entre o mato as choças de palha com seus fumaes á margem do rio, unico recurso dessa pobreza indolente que se aburaca nesses antros de folhas de palmeira.

Onde faltavam os fumaes, a herva cidreira cairelava ás bordas, enfeitando o leito do Itapicurú.

Nos ramos horisontaes dos joaseiros tomavam sol os cameleões com seus dorsos listrados e faiscantes, offerecendo essa mobilidade de côres que lhes é propria.

Por vezes as balas dos nossos atiradores iam cravar-se nas cabeças dos jacarés, que, á margem do rio, se expunham com atrevimento ao tiro das espingardas, ou apenas o ruido das armas ia afugentar para o interior da mata algum capivara que vinha beber na corrente.

As garças voando isoladas roçavam suas azas brancas pelos leques das palmeiras, que se desenrolavam caprichosas em todo o curso do rio, bamboando suas cabelleiras verdes ao sopro da aragem. Quem estendesse a vista sobre esta massa de arvore, tomaria o ramalhete dessas cotyledoneas como cestos de verdura descançando em campo escuro. Os cipós, partindo-se torcidos em mil braços, ligavam entre si individuos vegetaes de familias

oppostas, ou enroscando-se nos troncos mal seguros davam-lhes forteleza e resistencia, quando não atrophiavam em seus liames os arbustos recentemente nascidos. O verbo harmonioso que rebenta destas solidões, onde a civilisação pouco tem penetrado, tem o tom sublime das cousas virgens.

Ouve-se naquelle resoar de vozes, isoladas, penetrantes, agudas, surdas, asperas, um concerto de uma harmonia divina.

Com o avançar do dia o calor recresce.

Quasi que suffoca.

O sol cahindo das alturas racha o que allumia.

Ao calmoso da estação, a pequenez do vapor, a agglomeração de passageiros, mais do que supporta o diametro da embarcação,—ahi tem-se como deve ser desesperadora essa jornada de um dia.

Comtudo, as maneiras amaveis do commandante, os panoramas soberbos que se desenrolam a cada instante, em scenas inesperadas, dulcificam algum tanto a asperidade da jornada.

Emquanto o corpo se esgota, banhado em suor, os olhos se regalam naquelles quadros imponentos, que só o pincel magico de Jehovah, poderia traçar nessa tela infinita—a natureza.

—

Pouco mais ou menos ás tres da tarde fundeava o vapor na villa do Codó, que fica á vinte leguas de Caxias. Mais desassombrado da minha dôr e á vista daquella cidadesinha que apresentava uma feição camponeza e seductora, meu espirito até alli embebido em um unico pensamento—o de minha partida—como que teve um acordar de tranquillidade.

Senti desejos de espairecer.

Encontrando um companheiro, saltei. Em breve satisfiz o meu capricho, cortando o povoado de um extremo a outro.

Passei em frente a ermida; estava em construcção.

Aqui e alli algumas casas em ruinas ennegreciam ao tempo.

Eram as ultimas pegadas dos grandes cheias, que tanto mal causaram ao pobre Codó, que fica apenas uns seis metros ao nivel d'agua, e cuja topographia é das mais rudimentares.

Na sua mais simples expressão, a sua carcassa apresenta uma rua parallela ao rio com uma população de duas mil e quinhentas almas, approximadamente.

—

Quando me recolhi ao *Gomes de Castro,* elle ainda *mettia lenha.*

D'ahi a instantes preparava-se para caminhar.

A's cinco partia.

As scenas naturaes eram sempre as mesmas, que as que se me haviam desenrolado de Caxias até alli.

Somente o approximar da noite derramava em todos aquelles quadros uma tinta de melancolia que me fazia o coração abrir-se em dôres.

As saudades da familia tomavam novo vulto.

O zumbido da floresta revestia-se de um tom monotono e tristonho.

A vida parecia que se acabava com o morrer do dia. O sol sumia-se por detraz dos arvoredos, esbraseando os céos.

Mergulhava-se em um banho de fogo. No primeiro instante dir-se-ia uma queimada, longe, na extremidade da mata. As antennas das arvores collossaes apresentavam-se como esbraseadas e d'ahi a pouco eram apenas douradas; em seguida dir-se-ia que nellas pintava-se o reflexo de uma luz; momentos depois confundiam-se com as outras arvores, mostrando-se a mata como uma sombra informe, collossal, imponente.

O sol havia desapparecido.

Era noute cerrada.

A's nove parámos em frente ao Coroatá.

Desembarquei e depois de um pequeno passeio, recolhi-me á bordo.

Fatigado de não ter dormido á noite passada, pude algum tanto conciliar o somno.

Ao alvorecer estava de pé.

Ia commigo um amigo, que se dirigia áquella villa para exhumar os ossos da esposa.

Elle convidou-me a fazer um passeio até ao cemiterio, e eu o acompanhei.

Desembarcamos, atravessamos o povoado e d'ahi a instantes achavamo-nos na outra extremidade.

Em tamanho regula o mesmo que o Codó.

Ambas rivaes na lavoura, rivaes no commercio, rivaes na seiva organica, rivaes ainda em população, estendiam-se em margens oppostas. Apenas esta tomava assento em um terreno mais elevado.

A egreja apresentava-se em ruinas.

Como indole, tão bom povo é o de uma villa, como o de outra.

O cemiterio ficava fóra della, cousa de umas duzentas braças.

Tomamos por um pequeno trilho que

rompia pelo matto e que nos conduzia até lá.

Cada um com a sua chibata açoutava os arbustos cobertos de orvalho para não encharcar-se.

Meu amigo ia na frente: eu seguia-o logo atraz.

Ambos nos conservavamos callados. Se falavamos era por monosyllabos.

Elle, mais infeliz, ia ajoelhar-se ao tumulo da esposa; eu, havia apenas um dia que deixara a minha. A sua dôr era mais funda, porem a minha era mais fresca. Ambos soffriamos muito. De quando em quando as chibatas prendiam-se aqui e alli, ou a pouca distancia o matto estremecia.

Com um bom cão teriamos almoçado cutia ou paca.

O ceu era brilhante e eu reflexionava cabisbaixo, inteiramente embebido em meus pensamentos.

De repente elle estacou.

Eu acordei.

Estavamos em frente de um cercado de madeira.

Eu ainda espantado, perguntei: e então?

—Já chegamos.

—E' aqui o cemiterio?

—E'.

Elle abriu uma cancella e nós entramos.

Um europeu julgar-se-ia n'alguma aldeia d'Africa, emquanto que nós entravamos em uma villa do Brasil.

Se na egreja me parecera apenas estragos do tempo, ruinas impossiveis de obstar, pelo cemiterio eu via que aquillo era mais do que ruinas,—era muito desmazello!

O meu amigo dirigiu-se a um tumulo e ajoelhou-se compungido; e d'ahi a pouco orava em prantos.

Eu de pé, um tanto afastado, tinha a alma em torturas e os olhos alagados.

Não podia assistir áquella scena compungidora sem verter lagrimas bem sinceras.

Naquelle logar de tantas dôres occultas, de tantos choros regado, passavam-me pela vista minha mulher, meus filhos, e todos que me eram queridos...

As sombras daquellas cruzes funerarias e mudas enchiam-me a alma de soffrimentos crueis.

Eu me lembrava quantas viuvas, quantos orphãos, quantos amigos, não tinham chorado daquellas mesmas lagrimas que eu chorava e que via chorar!...

Depois de algum tempo, meu amigo

levantou-se pallido, com os olhos vermelhos e os labios algum tanto contrahidos.

Encarou-me e viu-me com o signal de lagrimas, e num olhar eu li-lhe o agradecimento.

Comprehendia-o.

Na dôr todos se comprehendem.

E' geralmente o mutismo a linguagem que então se falla.

Elle fallava-me com eloquencia.

Convidou-me a dar um passeio pelo cemiterio.

Eu accedi.

Bem cedo percorremos aquella morada. O estado despresivel della mettia dó!

As cruzes quasi que desappareciam no meio daquelle matagal.

Uma ou outra que se mostrava limpa de parasitas, ou estava derreada, ou achava-se quebrada: poucas eram intactas.

Nas covas mais recentes via-se um buraco.

Se estivesse no antigo Egypto, ou na America da descoberta, eu comprehenderia aquelle oculo.

Interrogado sobre elle, responderia: é por alli que os parentes do defunto offerecem todos os dias iguarias aos seus manes. Mas, no Brasil, não nessa religião

que fazia adorar Osiris, nem Thaoth, e ao contrario, bem catholico, bem apostolico e bem romano, era estranho, não para mim, mas para qualquer estrangeiro.

Aquelles buracos eram feitos pelos tatús, que se regalavam na ceia dos cadaveres!

Todas as noites tinham estes convivas ceias fartas ao luar silencioso e mudo.

Os corpos que se recolhiam áquella triste morada, estavam seguros de ser mais bem disseccados que sobre qualquer mesa de marmore de algum amphitheatro medico.

—

Sahidos do cemiterio, tomamos pelo mesmo caminho direito á villa, e ahi separei-me de meu desventurado amigo.

Elle ficou para exhumar os ossos da esposa e eu segui para bordo.

A's nove fumegava o vapor e partia.

Pouco a pouco distanciava-me dos meus.

Apesar do grande calor, a viagem era agradavel.

Pelas oito da noite fundeamos em frente a cidade do Itapecurú.

Saltei para distrahir-me.

A lua brilhava em toda a sua gala.

A claridade branqueava as folhas das arvores e vinha tremer sobre as aguas.

Na mouta perto chilreava a cigarra, mais distante piava a curuja sua nenia melancolica.

Percorri a cidade em algumas direcções. Ainda que hoje não seja mais a mesma Itapecurú de outr'ora, conta mesmo assim uma população de suas cinco mil almas.

Eu, palmilhando aquellas ruas silenciosas e tristes, custava a crêr no que via e que fosse a mesma Itapecurú de outros tempos; a Itapecurú que pretendera rivalisar em ostentação com a capital.

Coitada! hoje viuva da fortuna, traja os lutos desse esposo inconstante e chora o seu abandono.

A estrella de ouro que brilhava em seus céos de azul, passára a allumiar outra mais venturosa, até que por sua vez tambem não se enfadasse.

Cedo recolhi-me a bordo.

—

A's seis da manhã deu-se a *baldeação*, isto é, a mudança de vapor. O *Pindaré*, para o qual nos passamos, já nos esperava. Depois de haver recebido a carga e os passageiros levantou o ferro e partiu. Seriam sete horas.

Esse vapor era de dimensões mais amplas, porém de marchas iguaes.

Do Itapecurú para baixo o rio começa a alargar-se consideravelmenente. Então já não é mais essa veia d'agua, tortuosa, quebrada,—é um rio navegavel, franco, aberto.

O calor dos dias antecedentes continuava abrasador, insupportavel.

Ao meio dia parou o *Pindaré* em frente a fazenda Bitantouy.

Ahi fundeava elle a espera da maré, e, como a subida das aguas ainda tardasse, nos resolvemos a saltar e ao mesmo tempo ir visitar o engenho e cannaviaes dessa fazenda.

Com a franqueza e boa vontade dos nossos fazendeiros, assim fomos recebidos. Depois de um pequeno repouso na *casa grande*, tomámos a direcção dos cannaviaes. Em toda a fazenda a agua era levada por bombas, que se succediam de espaço a espaço.

Os trabalhos eram executados na melhor ordem, com methodo e simplicidade. Os mais recentes inventos, as mais vantajosas machinas sobre a sciencia agricola, applicavam-se ahi com sabedoria. As terras eram revolvidas á charrua, como na Europa. Os systemas mais aperfeiçoados

de engenhos e que mais vantagens se poderiam auferir, por experiencia, nas lavouras de Cuba e dos Estados Unidos, encontramos ahi funccionando.

Louvamos o bom tratamento das terras, dos escravos, a moralidade do trajar dos moleques e a limpeza externa das pretas.

Depois de esmerilharmos com paciencia e deleite todos os recantos da fazenda, retiramo-nos geralmente accordes em taxal-a de fazenda modelo.

Os pessimistas, não sem muito fundamento, acrescentaram que o retroceder da provincia e o seu atrophiar na agricultura era devido a que todas as fazendas não seguissem por exemplo a esse bello modelo, que tão facil e á mão se apresentava. Eu em parte concordei com essa asserção, reservando-me algumas attenuantes.

Agradecidos, e patenteando ao dono da fazenda toda a nossa admiração, recolhemo-nos a bordo.

—

A's tres já havia maré e o vapor proseguia em sua marcha.

O rio de um lado e outro era enfeitado de jussareiras e de bananeiras bravas. Já não se apresentava tão copado, como até

ao Coroatá. As aves, aos centos, pousavam nos galhos daquellas arvores, ou esvoaçando de ramo em ramo, mostravamnos as vozes, umas destoantes e asperas, outras repassadas de melancolica harmonia. Eu, já um pouco libertado das grossas nuvens de dôr que pesavam carregadas sobre mim, entrava com mais animação e uma especie de recreio nas conversações. Ora um contava uma caçada a que assistira, ou narrava uma epopeia de um caçador amestrado; ora outro, lançando uma vista retrospectiva sobre as paginas do passado, pintava suas aventuras de rapaz, simples, quasi todas, porem cheias de fogo e originalidade.

Quando os meios de distracções me faltavam, eu acendia um charuto e dava de redeas á imaginação, deixando esvoaçal-a pelo mais infinito do meu ideial.

Meu futuro então esbatia-se em côres luminosas.

Eu gosava de assim pensar.

Por vezes, quando já nem o charuto me satisfazia, assentava-me á pôpa do barco e com os olhos errantes seguia a esteira de espumas que elle abandonava atraz de si.

Ahi nesse extase, que de proposito

procurava, perdia horas inteiras esquecido de mim mesmo.

—

A's seis e meia chegamos a villa do Rosario. Ahi já a proximidade da capital se faz sentir.

Os habitantes procuram tomar uma tintura de cidade. Grande numero de casas são assobradadas e a egreja já é mais espaçosa.

O commercio é mais activo e as necessidades materiaes da vida encontram meios de se satisfazerem mais amplamente. No inverno o sitio é pantanoso e humido, no verão, porém, reune á salubridade o agradavel e o eminentemente fertil. E' de lá qne nos vem o melhor abachy da provincia.

—

Depois de haver percorrido a villa em algumas direcções, para bem estudar-lhe a physionomia e alguns de seus elementos interiores, recolhi-me a bordo. Fatigado do passeio, não tardei em dormir, e até de manhã dormiria se as *pragas* o consentissem.

Mal apenas cerrava as palpebras, ou ficava immovel, um bater de azas zumbidor

vinha murmurejar perto das orelhas. Quando a embriaguez do somno me não deixava afastar o insecto importuno, via-me obrigado a erguer sobresaltado e levar a mão á qualquer parte do corpo, onde uma empôla crescia. Era uma *praga* que acabava de cravar-me o seu aguilhão doloroso.

Todos a bordo se queixavam do encommodo que os taes animaesinhos causavam. Poucos podiam dormir. Os de epiderme mais bem tratada eram as victimas escolhidas para esse holocausto sangrento.

Nosso corpo servia de pasto da maneira a mais cruel. Só pela manhã nos livramos de tão massadores visitantes, pois que só a essa hora podia o *Pindaré* seguir viagem. Não assisti a esse momento, por que dormia então.

Ressarcia com avareza o que perdera toda uma noite. Mas, quando me deleitava no melhor dos bocados, no mais harmonioso dos pedaços, um estampido de canhão fez-me estremecer e acordar.

Aquelle tiro era o aviso ao pratico.

Vinte minutos depois, um bóte atracava ao navio.

Era o pratico que vinha.

Depois de verificar que havia maré, seguimos á marcha batida.

Fez-se na embarcação um socêgo morbido. Todos os corações se cerraram e muitos olhos se fixaram sobre o pratico, que, travado do leme, tinha em suas mãos todas as nossas vidas.

O quadro era sublime e ao mesmo tempo com algum tanto de aterrador. As pedras collossaes irrompiam aqui e alli sem symetria, sem cuidado.

Algumas desenhavam-se em fórmas reaes. Outras apenas deixavam-se cobrir pelas aguas, de modo que ao menor oscillar dellas apresentavam suas corôas verdes de limo. O rio, atravessando aquelle campo de rochedos, abraçava aquelles pedaços de pedras e depois de momentanea luta, quebrava-se em borbotões—correndo em uma esteira de espumas.

Naquelle amphitheatro o sussurro era enorme.

Eu, encostado á amurada do barco, de cigarro á bocca, dando de largas á imaginação, fui distrahidamente errar aos tempos da Roma Imperial.

Para mim era então aquelle quadro, como a traducção fiél de uma arena de gladiadores.

Se era o Coliseu da Urbe, ou o Circum Trajanus das Iberias, não sei.

O murmurio surdo das vagas, partin-

do-se de encontro aos monolithos, era o ruido evoado das bancadas de marmore; aquellas pedras, cumes de montanhas, cujas bases dormiam occultas no profundo das aguas, era cada uma o seu personagem. Esta, o athleta que se torce na luta barbara; aquella, dir-se-ia a féra prostrada, vencida pelo pulso gaulez, ou germanico; est'outra, a virgem dos christãos que se entrega cheia de fé nas maravilhas do seu Deus, ás garras potentes do fulvo leão da Nubia, ou do rajado tigre da Hyrcania, que a hão de esphacellar.

Todo este imaginar era apenas um sonho e quando acordei delle me achava fóra da Cachoeira.

Em uma hora passamos por aquelle caminho aberto entre precipicios. Foi uma hora de roçar pela morte.

Ahi já a estructura do rio era outra. Os quadros que elle bordava tinham outras paizagens. A irregularidade de sua marcha era notavel. Ora muito estreito, ora muito largo; a cada passo cavado de bacias, só mangue cairelando-lhe as margens lodosas. Bandos e bandos de guarás, ou voavam dando ao horisonte uma tinta esbraseada de fogo, ou então, pousado nos ramos curtos dos mangues avermelhavam grandes extensões.

A quantidade de carangueijos e outros mariscos era imperceptivel.

A agua mostrava-se mais turva. A proximidade do oceano não enganava.

Em breve entramos na celebre bahia do Boqueirão, horrorosa travessia para os que por ahi navegam.

A maresia empolada e crespa, sacode o navio em balanços infernaes. Ora arremessa-o a topar com as nuvens, ora parece que o faz desapparecer em seus escarcéos medonhos.

Ao longe é o oceano que se estende a beijar no infinito; mais perto, os olhos marejados de pranto buscam ver boiar sobre as vagas do Itacolumy, os restos desfigurados do immortal poéta brasileiro.

. . . .

—

Ao meio dia fundeamos em Maranhão.

Apenas o vapor havia parado, multidão de bótes o rodeavam, como bandos de formigas cahindo sobre a mesma presa.

O mar que vinha lamber-lhe os bojos era completamente coalhado dessas embarcações ligeiras. que, balouçadas pelas vagas, sempre tumultuosas, roçavam na amurada do *Pindaré*.

De todos estes esquifes erguiam-se

braços musculosos, offerecendo-nos transportar á terra.

Aquellas vozes, umas destoantes, umas roucas, outras estridentes, e todas pouco mais ou menos cantadas, misturavam-se sem ligação, produzindo um ruido surdo, uma algazarra desconexa.

D'ahi a instantes o tombadilho achava-se repleto de catraeiros.

A invasão fôra rapida e desordenada.

Aquelle bando de alarves rodeavamnos, perseguiam-nos, massando.

A's vezes viam-se quatro e cinco sobre a mesma presa, que, torturada de suas exclamações, de suas offertas, atirava-se passivas á mão de uma delles.

Todos disputavam o ganho com uma especie de egoismo estupido.

Eu, depois de ouvir bôa quantidade delles, escolhi um ao acaso, que me levou á rampa de palacio.

Ao approximar-me de terra, depois das boccas de fogo do baluarte, o que me feriu a attenção foi o thesouro provincial, obra que reune á solidez a simplicidade da architectura. Bem via que chegava á uma capital.

Quando o escaler mordeu as pedras da rampa, achava-me um tanto borrifado, levantei-me e paguei ao seu dono, que res-

muneou primeiro, para depois pedir-me uma *quebra*· Como queria livrar-me breve de semelhante massador, tirei da algibeira uns cobres e satisfiz-lhe a ambição, dando-me socêgo.

Fiz um ganhador, preto, retinto, e musculoso tomar-me as malas e dirigi-me a casa de meu irmão e socio.

Subindo a rampa entrei no Largo de Palacio. Ao lado esquerdo levanta-se um casarão, caiado de ocre amarello, assobradado, janellas rasgadas. Era a casa da presidencia, annexa á diversas secretarias e repartições publicas. Passei indifferente por esse edificio, sem ser preciso descobir-me, como ainda há um seculo meus avós o deveriam ter feito em igualdade de circumstancias. Essa ideia incendeu-me a bilis.

Felizmente que distava desses tempos em que um governador mandava açoutar despoticamente um habitante que não tirasse o chapeu, ao avistar a *sacra habitação*.

Custou-me a crêr no que via e que houvesse milhares de homens que consentissem e que sustentassem calados e passivos o peso execrando de um tyranno, unico, absoluto, arbitrario! E que sem

tartaramudearem executassem-lhe as ordens as mais ante-racionaes possiveis!

Mas isso era de minha parte um espantoso ridiculo. Eu, filho do seculo desenove, falando com severidade do seculo desoito, sem lembrar-me dos problemas obscuros que offerecerá elle ao seculo vinte.

Como este não desdobrará as prerogativas de alguns, em face da lei e do direito escriptos! Com que sorte de despreso para a nossa idade não virá elle com physionomia ridicula, pequenina, julgar do perjurio de dois de Dezembro! Como explicará elle a escravidão em um paiz, ao lado da liberdade de imprensa!

Talvez que, desanimado da analyse, estenda os braços, enclavine os dedos, e, com a fronte pendida, murmure como Hamleto, no seu famoso monologo: *To be or not to be.*

—

Continuando pelo Largo de Palacio, em minha frente avulta-se a egreja da Sé, primeiro templo que se construiu na provincia. Escuro pelo tempo, denegrido pela intemperie, ameaçando ruinas, espera impassivel que para as Kalendas se lembrem delle.

Talvez tenham cocegas de prestar-lhe

a mão quando não restar, do seu passado, mais que as pedras do adro.

Em frente á Cathedral, dobrei por uma rua não muito larga. De um de seus lados havia grades de ferro. Reparei então, veio-me a ideia um cemiterio. Appliquei a vista por uma das grades; vi flôres, arvores, canteiros; appliquei melhor, busquei um sarcofago, uma cruz, nada encontrei a não ser vasos e canteiros.

Não podia ser senão um jardim. Dirigi-me ao preto que me carregava as malas e perguntei-lhe—que é isto?

—*E' passê publico, mê sinhô.*

Nisto vi abrir-se em minha frente meia folha de uma porta gradeada. Quiz entrar por curiosidade, e, quando subia a escada, lá de cima um mulato, mal vestido, com um bonét de soldado, disse-me, não com delicadeza, que não se podia ahi entrar. Eu então fiz-lhe a mesma pergunta, que havia momentos fizera ao preto, e elle respondeu-me como este. Perguntei-lhe então o que era preciso para ter accesso áquelle adyto. Elle respondeu-me que uma licença.

Sahi contrariado, encontrando na rua o preto, parado, com as malas na cabeça.

Quando me dirigi a elle, retorquiu-

me com um mal desdenhado sorriso de mofa.

E' passê publico, mé sinhô, mas branco não entra dentro, não, está sempre fechado.

Comprehendi o preto, mas não respondi-lhe ; continuei a caminhar em direcção á casa de meu irmão, que já devia esperar-me.

. . . .

—

Depois de haver posto em ordem os meus negocios, passei a esperar pelo vapor que deveria conduzir-me a Lisboa.

Os dias de semana passava-os na loja todo entregue aos meus affazeres, e os domingos destinava-os aos passeios e diversões.

Precisava bem de distrahir-me, para assim melhor poder supportar as armaguras de uma longa viagem e de uma cruel separação. Por vezes mettia-me no bond e ia parar ao Cutim; outras só chegava ao Largo do Quartel; e nas noites de luar espairecia, sentando-me nos azulejos do Largo dos Remedios.

Ahi, em muda contemplação, avistava meia ennevoada a estatua de marmore do mavioso cantor de Coema. Pelas cordas de pedra de sua lyra parecia que a brisa da noite gemia silenciosa e muda. Ao mesmo tempo que me extasiava ante a personificação do grande homem, roçavam-me pela mente todas essas lutas mesquinhas porque teve que passar o homem que tivera a feliz lembrança de ennobrecer a sua terra natal com esse padrão glorioso que lembra ao estrangeiro sequioso de novidades, que aquelle perfil de marmore é a effigie do primeiro poeta lyrico brasileiro.

Achei pouco, mesquinho, vergonhoso mesmo para o nosso brio nacional, que déssemos em marmore o que nos legou em ouro o poeta maranhense! Ao menos que o bronze corresse no cadinho que o deveria retratar!

A praça onde se levantava o pedestal, com pouca luz, descuidadamente tratada, indigna ao verdadeiro patriota que véla pelos negocios de seu torrão!

Quando me retirava do meu passeio, já um pouco tarde, passava, então, em frente ao Quartel, um dos melhores edificios desse genero que existe em todo o Imperio.

Depois de rir-me do seu ignobil conteudo, elaborava mentalmente como houvesse um rei que derrubasse de seu posto de graças a um cortezão que naquella obra não fez senão dar o luzimento devido ás ordens regias.

Se as sommas que naquelle momento se gastaram tivessem sido no levantar de algum convento, talvez que a benevolencia realenga fosse posta em contribuição. Num reinado, porém, em que os jesuitas condemnavam o Marquez de Pombal, só as riquezas dadas á hypocrisia tinham razão de ser malbaratadas. Com Maria I no throno era coherente essa maneira de pensar de todo um povo.

Tomada a minha passagem no *Amazonas*, só aguardava com impaciencia a sahida do vapor.

Os dias pareciam-me lentos, insupportaveis.

Finalmente, a 12 de Outubro de 1877, deixei saudoso as plagas de meu Maranhão.

Quando vi primeiro afastar do ancoradouro o vapor, que fugia rapido, depois sumir-se nas aguas o pharol do Itacolumy, e em seguida apagar-se-me da vista en-

nublada pelas lagrimas os derradeiros vestigios de terra, a minha dôr até alli um tanto sofreada, rebentou em peso.

O meu soffrimento foi eminentemente cruel.

O vapor jogava como um louco.

Nos primeiros momentos quiz combater o estado de prostração e nausea em que esse balanço incommodo me levava, porém, vendo que as forças me desamparavam, atirei-me sobre um beliche e, em um torpor completo, apenas de leve dava signal de vida.

O que se passava commigo era com todos. Todos, ou quasi todos os passageiros, estavam atirados aqui e alli com uma bacia ao lado. O enjôo era geral; não poupava a nenhum dos meus companheiros. Apenas guardava os caldos, que só tomava de vinte em vinte quatro horas Se acontecia nesse intervallo pedir algum, tinha a certeza de não ser attendido.

Recebiamos o peor dos tratamentos e bem tarde nos arrependemos de haver tomado semelhante vapor.

Eu sentia profundamente o mau agasalho. Sustentar-lhe as consequencias era o nosso unico refugio. Assim o fizemos.

Só ao approximar o vapor das costas do

Ceará, animei-me a subir ao tombadilho.

As ondas cavadas faziam-n'o carcalear como um pôtro na arena. Meio reclinado em uma cadeira de braços admirava o soberbo espectaculo que se me apresentava. Atraz de mim, eu olhava; era o infinito dos céos tropicaes cosendo-se com o lençol espumoso das vagas atlanticas; em minha frente, a barra de azul ferrete das serras da Ibiapaba, borrando a limpidez da atmosphera; em torno de mim, destroços de espumas que se quebravam em terriveis embates.

Pouco a pouco fomos nos approximando de terra.

Os contornos das altas serras melhor se desenhavam.

Aquella unica linha recta, de uma côr uniforme, já se apresentava ondulosa.

Instantes depois o quebrar das corôas era bem sensivel; até que as arestas claras e empinadas dos dorsos angulosos das montanhas, se me apresentavam nuas, quasi do tamanho natural.

O sol do meio dia reflectia naquella toalha nitente de areia onde vem assentar-se a risonha cidade. A uns tresentos metros de terra fundeámos.

As costas desabrigadas daquellas paragens rasgavam-se patentes á nossa vis-

ta, que, num relancear infinito, abrangia aquella serpente de prata, se enroscando em tronco annoso.

Assim dir-se-ia do desenho que se me apresentava, vendo as costas do Ceará de um vôo d'aguia.

Com o fundear do barco, todos nós passamos a contemplar a gentil cidade, que naquelle momento era a guarita de milhares e milhares de desgraçados.

Depois de percorrermos, de admiração em admiração, a escala do enthusiasmo, cousa natural contemplando-se um panorama novo, a conversação cahiu sobre o tratamento que até alli haviamos recebido. Então o clamor foi geral; todos, sem excepção, queixavam-se em termos asperos e desabridos. Eu, mais do que nenhum, fazia sentir a influencia de meu espirito, já predisposto a encontrar tudo mau.

Sobre as vagas, aqui, alli, apparecia uma aza branca cortando o espaço. Era uma jangada que passava.

De longe não se lhe differençava mais do que a vela, que, tombada, parecia querer mergulhar-se nas aguas. Muitas dessas vélas perdidas no oceano dirigiam-se para o nosso barco e no meio dellas singrava desaffrontadamente o escaler da visita.

D'ahi a pedaço aquelles cysnes cearenses abordavam-nos.

Feita a visita, tomei uma jangada e saltei. Desejava passar longe de bordo os oito dias de demora naquelle porto.

De mais, vindo pela segunda vez ao Ceará, conhecia ahi um amigo a cuja casa dirigi-me e onde, depois desse preludio banal de alguem que chega de viagem, aboletei-me a vontade.

Essa cidade, posto que seja o palco onde se representa a horrivel tragedia da fome, caminha a taes passos de gigantes na via escabrosa do progresso, que até apresenta dois ramaes de caminho de ferro. Os trens como os de muitas cidades da Europa tem a mesma velocidade na marcha. Calcule-se agora que se a cidade gosasse de um porto como o do Maranhão, ou fosse doada de um recife como o dominio batavo legou a Pernambuco, calcule-se a que gráu de prosperidade não se teria erguido o Ceará. Mas alli o homem tem de lutar contra todos os elementos, contra todos os revezes da fortuna.

Emquanto todas as suas irmans, emquanto toda a America, toda a superficie, são cortadas de ríos caudalosos e vastos, apenas algumas estreitas arterias peren-

nes, regam a provincia, que está exposta de tempos em tempos aos horrores da fome.

A illuminação da cidade, a sua bella edificação, em nada invejam ás de muitas cidades da Europa.

Suas ruas espaçosas, francas e bem calçadas, guardam o mais caprichoso aceio.

E' seu commercio um dos mais animados das regiões do norte do imperio. A sua exportação é assombrosa. Em annos de bôa safra já têm d'ahi sahido duzentas mil saccas de algodão, cento e trinta mil de café, sem falar na de pelles, cujo numero sóbe a milhões, e na de laranjas que já tem attingido a mais de duzentos contos.

Mas, todas as suas bellezas, todos os seus encantos, toda a sua actividade e animação eram então empanadas por um quadro tetrico e desolador.

A secca se fazia sentir com todas as suas terriveis consequencias; e milhares de filhos do povo — que a fortuna jamais bafejára — vagavam pelas ruas da cidade implorando o obulo da caridade publica.

Compungia immensamente ver tantos desherdados da sorte estenderem as mãos supplices, que a desgraça escarnou, e pe-

direm com a voz quasi extincta pela dôr e supremo soffrimento, um bocado de pão para matar a implacavel fome, que lhes ia minando a existencia.

Não ha coração que não sangre de dôr, ainda mesmo o do homem mais indifferente ás miserias humanas, contemplando semelhante quadro.

Pallidas, exhaustas, sombrias, desfillando a passos lentos, essas pobres creaturas affiguravam-se-me espectros evocados dos tumulos a peregrinarem pela terra.

A historia da secca do Ceará é longa e dolorosa ; deixemos de registrar aqui scenas tão pungentes, tão infindas de agonias, que abatem e amesquinham o homem — esse pigmeu que na sua estulta vaidade se julga um gigante, na phrase expressiva de um escriptor, e passemos adiante.

—

Desejoso de percorrer alguns logares dos arredores, onde já tinha andado na minha primeira visita, reuni-me a alguns amigos e tomamos a linha de Maranguape.

O caminho de ferro em todo o seu trajecto vai sempre beirando as altas serras da Aratanha, fracção dispersa da grande Ibiapaba, tão notavel na historia da colonisação da provincia, pelo sacrificio que ahi teve logar na pessôa do primeiro Jesuita que ou-

sou até essas paragens escabrosas e desconhecidas levar a sublime doutrina de Christo.

Depois de alguns momentos de agradaveis caminho de ferro, paramos na cidade de Maranguape. Ahi tomamos cavalgadura e nos dirigimos ao riacho da Pirapóra, onde pretendiamos tomar banho.

A bacia natural onde me banhára, aberta entre um colosso de pedra macissa e a fralda da serra, era de tanto atractivo que diriamos fosse aquellas paragens o logar favorito onde se refrescara a verdadeira Iracema dos tempos do dominio indigena.

A agua de uma limpidez purissima deixava contar atravez sua massa meia azulada as pedrinhas que alcatifavam o leito do rio.

—

Em 8 dias mettera o vapor carga e se dispunha a partir.

E assim levantamos ferro a 28 de Outubro, pelas 5 horas da tarde.

A noite se aproximava.

Era partido de saudade que deixava a Fortaleza, essa princeza que dorme embalada pelos affagos do atlantico. Contemplando-a de bordo, recahiu meu olhar sobre o seu bello bello Passeio Publico, que se

achava em obras. Ahi minha imaginação voou arrebatada e foi parar aos campos de um passado cruel e sanguinario.

Um turbilhão de idéas affluio-me ao cerebro. Todos os phantasmas gerados pelo despotismo e oppressão passaram aterradores pela minha mente abrasada.

Lembrei-me de que alli naquelle logar, onde outr'ora foram executados tantos paladinos das liberdades publicas, teriam de rebentar louçans do seio da terra flôres de mysticos perfumes.

Um verdadeiro contraste : o hediondo e o bello, o crime e a innocencia, a treva e a luz, a açucena e o goivo, o rouxinol e o mocho, um passado de torturas e um presente de gosos, e, finalmente, a morte e a vida...

Sim, porque aquelle local, escolhido para as diversões publicas, fôra em algum tempo o carrasco de tantas consciencias puras e crystalinas ; de tantos mensageiros do bem, que combatiam pela liberdade da patria, comprimida aos grilhões aviltantes de uma côrte corruptora e venal. Elles possuiam a imperturbabilidade do crente, tinham a seu lado a razão e a justiça, e como tal preparavam-se ousadamente para a luta, enfrentando-se com

ambiciosos que queriam dividir o grande imperio em seu proveito.

Venceram os ultimos; porque os primeiros não poderam chegar ao campo glorioso das vastas e generosas ideias e não foram ouvidos perante os tribunaes da Historia.

Ah! mas o sangue precioso de tantos heróes, derramado no seio fecundo da mãe patria, hade inevitavelmente surgir transformado ainda na arvore maravilhosa da liberdade.

Do Ceará em diante o tratamento melhorára consideravelmente.

A maior parte dos passageiros, já livre do importuno enjôo; subia ao tombadilho. Os dias passavam-se mais agradavelmente.

A sociedade era escolhida e bôa.

Ainda que o pouco numero das senhoras fosse sensivel, comtudo, a alegria, a vida, o impulso nos jogos não faltavam. Velhos e moços nivellavam-se no momento da diversão.

A marcha do vapor era bem distincta. O mar conservava essa inconstancia que o caracterisa.

Dias de uma calmaria pôdre succe-

diam-se a dias de maresia cavada; outros, então, uma brisa de feição fazia a embarcação correr de manso como se fôra em um *mar de rosas*.

O capitão, quasi que só o viamos ás horas da comida, ou quando ajudado de seus pilotos, ia tomar a altura do sol.

De tempos em tempos lobrigavamos na vastidão das aguas o desenho vago e frouxo de uma véla perdida na immensidade. De longe as embarcações se saudavam na linguagem nautica.

D'onde vinham, para onde iam, quantos dias boiavam sobre as vagas, era o encetar da conversação. Quando nos separavamos uma tristeza profunda nos abatia.

Seis dias antes de avistarmos terra, notamos pela prôa bandos e bandos de gaivotas, que seguiam a embarcação, comendo os restos de comida que atiravam ao mar. Aves de grande vôo acompanhavam a velocidade do vapor, ora pousando nas agulhas de seus mastros, ora sentando-se sobre as vagas.

Com a apparição daquellas aves aquaticas todos nós sentimos grande alegria, pois viamos que a proximidade de terra era certa.

As costas de Portugal não poderiam

distar: era questão de dias, senão de horas.

Em todos os semblantes pintava-se a mais feliz das harmonias.

A monotonia da viagem se fazia sentir.

—

Finalmente ao acordar do dia 7 de Novembro vimos com deslumbramento os contornos indecisos da terra de Camões.

Avidos, todos subiram ao tombadilho procurando seguir as menores curvas que primeiro se nos mostravam.

Deixando no meio das aguas a Torre do Bugio, passamos perto de S. Julião da Barra e entramos em Lisboa, que despertava.

A sua entrada é imponentissima.

A cidade derramava-se em morros, vindo morrer nas aguas correntes do seu soberbo Tejo.

Cascaes, Passo d'Arcos, Dafundo, Pedrouços, foram se mostrando á nossa contemplação até Belem, em frente do qual paramos.

Ahi todos os olhos iam descançar no grandioso templo, que lembra os dias gloriosos da conquista indiana. Para quem nunca sahiu de uma terra como o Maranhão, cujo porto não é lá dos mais importantes, fica deslumbrado ante a vista da

famosa cidade que a historia legendaria dá por fundador o herôe Trajano, que Homero immortalisou na Odysséa.

—

A visita vinda a bordo, o Capitão entregou-lhe os papeis.

Nós com o coração preso tinhamos os olhos fixos sobre o mastro grande, onde deveria tremular o trapo amarello, que era o aviso de nos recolhermos á ***prisão sanitaria***.

Se por accaso nossa vista voava do tôpo do mastro, era para ir esbater-se naquelle casarão caiado de ôcre amarello, que tem o nome de Lazareto.

Depois de um certo espaço de tempo em que o medico lia os papeis, desfraldou no mastro grande o pendão desbotado. Olhamo-nos mutuamente e baixamos a cabeça com essa resignação hypocrita de quem segue, obrigado, uma resolução. Embarcamos na falúa e nos transportamos ao cáes. Ahi começou o nosso martyrio, martyrio longo e cheio de espinhos. Nossas malas foram levadas para o armazem das bagagens, e em seguida mostraram-nos uma ingreme ladeira, que nos conduzia áquelle exilio.

Subimol-a escoltados por um pelotão

que nos vigiava, no meio da chuva que se derramava a cantaros, fatigados da viagem, doentes quasi todos, alguns nem se podendo ter de pé.

Nosso vapor não havia trazido *carta suja*, soubemos ; mas isso era o mesmo, pois aquelle estabelecimento, longe de ser uma medida hygienica, é ao que parece uma fonte de receita publica. Levamos oito dias nessa nova Bastilha. Para cumulo de nosso maior enfado fomos intimados a entregar toda roupa suja, que traziamos, para ser lavada. Ainda se assim fosse... Mas não ! a roupa que nos foi entregue toda molhada, trazia ainda o odôr nauseabundo do panno sujo abafado e nesse estado vimo-nos obrigado a trancal-a nas malas, pois que, só a hora da partida, podemos recebel-a.

—

Os oito dias marcados para a quarentena, foram lentos, é verdade, porem passaram-se.

Ao raiar do dia da liberdade parece que nos haviam arrancado do recepiente de alguma machina pneumatica.

Já respiravamos melhor.

Um bóte de alugel veio buscar-me. Despedi-me com alegria do Lazareto, que me ficou gravado na memoria com côres negras.

Embarcando no escaler que deveria levar-me a Lisbôa, contemplei por alguns segundos aquelle espectro dos pesadellos d'agonia, acavalleirado no alto das montanhas que fronteiam a cidade de Belem. Retirei meus olhos de sobre aquelle antro do obscurantismo, com merecida indignação.

Fiz largar o bóte e embalado suavemente pelas aguas do Tejo, fui gosando em arroubo o desenho magico da Odalisca Lusitana, que se senta com molleza sobre o dorso de sete montes, como a favorita do Oriente se estorce com febres de hysterismo sobre os coxins do seu divan de pelle de tigre.

Com uma população de tresentas mil almas e um dos portos mais bem talhados do universo, era para Lisboa guardar em si innumeras fontes de riquezas e servir de emporio e celeiro ao mundo inteiro. Mas, desgraças humanas! A terra que germinou o pinho donde foram talhadas as quilhas do *Vasco da Gama*, a terra que pela sua posição geographica e indole de seu povo poderia photographar a Tyro dos Phenicios, não passa hoje de uma des-

graçada protegida da orgulhosa Albion, que manda em suas aguas dormir as esquadras senhoras dos mares.

E' sarcasmo que em frente ao Rastelho invernem as náus dominadoras dos mares, tremulando em seus tôpos o singelo pendão das quinas. Se os manes dos Alquerques rebentassem do não existir se desfariam em poeira açoutada pelas rajadas sudéstes.

O soberbo cáes que beira a margem direita do rio, onde se entorna a cidade com suas tresentas e cincoenta e cinco ruas e duzentas egrejas, feriu-me bastante a attenção pela solidez com que me pareceu ser feito. Ao atravessar o Tejo cahiu-me a vista primeiro sobre um grande caixote negro que rompe do seio das aguas, a que dão o nome de dóca fluctuante, e em seguida sobre uma barca bem caiada, toda crivada de janellinhas, que se baptisou com o epitheto pomposo de *Deusa dos Mares*.

E' uma barca de banhos, que no verão é atropellada pelos encalmados, cujas posses ou affazeres não permittem ir até uma das infinitas praias do reino.

De longe, atravéz das florestas de mastros oscillantes, enxerguei sobranceiro o muito celebre Castello de S. Jorge,

que outr'ora abrigou toda população de uma cidade e que hoje serve de Quartel de Infanteria e presidio militar.

Do Lazareto ao Cáes das Columnas, onde parou o escaler que me conduzia, nada que, apresentasse (ao menos pelo exterior) alguma importancia, escapou á minha observação.

Saltando em terra, entreguei minhas malas a um homem de fretes, que recebe o nome patronimico de *gallego* e indiquei-lhe o Hotel Gibraltar. Metti-me em um trem de praça e dei-lhe a mesma indicação, dizendo que fosse a passo. D'ahi a momentos o carro rodava pela vasta Praça do Commercio, conhecida vulgarmente pelo cognome de *La vem um*. Levado pela curiosidade propria de um *touriste*, debrucei-me em uma das portinholas do trem e comecei de ver a *Felicitas Julia* dos romanos.

O cocheiro, conhecendo em mim um bom «brasileiro», ou um homem generoso, executava minha ordem com mais zêlo do que lhe pedira.

Os cavallos dormiam ao influxo da harmonia das chicotadas, que não penetravam mais naquelle couro empedernido. Eu, porem, aproveitava naquella marcha.

—

Quando, subindo a rampa, entrei na Praça, a minha ideia sobre Lisboa treplicou em proporções collossaes.

Nunca, até então, me achára em uma praça tão grande, e aquella me parecera uma cousa desmesurada.

Com effeito, é uma elegante praça, sem ser comtudo a ***primeira do mundo***, como querem os portuguezes.

E' um quadrado vasto, dando a sua base principal ao Tejo.

No centro ergue-se a unica estatua equestre que tem Lisboa.

Este monumento, erecto no anno do grande terremoto, que só a energiá do sabio ministro de D. José I poderia fazer-lhe não só frente, como utilisar-se delle a seu proveito, representa o rei trajando gala e montado em um soberbo corsél, que morde os freios em marcha altiva. A attitude tanto do cavalleiro como do cavallo, é de grande expressão artistica, e tem de altura uns trinta e dois palmos. O modelo é do celebre Joaquim Machado, que a imaginação popular apraz-se em vêl-o manêta, para assim nunca fazer a estrangeiro obra igual. Isso mostra ao vivo até onde a vaidade real se transforma em gratidão.

A estatua assenta sobre um socco de pedra, onde mostra do lado do rio a effigie em bronze do Marquez de Pombal.

Opposto a esse medalhão, irrompe um alto relevo representando a generosidade realenga, que levanta do abatimento a cidade arruinada. O grupo do lado do nascente é a victoria que esmaga os inimigos, e o do poente a fama proclamando através de sua tuba sonorosa as glorias immortaes dos portuguezes na Asia e Africa.

Quando se ergueu esse monumento, Portugal, ainda que não todo por terra, esquecido, precisava já de viver da vida do passado.

Ladeando essa praça e como que formado os lados do quadrado, estão os edificios das repartições publicas.

A Bolsa e o Tribunal do Commercio, acham-se no torreão do nascente, e no resto a do edificio a Alfandega.

No torreão opposto encontram-se os ministerios de Marinha e da Guerra, ficando a Delegação do Correio, ministerio das Obras Publicas, etc, fronteiros á Alfandega.

Situados ao norte e junto ao do Credito Publico, estão os ministerios da Justiça e do Reino, Supremo Tribunal de Justiça, enfechando todos estes edificios em um

centro, d'onde assoberbado sae o Arco da Rua Grande, destinado a conter o relogio da cidade.

A architectura deste monumento é vulgar, ainda que elegantissima. Da cimalha rompem quatro estatuas em marmore: Viriato, o defensor da liberdade luzitana; Vasco da Gama, o piloto que estreiara as glorias indigenas; D. Nuno Alvares Pereira, o leão de Aljubarrota, sustentador da independencia nacional, e o Marquez de Pombal, restaurador da patria, o politico habilissimo.

O cocheiro passou por baixo do Arco da Rua Grande, espaçosa e bem edificada, ainda que as casas mostrem o typo acanhado e a falta de gosto de architectura do seculo passado.

Esta rua, parallela e rival da do Ouro e da Prata, é pela sua posição topographica, uma das mais lindas que conta a capital. Grandes armazens de fazendas e algumas livrarias, eis o que nella superabunda. É essencialmente uma rua commercial. A concorrencia nos *dias de semana* é ahi em larga escala.

—

Passo a passo desembocou o trem na elegante Praça do Rocio, grande quadrila-

tero calçado de mosaico em serpentinas brancas e negras, tendo no centro a estatua de Pedro IV, eregida em 1870. O fallecido monarcha, de pé sobre um hemispherio, olha para a entrada de Lisbôa. Repousa o bronze sobre uma columna de marmore, tendo na base quatro allegorias: a prudencia, a justiça, a fortaleza e a temperança.

A estatua dá as costas para o Theatro de D. Maria II, fundado com o fim de levantar o drama portuguez do barbarismo e mau gosto a que chegára. Foi a grande obra de Almeida Garret. O edificio levanta-se sobre os alicerces do antigo palacio da inquisição. Transformações humanas!

Naquelle recinto, ainda no seculo passado, desprovidos da sorte, carbonisavam-se em bois esbraseados, ou gemiam sob as torturas; e hoje vêm o drama, a caricatura e a comedia dar gargalhadas!

A entrada principal é ornada de seis bellas columnas, sustentando a empena, onde se desprega em alto relevo o Deus da Poesia com as sete musas.

Corôa todo este conjuncto a estatua de Gil Vicente, que dá os lados para Melpomene, Thalia, as duas engraças filhas do Parnaso.

As estatuas, da aurora, do meio dia, da tarde e da noite acabam a ornamentação.

Nesse Theatro representam-se dramas, quer originaes, quer escriptos em linguas estranhas, e, geralmente em baixa e mesclada linguagem, onde o portuguez estropeado e coberto de retalhos francezes, é assassinado sem decôro.

O preço dos logares (plateias) é de quatro e cinco tostões. A sociedade não é das mais escolhidas.

—

O trem sempre a passo, depois de subir uma ladeira de pouca inclinação, bastante frequentada, parou em um portão de um palacio. Estava no Hotel Gibraltar. Paguei ao cocheiro e fiz subir minhas malas.

Logo ao primeiro beijo este hotel não me agradára.

Era muito bonito, com effeito; porem eu vinha a Lisbôa para estudar e não para figurar; portanto, alem de ser pesado á bolsa era encommodo ao mais.

Pensando logo em mudar-me, fiquei ainda por alguns dias, d'onde, pela posição do hotel, desfructava da janella toda a rua do Chiado e as outras duas que vem cortal-a perpendicularmente.

Estava assim no amago de Lisbôa, no seu melhor local.

No fim, porem, da primeira semana,

depois de minha chegada, já não habitava mais o sumptuoso hotel, mas, muito melhor e tranquillo em uma casa particular. Era uma habitação burgueza, limpa, onde eu estava quasi em familia.

Comecei immediatamente com meus estudos e nas horas de recreio applicava-as na visita da cidade e seus arredores.

Até então nunca tendo sentido o frio, supportava-o agora corajosamente, ainda que o sentisse com violencia.

O trajar das varinas causou-me espanto, bem como as senhoras de familia andarem só pelas ruas. Esse espanto era motivado, não pelo facto de não ser isso habito no Maranhão, mas pela coragem de se exporem a ouvir as mais insulsas chalaças.

Muitas vezes tive occasião de vér homens bem vestidos, porem de baixa educação, arremessarem galanteios os mais indecentes e vulgares.

Quem viaja pelas grandes capitaes e vê até que ponto chega a polidez e acato para com as senhoras de familia, melhor julgará do effeito que póde produzir no espirito estrangeiro essas grosserias e insolencias.

Tirarei daqui o perfil da phisionomia da sociedade portugueza ?

Não.

Julgar de todo um povo por factos não

isolados, porem que quero suppor geraes e tirar dessa experiencia o seu grau de civilisação, é demasiado, talvez; mas por isso não deixo de ver a sociedade portugueza algum tanto rude e apenas em estado de germinação para o limite perfeito do progresso.

—

Apregoando os jornaes o alto merito da Companhia Lyrica, decidi-me a ir ouvir cantar o *Trovador*.

A's sete e meia achava-me em uma cadeira do S. Carlos.

Era dia de semana.

O theatro apresentava pouca concorrencia.

A sala parecia sem vida.

A *troupe* andou geralmente muito bem. A *dama* teve movimentos sublime.

Nessa noite assisti quanto o portuguez está longe de ter uma educação musical. Tive a dôr e espanto de ver a plateia dominada por um certo grupo de *marialvas*, que pateiam e applaudem, segundo lhes vai pela mente, sem critica, nem bom gosto, atrapalhando assim aos que pretendem ouvir com socêgo.

O theatro é um edificio de proporções avultadas. Foi construido em 1793 pelo risco do *Scala* de Milão.

A sala tem todas as exigencias acusticas. O preço dos logares é demasiadamente barato.

Como theatro tem Lisbôa ainda outros, entre os quaes se nota o da Trindade e o Gymnasio. Ambos assentam na mesma rua : um proximo do outro. O primeiro faz subir a scena, sempre, comedias, farças e operas comicas, tudo traduzido ! O seu interior é decorado com elegancia e modernismo. O segundo é menor e leva dramas e comedias. De todos os theatros onde a representação é em portuguez, é onde a lingua mais se eleva. Nesse tem ido as peças de Antonio Ennes.

No dia 1 de Dezembro, coube-me assistir a festa da independencia, anniversario glorioso da revolução de 1640, em que o portuguez, em horas, sacudio o jugo barbaro de sessenta annos de despotismo.

A noite houve uma illuminação explendida. Os edificios publicos, todos embandeirados, cerraram os seus trabalhos.

Nos theatros levaram a scena os feitos immortaes de Maria de Vilhena. O nome de João Pinto Ribeiro, voava em todos os labios.

Principe Real e Rua dos Condes, fizeram um serrabulho de uma pagina da historia deslumbradora e grande.

Não me esqueci de percorrer os templos mais notaveis, deixando o de S. Domingos, para nelle ir assistir a festa do nascimento do Salvador.

Vi o Loreto, os Martyres, a Magdalena, a Graça e muitos outros.

Apresentam todos elles uma architectura meia moderna e sem phisionomia propria, sendo pela maior parte restaurados e alguns totalmente reedificados depois do grande terremoto de 1755.

A egreja de S. Roque, que foi dos Jesuitas, é uma das mais notaveis, senão a primeira da capital. Nella está a celebre capella de S. João Baptista, mandada construir em Roma por quatorze milhões de cruzados.

Era nesses pios empregos que D. João V entendia que deviam fundir-se a riqueza que o Brazil todos os annos mandava á metropole sequiosa e perdularia!

Essa capella, armada na Igreja de S. Pedro, em Roma, foi sagrada por Benedicto XIV, onde, por essa occasião, disse missa Sua Santidade.

Só d'ahi a dois annos foi ella mandada para Portugal.

O centro é de mosaico e os dois retabulos do tecto são de marmore de Carrara. A riqueza, toda pompa e esplendor d'arte na Renascença, ahi se patenteiam prodiga-

nente, ainda que seja em um espaço muito limitado. Os maiores artistas foram postos a soldo pelo fundador das Odivellas. Miguel Angelo, Guido, Raphael Urbino, ahi emparelharam, em obras immortaes, seus genios audazes, favorecidos.

A Annunciação da Virgem Santissima, que occupa o lado direito da capella, foi obra de Guido, celebre pintor da escola de Bolonha.

No lado esquerdo avulta em uma descida do Espirito Santo, o desenho sublime de Raphael e Miguel Angelo, o florentino gigante mostra naquella sua pintura muscular, S. João baptisando Christo no Jordão.

Este quadro occupa o centro.

Toda a Capella é sustentada por columnas de lapis-azuli.

Innumeras pedras preciosas, como, amethista, alabastro, granito do Egypto, roxo antigo, etc, recamam a capella, cujos ornatos são de bronze dourados.

Seus dois candelabros e a lampada são de prata massiça, de um trabalho do mais supino valor.

É esta capella uma das cousas mais importantes a ver em Lisbôa.

—

Na vespera do Natal fui assistir a missa na egreja de S. Domingos.

Ainda não tinha percorrido esse templo, o mais vasto da capital.

Sua architectura é moderna, sem apresentar, comtudo, nada de notavel a não ser as suas bellas columnas de marmore.

Fui a esta festa não tanto por um dever religioso, como para distrahir-me. Soffria grandemente por não poder passar esse dia em companhia dos meus, como até então o fizera. Tinha saudades dos presepes de minha patria e da sociedade dos amigos.

Quando voltei da funcção vinha arrependido de lá ter ido.

Lembrei-me da missa de gallo de minha terra e preferira aquella.

O que fui buscar a essa egreja? Calor, empurrões, fadigas e mau estar.

Uma nuvem opaca de incenso obscurecia o ambito, pesando na atmosphera viciada por tantos milhares a respirarem ao mesmo tempo.

Approximando-se a abertura do parlamento, ou das côrtes, como se diz em Lisbôa, provi-me de um bilhete e preparei-me para o acto.

No dia dois de Janeiro reuni-me a outros amigos e partimos ás horas convencionadas. Depois de algumas subidas e desci-

das, que são a topographia summaria da cidade, paramos em frente de um velho palacio. Chegavamos ao edificio onde deveria ter logar a augusta solemnidade.

Esta casa foi um antigo convento que, com a expulsão dos jesuitas, passou a ser o parlamento da nação portugueza. Architectura é crime buscal-a ahi. E' um casarão com essa phisionomia torva e insipida de um avarento em oração.

A entrada principal é só patenteada aos deputados, pares do reino, embaixadores estrangeiros e ás damas. Nós, os homens, resignamo-nos a ter ingresso por uma portinha que deita para um pateo todo esburacado e cheio de lama a atolarnos até os joelhos.

E' demasiado incomprehensivel como o governo de um paiz da Europa, deixa nesse abandono a séde do seu poder. Só mesmo o desmazello dos nossos avós, de quem somos dignos imitadores e successores rectos, póde mostrar tal indifferença

Não sem muita difficuldade, por causa da multidão que era grande, galgamos as galerias publicas, para onde tinhamos ingresso.

Em breve o recinto dos assistentes se

preencheu com o devido tempero de muito barulho, empurrões, disputas, etc.

Eu que na vespera havia sonhado achar-me em uma sala deslumbrante de magnificencia, prenhe de originalidade, vasta, bella, rica, vi com pesar a quéda de minhas illusões.

O recinto é acanhado, sem a mais pequena pintura de bom gosto.

O assento dos deputados é de palhinha e por detraz da cadeira do presidente, vê-se o retrato a oleo de sua magestade ! Eis toda e ornamentação da sala do parlamento.

Custou-me a crer no que via, ainda que a entrada me houvesse de ante-mão preparado o bom gosto.

Depois de muito esperar naquelles bancos de páu, com assentos insupportaveis, appareceram alguns magnates.

Quasi todos vinham fardados.

Os portuguezes assemelham-se aos turcos : gostam de tudo que dá na vista.

O mar dos agaloados foi subindo, subindo, até que ás quatro e meia appareceu o rei, que fez a sua entrada ao som do hymno nacional.

Sua magestade veio acompanhado do condestavel D. Augusto, seu irmão, e do ministerio.

O rei tomou o throno e sentado sobre

o manto recebeu do ministro do Reino o discurso da Corôa.

Abriu-o e leu com voz pausada e arrastada. Seu portuguez é muito cerrado e tem algum tanto de aspero que fére os ouvidos.

Findo o discurso da corôa, que, como todos os discursos de aberturas deste genero, são reformas sobre reformas, promessas sobre promessas, mentiras sobre mentiras, sua magestade declarou aberta a sessão e em seguida retirou-se.

O ministerio devia ter grande opposição, pelo numero exiguo de deputados que a essa cerimonia compareceu.

Sahimos com chuva e o resto do dia conservou-se humido e chuvoso.

As ruas montavam lama por todas as sahidas.

Ainda que não perdesse qualquer passeio util, meus estudos marchavam regularmente, conseguindo assim associar o util ao agradavel.

—

Nas quintas feiras é quando se encontra mais movimento publico patente ao estrangeiro ; e portanto em uma quinta feira almoçei mais cedo do que costumava, e, em companhia de dois amigos, tomamos um trem e dirigimo-nos ao Aqueducto das

Aguas Livres. É realmente um monumento digno desse nome. A sua extensão é de dezoito kilometros, assentado na galeria por onde são conduzidas as aguas sobre cento e vinte arcos.

Ainda ahi foi o dinheiro do Brasil que levantou essa obra, começada em 1723, no reinado de D. João V. Vinte annos duraram os trabalhos, importando em doze mil contos fracos.

Na Ribeira de Alcantara eleva-se o arco maior, que tem de altura setenta e oito metros. O deposito das Amoreiras, conhecido pelo nome de Mãe d'Agua, contém doze mil pipas d'agua. Foi essa obra a primeira que entre portuguezes executaram para o abastecimento d'agua na capital.

Visto este monumento, dirigimo-nos á Imprensa Nacional, que fica proxima ao Bato.

O estabelecimento é grande, ainda que de uma apparencia desagradabilissima. Todos os trabalhos relativamente á arte typographica, fundição de typos, typographia, etc, são ahi executados com a maior perfeição, sem em nada invejarem aos estrangeiros. O que mais me prendeu a attenção, por me ser totalmente desconhecido, foi a impressão das cartas de jogar. De todos os trabalhos é o mais curioso.

Deste estabelecimento passamos á escola Polytechnica. Depois de uma visita rapida ao edificio, internamo-nos no seu museu. Nada de notavel ahi se vê. Possue ricas e bem organisadas collecções de zoologia, mineralogia, etc. A architectura do edificio é elegantissima e solida. No mesmo estabelecimento fica o observatorio de D. Luiz, unico na capital.

—

Desejava sahir de Lisbôa tendo visto tudo que nella há de notavel.

Em um dia, pois, de paciencia e que encontrei companheiros, continuei com minhas excursões.

Fomos visitar as *Ruinas do Carmo*, que contêm o museu de archeologia.

Essas ruinas, soffrivelmente abatidas, erguem-se nas proximidades do Chiado. Estes bocados de marmore, cobertos de limo, meio por terra, são os ultimos restos de uma egreja gothica, levantada pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o capitão da Ala dos Namorados, no dia glorioso de Aljubarrota.

O terremoto que se lhe seguiu em 1775 e o incendio destruiram esse monumento.

Em quanto ao museu que ahi se guarda, sua importancia é pouca ou nenhuma. Compõe-se de diversas lapides romanas,

Passamos pelas Janellas Verdes e vimos o palacio da antiga Imperatriz do Brasil; e seguindo pela Pampulha sahimos da cidade pela porta de Alcantara.

De longe avistamos o cemiterio dos *Prazeres*, com seus tumulos de marmore, irrompendo d'entre uma floresta de cyprestes. Depois, cortando por todo esse bairro de operarios, que vai até Belem, passamos pelo Calvario, famoso Jardim Mythologico, de outr'ora, e hoje transformado em cocheiras reaes; o Passeio da Junqueira, a Cordoaria; grande fabrica, unica em seu genero que tem a capital.

Em seguida, rasgamos o Largo de Belem, onde fica um dos palacios reaes, e continuando por toda essa estrada, fomos parar á porta do grandioso Mosteiro de Belem.

Descemos do trem e ficamos extaticos ante a fachada d'aquelle templo.

A minuciosa esculptura arabesca e a profusão de ornatos encantou-nos.

Contemplando esse imponente monumento como que os grandes dias da gloria portugueza vieram á lume.

Eu me diria no reinado do venturoso D. Manoel, seu fundador. Acolá, atraz de mim, parecia que escutava o rangir das náos carregadas, vindas da India e trazen-

do com as suas especiarias os louros dos Pacheco, dos Silveira, e de todos os heróes dessa epoca de heróes !

Penetramos e o claustro maravilhou-nos. Toda essa architectura manuelina é de um aspecto nobre. Aquellas columnas parece que expandem harmonia de suas curvas.

Esse monumento foi levantado, como já disse, por D. Manoel, para commemorar a descoberta da India por Vasco da Gama.

O edificio levanta-se no mesmo logar em que embarcára o grande capitão. Debaixo daquellas abobodas repousam as cinzas de muitas pessôas reaes.

Percorremos toda a egreja e em seguida entramos na Casa Pia.

Este estabelecimento é o extincto convento dos Jeronimos.

Nelle é admittido um certo numero de rapazes, onde aprendem a instrucção primaria e diversos officios mechanicos.

Gostamos da bôa ordem e limpeza do estabelecimento.

Voltados a Lisbôa, deixamos marcado o dia que deveriamos partir para Cintra e Mafra.

No momento designado todos se achavam a postos.

Era cinco da manhã quando partimos para Cintra. Fazia frio e algum nevoeiro.

Sahimos da cidade pela porta de S. Sebasteão da Pedreira.

Passamos por Bemfica, o mais lindo de todos os arrabaldes.

É uma povoação de palacios meia occulta nas quintas que ficam a beira da estrada real.

Um pouco mais distante da estrada ergue-se o extincto convento dominicano que frei Luiz de Souza descreveu e poetisou, em seu estylo sublime.

Continuando com a estrada alcançamos o Alto da Parcalhota, e desviando-nos a esquerda, deixamos successivamente Luz, pequeno logarejo, onde se vêem as ruinas de um convento destruido pelo terremoto; mais adiante Queluz, onde há um palacio real e quinta. Ahi nasceu D. Pedro IV. O leito funebre ainda se mostra. No palacio o mais notavel é a sala dos embaixadores, e no jardim os jogos d'agua.

Depois de atravessarmos um chão pedregoso, d'onde de quando em quando vêm suavisar-nos a viagem, panoramas da serra de Cintra, que de longe se avistam, cortamos pelo palacio real do Ramalhão, onde a rainha D. Carlota residio depois de 22, e seguindo por um caminho verdejante, fomos

a S. Pedro. Ahi torneamos a serra e depois de alguns metros de marcha, entramos em Cintra.

Davam nove horas.

Paramos no Hotel Sant'Anna. Pedimos almoço e acabado este partimos.

Demos começo á nossa excursão pelo palacio real e antiga Alhambra dos reis mouros. Uma mistura de todos os estylos, eis a architectura que predomina nesse palacio. Percorri a sala das Pegas, um quarto todo pintado com essas aves, a sala dos Corvos, onde se vêem desenhados os 74 brasões da primeira nobreza do Reino, a sala onde D. Sebasteão reuniu o ultimo conselho antes de partir para a Africa.

Em seguida alugamos cada um o seu burrico e seguimos para o palacio da Penha. Este antigo convento dos Jeronimos, fundado por D. Manuel, é hoje de D. Fernando, que nelle reside parte do anno.

O bom gosto artistico deste rei e as grossas sommas que alli tem gasto, tornaram essa inculta e despresada guarida fradesca de outr'ora, o mais aprasivel ninho de amor.

A vista que d'ahi se gosa é surprehendente, incomparavel, grandiosa.

Em frente ao palacio, levantado em um pincaro da serra, fica o Castello dos

Mouros. Inexpugnavel para os tempos em que D. Affonso Henriques o conquistou. Possue hoje apenas suas ruinas, uma mesquita quasi por terra e uma larga cisterna que pode conter agua para mais de seis mezes.

Continuando a percorrer o palacio admiramos a architectura gothica do edificio ; subimos ás torres, descemos á capella, onde deslumbrou-nos a architectura do retabulo de alabastro que a exorna, encantou-nos as sumptuosidades das salas particulares e as curiosidades artisticas que nellas se contem.

Baixando do palacio fomos descançar na Fonte dos Passarinhos, onde bebemos a mais limpida e melhor agua daquella cercania. Naquelle aprasivel sitio, fresco, obscuro, coberto de arvores colossaes, sombreado, doce, demoramo-nos algum tempo. Em seguida fomos ao Chalet que fica na baixa, construido expressamente para a condessa d'Edla, mulher de D. Fernando.

A bacia de camelias que se estende na esplanada, onde assenta esse pequeno ninho suisso, é um dos quadros mais mimosos que tenho contemplado. Toda a Quinta é de um arranjo digno do maior enthusiasmo.

Deixando o palacio da Penha dirigi-

mo-nos á Penha Verde, deliciosa quinta, construida por D. João de Castro, o famoso vice-rei das Indias, digno successor de D. Affonso de Albuquerque e um destes raros portuguezes, ainda não corruptos, que appareceram sobre o tablado por vezes enlameado das vergonhas luzas, nesse theatro onde se desenrolava a epopéa luminosa — o Imperio Portuguez nas Indias !

Dessa quinta recolhemo-nos ao hotel

Era hora de jantar. Jantamos, e ás cinco e meia tornamos a sahir. Fomos percorrer a villa.

Pequena reunião de beccos e viellas, estreitos e immundos.

O quanto tem de lindo e poetico os arrabaldes de Cintra, tem de prosaico e sujo a villa propriamente.

A noite recolhemo-nos e bem cêdo metemo-nos na cama. Fatigados das grandes marchas que haviamos feito durante o dia, o somno não tardou em vir visitar-nos, sendo cordealmente recebido.

No outro dia de manhã, antes de almoço, percorremos as quintas do Marechal Saldanha, da Baroneza de Rigaleira e do Marquez de Pombal, todos os grandes pontos de vista e amena situação. Depois de almoçarmos tomamos para a quinta de Mont-

Serrat, vivenda luxuosa de um lord inglez. A casa de mais riqueza em Cintra. Foi do celebre Beckford, litterato millionario de Inglaterra, que viveu no seculo passado.

Trabalhamos algum tempo para que nos permitisse a entrada, mas nada conseguimos.

Não pouco irritados dirigimo-nos à quinta do Relogio, agradavel e rica situação de um endinheirado brazileiro.

Em seguida fomos aos sitiaes.

Ahi demoramo-nos por espaço de meia hora, contemplando esses logares, onde em 1808, assignou-se a celebre convenção entre Wellington e o general Junot, garantindo a independencia de Portugal e a expulsão completa dos francezes.

Cedo jantamos e cedo partimos para Collares. O caminho bem calçado, largo, é todo ladeado de formosas quintas. O passeio é dos mais aprasiveis.

Depressa chegamos ao logar designado e, mettendo-nos immediatamente em botes, percorremos a celebre varsea, logar favorito das imaginações poeticas.

Os copados alamos quasi que cobrem o leito do rio.

A corrente é fraca e os bótes bem talhados resvalam de manso por sob aquelle ameno docel de verduras.

Em Collares não se encontra cousa a ver senão a varzea.

D'ahi tomamos para a Pedra d'Alvidar, logarejo onde se nota uma enorme pedra massiça, que rompe quasi perpendicularmente das areias da praia.

E' curioso como os habitantes da aldeia sobem e descem por esse declive com uma velocidade de corso.

Com pouco dinheiro pagamos a alguns *garotos* esse divertimento que nos deram.

—

Era ao cahir da tarde quando voltamos de Cintra, onde passamos a noite. No dia seguinte às seis da manhã deixamos esse jardim de odaliscas, tão decantado pelo celebre poéta de D. Juan.

Fomos a Cintra na melhor quadra. E' a estação das flôres.

O perfume que ahi se gosa tem alguma cousa de oriental. Tudo é risonho, tudo é bello, nesse manancial de amores.

Quando perdemos de vista essa enamorada filha dos archanjos, senti como que uma saudade melancholica repousar-me a alma. E' que partia de Cintra, sem poder firmar quando tornaria a vêl-a, essa ditosa morada que tanto me captivara.

Nosso carro, chegado ao Sitio de Pero,

Pinheiro, tomou a direcção de Mafra. Ahi apeamo-nos quasi á hora do almoço.

Um dos meus companheiros, grande entendedor da arte culinaria, incumbio-se de fallar a estalajadeira, e quando voltou prometteu-nos uma sorpreza.

A' nossa curiosidade aguçou-se e creio mesmo que pelo effeito da imaginação, a fome apressou-se em visitar-nos.

A' hora indicada a sorpreza teve logar. Realmente sorprehendeu-nos o soberbo peixe que nos foi servido. Até então, em Portugal, nunca tivera comido um mais bello *pargo*.

A villa da Mafra é muito abundante em piscinio, devido a approximação da villa da Ericeira, que lhe fica apenas a sete kilometros de distancia.

Acabado o almoço puzemo-nos em marcha para o celebre e enorme convento edificado por D. João V, que alli enterrou sommas incalculaveis. Quando o ouro brasileiro poderia servir para levantar Portugal do abatimento em que jazia, devido ao dominio hespanhol, sua magestade christianissima esbranjava-o nos marmores inuteis destas casarias, destinadas a allimentar a preguiça de milhares de homens inuteis á nação e nefastos á sociedade.

Calcula-se que trese annos foram precisos para acabar-se este grandioso monumento, que só tem um unico merecimento —o ser enorme, colossal, despropositado!

Desenove milhões de cruzados novos foi a sua importancia!

Quarenta e cinco mil operarios nelle trabalharam!

Do alto das torres é que se contempla favoravelmente toda a extensão daquella hypopotomo de pedra.

Férem muito a attenção os celebres carrilhões, que tocam perfeitamente qualquer musica. Nós ouvimos então o nosso hymno brasileiro, que fez um grande effeito no bronze dos sinos.

Veio-me a lembrança o Brasil, e uma saudade dolorosa penetrou-me n'alma. Meus olhos cobriram-se de lagrimas.

Em seguida fomos á sala da bibliotheca, repartição do mais alto valor, no seu genero.

Ahi vimos o celebre caldeirão, onde se cosia carne para os frades.

Era de um peso enorme! Só a guindaste poderia ser levantado

Admiramos o luxo da parte do edificio, destinado á morada da familia real, quando apraz-lhe passar alguns dias nessa vivenda tristonha e sombria.

Depois de demorarmos algum tempo na egreja, onde se vêem alguns tumulos de pessoas reaes e quadros de grande merito, e ao mesmo tempo as pegadas dos vandalos, que vieram a Portugal nas hostes desordenados do vencedor de Austerlitz, percorremos um pedaço da tapada.

Ahi costuma o rei caçar com assiduidade. É uma nesga de matta bem entrançada, onde se criam veados, coelhos, codornizes e outras caças.

A's quatro da tarde demos por finda a nossa visita a essa maravilha do rei piedoso, mas foi tal a variedade de tantos objectos, de tantas cousas soberbas, que passou pela nossa vista, que trouxemos a imaginação confusa e accumulada de pedaços desconnexos.

Jantamos e partimos para Lisbôa, onde chegamos ás onze da noite.

—

De volta a capital e já satisfeito de excursões, só aguardava com impaciencia o dia de minha partida, por ter feito em Lisboa os estudos que me detinham. Havia mais de seis mezes que ahi estava e o tempo urgia. Habituado a emoções de viagens, não sentia grandemente ter de despedir-me e abandonar a patria de Camões. É verdade que ahi já tinha alguns amigos, porém,

quasi todos elles eram filhos dessas relações faceis que unem os homens com a assiduidade do contacto.

Dias antes de retirar-me assisti á procissão do Senhor dos Passos.

Achei-a mais ou menos regular. Os anjos que seguiam o andor pareceram-me cuidadosamente trajados.

Na capital de minha provincia estas festas religiosas são levadas com muita pompa. O luxo que nesse dia reina em S. Luiz, é espantoso, rivalisando com o que se estadêa em Lisbôa.

. . . .

—

Chegou finalmente o dia de minha partida. Depois de algumas visitas de despedidas embarquei no *Liguria*, que deveria deixar-me em Liverpool, para onde se dirigia. Seguia viagem sem o menor receio de entrar nessa villa ambulante, verdadeira náo do seculo XVI, no comprimento e corpolencia dos bojos.

É esse vapor um dos mais vastos e mais seguros da companhia do Pacifico.

A's cinco largara.

Era a 20 de Abril. O sol, enfraquecido, apenas dourava o cume das elevadas montanhas com seus raios obliquos. Ia gosar do

explendido panorama da sahida de Lisbôa, atravéz de um outro prisma.

Era ao cahir da tarde que ia ver sumir-se nas aguas a cidade, cujo papel no seculo XVI foi dos mais notaveis.

Ainda há seis mezes lobrigava-a de longe, ao amanhecer, brotando feiticeira de sua coca de neblinas ; hoje ia vêl-a affastando-me pouco a pouco de suas plagas, mergulhando-se no pêgo verde-negro de suas aguas tumultuosas.

O vapor quebrava as ondas de manso, balouçando-se ao correr da brisa sua pluma negra.

Meus olhos embebiam-se no pincaro das montanhas, que bordam as duas margens do rio, descançando sobre os povoados qne, como corôa real, se engastam nellas. Do Castello a Palmella, levara-os ao palacio da Ajuda, que assenta no alto de Belem. Este palacio, que apenas tem um terço concluido, é a residencia real.

Foi começado por D. João V.

Sem contar as sumptuosas salas, as compridas e largas galerias, a soberba architectura, as mobilias e ornamentações de subido valor, possue o palacio um explendido museu de quadros e antiguidades, e uma espaçosa e bem escolhida bibliotheca.

Deste palacio, que de longe apresenta como que uma photographia de um palacio de marfim, meus olhos seguindo o dorso das montanhas, vem de declive em declive cahir sobre a torre de Belem, erecta por D. Manoel sobre um rochedo, que formava uma ilha, mas que hoje é peninsula.

Este monumento é como que um accessorio aos Jeronimos. Naquella obra vê-se o cunho do mesmo pulso. O monarcha que enviara Vasco da Gama ás Indias, que levantara um templo no mesmo logar em que embarcara o audaz portuguez, precisava erguer uma torre, de cujo alto podesse divulgar o tôpo dos mastros de suas armadas, que demandavam a entrada da capital de seus vastos estados.

Na *Sala Regia*, duas pessoas collocadas nos angulos oppostos, conversam perfeitamente sem que uma outra fixa entre ellas as possa ouvir. Durante a guerra da liberdade muitos liberaes apodreceram em seus humidos subterraneos.

Em seguida apparece a praia de Pedrouços, concorredissima na epoca dos banhos, e, em frente á margem opposta deram meus olhos com o celebre casarão caiado de ôcre amarello, que tem o nome de Lazareto.

Senti um fervilhar de iras que há seis mezes estavam arrefecidas...

Já encoberto com o panno do crepusculo enxerguei Carcavellos, notavel pelo bom vinho que produz, Oeiras, por ter sido ahi a residencia do Marquez de Pombal, e mais adiante a muito insigne Torre de S. Julião da Barra.

Então já as costas de Portugal se desenhavam confusas e irregulares no panno da noite, que se desenrolava silenciosa.

Assim deixava completamente Lisboa, a rival de Constantinopla e Napoles, como os enthusiastas fanaticos o dizem.

Essa cidade, que outr'ora sentira em si bater constantemente um peito guerreiro, sequioso de lutas, ora para fazer correrias aos mouros, ora para repellir as pretenções de sua visinha, e mais tarde para as conquistas das praças africanas e emporio as Indias, hoje rompe com prosperidade pela senda de um porvir brilhantissimo.

A configuração de Portugal é montanhosa, no geral.

Uns tresentos cursos d'agua regam-lhe as terras. A abundancia de mineraes é extraordinaria, sendo apenas agora que os genios ambiciosos lançaram suas vistas sobre este panno dourado.

Segundo sua posição geographica, é o paiz mais temperado da Europa. Seu clima é dos mais amenos e agradaveis.

Todos os cereaes e legumes, fructas, etc., dão com franqueza em seu solo. O vinho é talvez a maior riqueza do Reino.

A sua exportação é extraordinaria. Bons annos de safra já tem dada novecentas mil pipas!

Em todo o paiz, que é de tres milhões e quinhentas mil almas, apenas existe uma Universidade, fundada em Lisboa nos principios do seculo XIV.

O desenvolvimento fabril e as vias de caminho de ferro, vão dia a dia tomando proporções avultadas.

—

O *Liguria* vinha do Rio de Janeiro, trazendo para mais de mil passageiros, e d'entre elles dois frades, grisalhos, vestidos de panno côr de rapé, alambasados e repugnantes.

Todos a bordo se arredavam delles com visiveis signaes de desagrado. Estes dois celibatarios dirigiam-se a Jerusalem. Iam em piedosa romaria beijar as pedras do Santo Sepulchro, orar no Jardim das Oliveiras, resar sobre o Calvario.

Eram ambos italianos, de Napoles.

O mar conservava-se cavado.

Ao dobrar o cabo de Finisterra o vapor jogava como um doudo. Vinha comnosco o muito conhecido pianista portuguez, Arthur Napoleão, que nos suavisava as horas espaçosas com o seu variado e bem escolhido repertorio.

O instrumento sobre as aguas parece que toma um tom plangente e melancolico que dóe n'alma.

O eximio artista por vezes tocou-nos composições arrebatadoras. A assembléa dos assistentes era sempre muito numerosa e as palmas resoavam pela camara do navio.

Dos passageiros mais antigos havia um já de idade, olhos brilhantes e negros, folgasão,contador de historias e anedoctas e inimigo encarniçado dos frades, com quem logo travei relações. Era um *engenheiro* italiano.

O bom do homem ficou tão meu amigo a ponto de contar-me a sua historia e alguns episodios de sua vida aventureira.

Educado em um seminario de Napoles, recebera ordens e entrou para um convento. O emprego que lhe coube foi o de esmolér. Todas as quartas feiras montava em um burro e ia percorrer as aldeias dos arredores, pedindo esmolas para o convento. Os bons dos christãos, fanaticos e

ineptos, enchiam-n'o de feijões, farinha, batatas, carne, vinho, etc.

A esmola que o nosso mendigo recebia com mais uncção e onde a benção era mais longa, era quando recebia o precioso "sangue de Christo", que raras vezes chegava intacto ao convento.

Bem poucas vezes entrava pela *cerca* em seu perfeito juiso; outras, então cahia do burro e ficava estendido na estrada toda uma noite até que o viéssem levantar.

Farto, porém, dessa vida, tratou em machinar a sua fuga.

Um dia que fôra do mesmo modo cardar aos fieis e que a colheita se apresentou mais crescida, não appareceu ao convento; e dirigindo-se a uma cidade visinha, vendeu burro e fazendas e apresentou-se ao exercito de Garibaldi. Foi acceito e ahi militou por espaço de muitos mezes, até que na defeza de Roma, foi ferido e cahiu prisioneiro.

Tornou-se espião e voltou a França no exercito de Odilon Barret. Em Paris casou-se e tornou-se *comis voyageur*.

Em uma das viagens a Portugal, por lá ficou e nunca mais soube da mulher. Em Lisbôa empregou-se como guarda-livros em uma casa bancaria e passando-se ao

Brasil, lá dissera-se engenheiro e lá ganhara a fortuna com que agora retirava-se para a sua terra.

—

Chegamos a Bordeaux ás nove horas da manhã do dia 23.

A maior parte dos passageiros ahi desembarcou, inclusive o meu amigo italiano.

Ahi passamos o dia emquanto o vapor dava descarga.

Desembarquei um pouco e fiz uma rapida visita a essa antiga Burdingala dos Romanos, que tão importante papel desenrolára na ultima guerra da França.

Além de outras curiosidades de alto interesse, apenas chegando-se, nota-se a monumental ponte que atravessa o Garonne, a qual offerece qualquer cousa de extraordinario.

Partimos de Bordeaux ás seis horas da tarde.

O mar continuava revolto.

A marcha do vapor era explendida. Deitava quatorze e quinze milhas por hora.

No outro dia era um domingo. Pela maneira com que os officiaes e marinheiros se apresentavam, vi longo que havia novidade a bordo. Com effeito não me enganava. Almoçamos e depois de acabado este, uma

sinêta atroou. Era a *missa*. Todos a bordo se dirigiram ao ponto designado.

Uns, como eu, iam levados pela curiosidade; outros, acodiam ao chamado de sua religião.

Logo que foram todos reunidos destribuiram-se os *missaes*.

O piano entoou e o Capitão deu o signal. Mulheres, homens, creanças, acompanhavam em côro a voz do Capitão.

Era de um effeito divino e surprehendente aquellas vozes melodiosas na solidão funeria das aguas.

O murmurio surdo das vagas, dir-se-ia que nos acompanhava e vinha dar áquelle concerto, já por si lugubre, algumas tintas vagas de melancolia, que lhe augmentava mais a belleza.

Pela manhã do outro dia avistamos terra de ambos os lados.

A atmosphera não estava muito carregada e então as costas da Irlandia, dessa captiva que ainda hoje protesta muda pela sua liberdade, desenhavam-se com clareza á nossa contemplação, em um fundo de azul ferrete.

—

A's sete da manhã do dia seguinte entramos em Liverpool.

Como houvesse maré o vapor tomou

pelas docas, esse manancial de riqueza da segunda cidade da Gran-Bretanha. Nos interticios dellas assentam essas grandes fabricas que vomitam sobre o mundo inteiro seus bem acabados productos. Lançando-se então a vista por cima destas casas, ella quebra-se coada naquella verdadeira floresta de mastros e encharcias. E' tal o movimento fabril e maritimo desta cidade, que o ar escurece pela invasão de tantos rolos e canos fumegantes.

Desembarcando, fui á guarda do porto despachar minha bagagem.

Em um momento estava acabada essa comedia que em Portugal e no Brasil torna-se prolongada e enfadonha.

Tambem em parte alguma esse serviço é feito com mais simpleza e regularidade. Só lhes importa saber se o passageiro leva tabaco ; perguntam-n'o, e se este responde que não, é isso muitas vezes bastante para dar por feita a vistoria. Nisso levam os inglezes palma a qualquer povo do mundo.

Da alfandega tomei a direcção do Hotel Havana.

Liverpool pareceu-me o que depois verifiquei por experiencia propria —uma cidade humida.

A atmosphera ahi, como em quasi toda Inglaterra, é carregada e escura, devido

isto à quantidade colossal de fabricas que a todo o momento lançam rolos de fumo negro. O movimento geral da cidade espantou-me. No primeiro instante julguei que toda aquella gente que gritava, corria, labutava com febre, era uma reunião de doudos, mas, pouco a pouco fui me habituando a esse quadro, e vi então que só assim os povos attingem o gráu de prosperidade e riqueza que hoje possue a Inglaterra.

Quem sáe da indolencia brasileira, passando pelo lethargo portuguez, e bruscamente se acha em frente da actividade britanica, sente todas as impressões porque passei.

Se Liverpool me admirava o que não seria Londres ?

No dia seguinte, depois de almoço, dirigi-me à casa de meu correspondente, que me recebeu com todas as demonstrações de agrado. Affago e defferencia foram-me ahi dispensados.

Sua bondade levou-o a ponto de por o seu guarda-livros á minha disposição, para mostrar-me a cidade, isto é o que de melhor e mais attrahente nella havia. Appressei-me em acceitar tão bondoso offerecimento. Nesse mesmo dia dei começo ás minhas excursões.

Começei por ver algumas galerias de pintura, que pouco me interessaram, por não saber da arte.

Comtudo notei quadros de immenso merito :— uns pelo valor das sombras, outros pela pureza dos desenhos e alguns mais pela harmonia dos tons.

Nos dias seguintes fui á Casa da Camara *(the town Uall)* um grandioso e monumental edificio de architectura simples. Dominava-o uma importante cupula.

É todo gradeado de um gradeamento semi-dourado.

Passei ao Salão das Recepções, *(St George 's Hall)* um nobre edificio, assentado sobre columnas. A fachada é no estylo corynthio, embutida a empena de allegorias em alto relêvo.

Nesse palacio são recebidas as pessoas reaes, quando visitam a cidade.

Contiguos á grande sala das cerimonias ficam os tribunaes, notaveis pela presteza de seus despachos.

Em seguida visitei o museu e a bibliotheca, dois edificios notaveis, reunidos em um só monumento, soberbo pela sua grandeza.

O que mais me ferio a attenção, foi o esqueleto de um animal que me pareceu

uma especie de masthodonte, colosso que precedeu o homem na superficie da terra.

Era de um volume prodigioso.

A bibliotheca nada me apresentou de notavel. Obras rarissimas comtudo a locupletam.

—

Atravessando-se o rio, em frente á parte principal da cidade, fica uma especie de bairro, onde habitam os negociantes e pessoas de fino trato. Póde considerar-se esta meia cidade como um arrebalde.

Os campos morrem-lhe aos pés. Ahi morava o meu correspondente, de quem recebi uma carta convidando-me a dispôr de um dia para dar-lhe o prazer de minha companhia em um jantar.

Fiz logo tenção de acceitar e aprompteі-me para nesse dia ir percorrer a bolsa e depois apresentar-me em sua casa. Em caminho as phantasias mais arrojadas e imponentes desenhavam-me este *Exchange Building* como um colosso, qualquer cousa de imaginavel.

Quando, porém, parei em frente deste edificio, vira quanto mesquinho fôra o meu imaginar.

Como architectura é elle um dos melhores especimens do estylo grego moderno. Suas galerias são espaçosas e uma especie

de cupula orna a parte principal do edificio. No seu interior sobresáe um grande relogio que ao mesmo tempo designa as horas das capitaes e das principaes cidades de todos os paizes do mundo.

Ahi effectua-se qualquer transação bancaria, etc. É a esphera do commercio. Depois de percorrer miudamente todo este grandioso templo de Deus Mercurio, dirigi-me ás pontes onde deveria tomar o vapor que me conduziria á margem opposta. Essas pontes, que são uma das maravilhas da cidade, encerram grandes vantagens para o embarque e desembarque dos vapores. São fluctuantes e seguem portanto as oscillações das aguas.

Em menos de quinze minutos fui transportado á outra margem.

Saltando, metti-me no bond que deveria me levar á casa de meu correspondente, que já me aguardava com a familia.

O jantar não se tardou esperar.

Durante elle a conversação correu sempre animada. Com a senhora servia-me do inglez, ainda que não muito correcto, e com o marido, do brasileiro, lingua que elle falava com muito desembaraço.

Eu descrevi alguns costumes mais locaes de meu paiz, e em troca ouvi a narração de outros mais bizarros e excentricos.

Acabado o jantar, sem cerimonia e bastante burguez, porém onde não deixei de extranhar certas excentricidades inglezas, partimos a ver os campos. O terreno montanhoso e algum tanto luxurioso, lembrou-me bastante o meu torrão natal.

Em todo o curso do jantar minha familia não me sahiu da lembrança siquer um instante. Perguntava a mim mesmo quando teria a ventura de achar-me tão feliz como o meu hospedeiro. Cubiçava-lhe a fortuna. Invejava-o !

Mansamente caminhando e conversando fomos longe no passeio.

Ao voltarmos fez-me elle então ver algumas curiosidades que trouxera do Brasil, e depois um grande album de photographias, distracções das horas de ocio de meu correspondente, que, além de ser acabado negociante e verdadeiro homem de commercio, unia o seu pouco de artista, tornando-se com espanto meu duas manifestações de espirito tão inteiramente contrarias.

Elle nos seus momentos de lazer montava em um velocipede e ia a grandes distancias photographar as paizagens mais risonhas, mais bellas e mais poeticas, mostrando assim até que ponto chegava o seu sentimento pela natureza. Era um verda-

deiro filho do bello. Sentia-o vivamente e com modestia.

Quando de lá tornei eram nove da noite. Sensações agradaveis foram as recordações que me ficaram de tão aprasivel jantar.

No dia seguinte parti para Manchester, cidade essencialmente manufactureira e onde as riquezas são mais solidas que em Liverpool.

O céu ahi me pareceu ainda mais escuro, o que é com effeito assim pelos innumeros fornos fumegantes que a todo o instante impregnam a atmosphera de negridão e fuligem.

A população desta cidade rivalisa com a de Liverpool, subindo a mais de quinhentas mil almas.

O typo dos habitantes regula o mesmo. E' sempre o inglez, tanto lá, como em Liverpool, como mais longe, alto, carnadura bella, cabellos loiros, circumspectos e ceremoniosos.

Sem repousar um instante percorri as fabricas de algodão, de lã, de todos os tecidos, de todas as manufacturas. Perdi a cabeça naquelle pandemonio de trabalho.

Fiquei como que deslumbrado diante de toda aquella actividade e energia. Descrever uma destas cidades de trabalho seria

demasiado enfadonho para quem me ler e difficillimo para mim.

Depois das fabricas passei-me á casa da Camara, onde havia uma exposição de flôres.

Quasi todas as flôres do universo alli se achavam. Rosas de todos os perfumes, cravos de todos os talhes, dhalias de todas as bellezas, alli se confundiam, alli se misturavam.

Naquelle pedaço de um palacio encantava-n'os os olhos, perfumava-n'os o olphato, dava-n'os pasto a curiosidade.

Após a visita atravessei o palacio de um lado a outro. A sua grandeza e monstruosidade é um verdadeiro labyrintho.

Só quem estiver muito affeito ás suas curvas e portas, nelle não se perderá.

A noite desse dia passei já em Liverpool. No dia seguinte cortei a cidade em todas as suas direcções. Desejava vél-a de um olhar rapido, tomar-lhe a phisionomia, embora de um golpe instantaneo.

O que por essa occasião mais me prendeu a attenção foram as predicas pelo meio das praças.

São apostolos de todas as religiões, que, sob a egide da grande tolerancia religiosa que ha em Inglaterra, vão pelas esquinas pregar ás multidões os seus benefi-

cios, mostrando cada qual que a sua é a unica e verdadeira. Ha sempre em torno desses modernos S. Paulos, grande numero de ouvintes e fieis.

Aguardava com impaciencia o dia primeiro de Maio.

Já de ante-mão não ouvia fallar senão na celebre *festa dos cavallos*. Estava curioso de vêr e analysar tudo aquillo.

Pela manhã quando sahi do hotel, onde me hospedara, encontrei todos os cavallos emplumados e apavonados de grinaldas e trophéos.

Consiste esta festa em darem um dia de folga a todos os animaes.

Nesse dia não há cavallo que trabalhe, nem que deixe de comer, apesar mesmo de que em toda a Inglaterra, essas alimarias são tratadas com todo carinho e bem estar.

A vida de um só animal destes é mais preciosa que a de muitos homens. Os carros, muitos delles allegoricos, todos cobertos do flôres, passavam em procissão, onde os cavallos espumavam de tafulice.

Em muitos delles montavam creanças, mulheres meio mascaradas, a entoarem, ao som da musica, canções apropriadas ao festejo.

A' tarde todos os cocheiros se reunem e acabam a festa servindo-se de um lauto jantar.

A dois de Maio deixei Liverpool, dirigindo-me para Londres, onde cheguei em trem expresso ás quatro da tarde.

Em toda a travessia causou-me especie os meios innumeros de communicações, que existem em todo o paiz.

As estradas largas e soberbas, os caminhos de ferro que attingem a maior velocidade, os canaes vastos e correntes, e depois os telegraphos, confundiam a minha vista atropellada de tantas fontes de movimento e vida.

A agricultura ahi chegou ao seu maior apogeu, ainda que se encontrem alguns terrenos de tal modo invios e bravios, que são despidos de toda a cultura.

O solo é geralmente fertil, produzindo mais cereaes que qualquer paiz meridional. Mas, a população ahi abunda por tal modo que os productos nacionaes não bastam para o mantimento de toda ella. É preciso importar farinha da America e outros generos de Portugal, França, Italia, etc.

Ao approximar-me de Londres fui dis-

exornão os muros e no centro a cruz, como symbolo da religião.

Do templo protestante passei-me ao judaico. Ahi todos de pé e alguns de cabeça coberta, rompiam a pharinge. Era uma algazarra infernal.

Notei tambem no interior da synagoga esta mesma symplicidade da egreja protestante.

Nem altares e nem imagens vi. O *robis* ou *mestre* entoava o cantigo que todos acompanhavam em côro.

Quando deixei a synagoga, como ainda não fosse horas de visitar o Jardim Botanico, pois que só ás duas da tarde se abriria, entrei em um *divans*.

São casas que por algum modo substituem os cafés parisienses, que não existem em Londres.

O luxo mais quantioso e exquisito reina com profusão dentro delles.

Encontram-se destes estabelecimentos nas principaes ruas, servindo de logar de *farniente*. Com um *shiling* (500 réis) tem-se ahi entrada e ao mesmo tempo direito a uma chicara de café e um charuto. Todo o tempo que me demorei meio reclinado, á vontade, sobre o *divans*, dei-me a analyse dos que alli se achavam. Vi então quanto os inglezes são bizarros e sem gosto as inglezas.

Cada solidêo vermelho e repolhudo, que reflectia na sua grandeza as ondas do Porto absorvidas, foi o ponto de estudo que escolhi.

Comtudo naquella reunião de typos mal talhados e brutaes, quasi todos de cara chupadas, (no bello sexo) encontrei alguns anjos loiros da mais divina belleza. As mulheres inglezas quando são bellas, têm um typo candido e angelico, que lembra os archanjos de Raphael. Seus cabellos cendrados se enrolando sobre uma cutis de rosa vem fazer resaltar o brilho de uns olhos azues que nadam em um banho de pureza e de luz.

A' porta do *divans* tomei um omnibus que se dirigia ao Jardim Botanico. A marcha socegada e algum tanto insipida deste vehiculo, permittia-me vêr algum tanto melhor que de outra qualquer fórma, a população d'aquella cidade.

Levou-me pela principal rua de Londres. Apezar de pouco a pouco ir me habituando ao movimento, a agglomeração de povo, ao ruido tumultuoso dos que tratam da vida, a vêr tudo grande em Londres, fiquei extatico quando achei-me naquella rua monstro ! A maior riqueza, imponencia e grandeza, ahi dão-se as mãos. A affluencia de população, de trens, de cavalleiros, é

enorme, indiscriptivel ! Parecia um dia de festa de qualquer outro paiz, não obstante não serem os domingos os dias de sua maior actividade.

—

Atravessando a ponte mais colossal das que cobrem o Tamisa, apeei-me á porta do edificio que desejava vêr. Percorri-o, não em todas as direcções por causa da sua monstruosidade, mas o fiz em grande parte. Vi todo o reino vegetal alli reunido. As estufas são qualquer cousa de explendido.

Quasi todas as fructas de meu paiz ahi se mostravam, ainda que algum tanto rachiticas e acanhadas.

Ananazes, bananas, atas, sapotys, etc, misturavam-se com a tamára, a cochonilha e outros productos do oriente.

Todas as nossas palmeiras, assim como quasi tudo que há na nossa flora, alli se patenteavam sob as espaçosas estufas, onde a temperatura da região tropical, durante a estação frigida, é mantida por machinismos proprios.

As flôres as mais lindas abriam seus calices tremulos, embalsamando o ar com suspiros olorosos.

Ao tocar do tambor para fechar-se o estabelecimento, retirei-me.

Cançado do muito que havia andado

não sahi mais de casa o resto do dia. Na manhã seguinte comecei com methodo a visitar a grande cidade. O que primeiro cahiu sobre minha escolha foi o Jardim Zoologico. Depois do almoço, metti-me em um carro e parti.

Este estabelecimento, primeiro, no seu genero, em todo o mundo, não só pelas suas variadas collecções, como pelo tamanho e disposição, maravilhou-me.

Paguei seis *penes* (seis vintens) de entrada. Quasi todos os animaes conhecidos pelo homem passaram pela minha vista. Ora via-me transportado aos desertos abrasadores da Africa, e contemplava os leões, os elephantes, que me espantavam pela sua grandeza; ora ia ter á India e lá via suas exquesitices zoologicas, ora galgava o cume dos Alpes e roçava a olhos penetrantes pelas aguias, para depois baixar-me até os polos e de frente contemplar os ursos brancos e as phocas.

Quasi todos os animaes de meu paiz, não eram mais que pobres exilados. Pela minha dôr tirei quanto deviam soffrer aquelles entes, que além de estarem longe do solo natal, como eu, eram prisioneiros!

Estes filhos do espaço em uma estreita gaiola de ferro! Seu infinito as grades que lhe roçam o focinho!

Por um *shiling* paguei a comida ao rinoceronte, com o unico fim de vêr-lhe a garganta. Era uma fauce medonha, um abysmo horroroso! Tudo quanto de mais medonho creou a natureza, não é comparavel á essa bocca monstro, alcatifada de apanevrosas serrilhas, banhada de uma baba sanguinea, escura, gommosa e fetida.

No dia seguinte á hora de dar começo ás minhas excursões, sahi.

Dirigi-me ao palacio do parlamento (*Hause Parlament*) que se ergue na margem esquerda do Tamisa, junto do Westminster Holl.

É um palacio grandioso. Sua extensão é de tresentos metros.

A torre Victoria, que assenta no angulo sudéste, tem perto de cem metros de altura. A fachada principal, de uma elegante architectura, mede um comprimento vasto.

Todo o edificio compõe-se de umas quinhentas enormes salas, sumptuosas, deslumbrantes. A riqueza é o seu ornamento quasi unico.

Era nesse palacio que palmilhava, que a Europa duvidosa e soffrega de paz e o mundo inteiro curioso, aguardavam o momento de desamordaçar os canhões britanicos e milhares de innocentes esperavam a

decisão de vida ou de morte. Hoje com as complicações do Oriente, a tranquillidade da Europa não dependia senão dessa casa que visitava. Ahi percorri a sala dos pares, dos deputados, dos principes, galeria real, passando de deslumbramento em deslumbramento.

Passando-me ao pavimento terreo, deparei com uma especie de restaurant, onde servi-me de duas bellas laranjas do Brasil, que, só ao pagar, soube custarem-me cada uma quatro mil e quinhentos ! E' que as comia talvez, dentro de um parlamento !...

Sahindo deste edificio entrei no palacio contiguo, *Westminster Holl.* A architectura dessa grande sala gothica, lembra os tempos que lá foram.

Toda ella é no gosto arabe, que geralmente confundem chamando gothico. O que este edificio tem de notavel é o terem sido ahi julgados todos os criminosos de lesa-magestade, ou rebelião. Ahi foi sentenciado o rei Carlos I em 1640.

D'onde se vê que a Inglaterra precedeu de muito o noventa e tres dos francezes e que antes de Luiz XVI houve um Carlos I, e como nas duas revoluções um ambicioso astuto aproveitou-se do momento para subir. Um chamou-se Cromwell, outro Bonaparte ; ambos foram tyrannos, despotas,

insolentes do engrandecimento de sua patria, e outro nada mais fez que o aviltamento da sua.

Um deixou-a na prosperidade, outro mergulhada em lagrimas, que ainda hoje se fazem sentir.

Cromwell foi talvez mais acanhado, não tão audaz como Bonaparte ; verdade que um tinha o oceano a cortar-lhe o passo, o outro a Europa abria-se-lhe submissa e patente.

Cromwell apparecendo um seculo antes que Bonaparte, deixou o governo dessa força que o deveria esmagar.

Cromwell previo Waterloo ! Cromwell morreu general da republica, emquanto que Bonaparte cahiu imperador. Um levou mais que o outro, um perjuro vergonhoso !

Neste mesmo palacio foram ainda sentenciados o patriota escossez Wallace, o chanceller More e outros ministros notaveis. E' um monumento que infunde respeito e admiração.

—

Os outros dias que dessa vez passei em Londres percorri muitos outros edificios e de entre elles tratarei, por emquanto, succintamente de alguns.

A estação telegraphica é dos monu-

mentos o mais curioso. Tem em trabalho continuo mil e seissentas pessôas, todas empregadas em expedir e receber telegrammas de todas as partes do mundo. São quasi todas ellas mulheres.

Util e moralissima medida que de algum modo combate as vertigens da prostituição. Pelos menos se não cercêa o mal pela raiz obsta-o de algum modo, apresentando este marco de salvação, onde muitas infelizes podem agarrar-se e dest'arte offuscar a corrente que as arrasta a esse manancial de podridão.

Fiquei maravilhado pela rapidez com que caminha o *telegrapho-correio*. São tubos electricos ou pneumaticos, dentro dos quaes deitando-se uma carta, ou algum objecto de pequeno volume, vae ter ao logar destinado, comprimindo-se em uma mola. Estes apparelhos são collocados por baixo da terra, nas differentes secções telegraphicas da cidade.

Vi mais uma escola de theologia, que dá internato a tresentos alumnos. Este soberbo monumento é filho de uma excentricidade ingleza. Um ricaço inglez, morrendo, deixou parte de sua fortuna para o levantamento e manutenção daquelle estabelecimento, com o fim para que hoje serve-sob condição de que os que a elle se reco-

lhessem, obrigassem-se a nunca se servir de chapéo.

A bizarria tem algum fundo de hygiene, e não seria tão amena como parece a primeira vista, instituições neste gosto á creanças, para deste modo habitual-as desde a infancia a semelhante regimen.

O calor do chapéo deve de algum modo prejudicar, nas idades tenras, o desenvolvimento das fracas intelligencias.

Da grandeza e soberbia do edificio é escusado falar. Em Inglaterra quando se visita qualquer monumento, são estas duas qualidades presuppostas de ante-mão.

—

Uma das grandes curiosidades de Londres, é o caminho de ferro subterraneo, que se estende por toda cidade. O movimento que se nota nestas estações é assombroso !

Typographias, papelarias, restaurants, etc, são como que um accessorio destas maravilhas. Além da illuminação á gaz, ha a claridade do dia transmittida por entre grossas chapas de vidro, que, arvoradas em *clara-boia*, assentam sobre o passeio, e o ar pelo gradeamento de ferro, que se succede em differentes logares pelo meio da rua.

Atravessei o Tamisa em uma dessas linhas.

O tunnel que perfura o leito do rio tem tresentos e sessenta metros de comprimento.

Quando se fez essa obra foi considerada como a mais arrojada do seculo, porém hoje os Estados Unidos, em muitas outras de maior vulto, supplanta a ousadia de sua antiga metropole.

A impressão que se sente ao passar por baixo do rio é aterradora. Só em pensarmos que temos sobre nós uma enorme massa d'agua, faz-nos parar o coração em seus movimentos de *sistole d'astole*.

Em Londres há ainda um outro tunnel, que parte de perto da Torre, monumento importantissimo que visitei.

Esse tunnel é tubular de ferro, com doze metros de diametro. Em segundos atravessamol-o.

—

Não era possivel de modo algum passar-me desapercebida a Cathedral de S. Paulo, um dos monumentos mais grandiosos dessa cidade maravilhosa.

O *Saint Paul's Cathedral* é edificada no bairro commercial, perto da Sé de Londres.

Foi este sublime templo começado em 1675 pelo mesmo risco do de S. Pedro, em Roma.

Trinta e cinco annos foram precisos para a sua construcção. Foi seu architecto o celebre Wren, que, além de outras obras soberbas, deixou o Chelsea Hospital, obra levantada por iniciativa da cortezã Nell Groynne, ao recolhimento dos invalidos militares.

Continuo com a Cathedral.

A sua entrada apresenta um elegante e magestoso portico, composto de columnas de ordem corinthia e composita.

Na empena ha um baixo relevo de Bird, representando a conversão de S. Paulo, e sobre a mesma ergue-se a estatua do converso.

O interior do templo tem a fórma de uma cruz latina, em cujo transepto levanta-se uma cupula magestosa, ornada de pinturas gigantescas e rodeadas de trinta e duas columnas de ordem corinthia.

Tres mil pessôas póde abrigar este zimborio, cuja altura é de 123 metros. Percorri da Cathedral ao Crypto, onde jazem os homens mais celebres de Inglaterra; a Sala dos Modelos e trophéos, e a Galeria Sonora. Subindo-se á clara-boia ahi gosa-se de golpe de vista, unico no mundo, segundo o meu guia.

D'ahi passei-me ao Hyde Park, os celebres Campos Elysios de Londres.

A sua superficie é de uns 151 metros. E' o passeio predilecto das classes opulentas. Corta-o uma rua de 1500 metros de cumprimento, chamada Rotten Row, e onde na estação propria a alta sociedade, ás tardes, passeia de trens e a cavallo. Nesse lindo Park há ainda de notavel uma corrente d'agua que tem o poetico nome de *The Serpentine,* onde se baloiçam bótes de alugueis; uma estatua de Achilles, formada de peças tomadas na Peninsula por Wellington e um soberbo monumento levantado ao chorado Principe Alberto. Este monumento importou á nação em quinhentos e quarenta contos.

A cupula é dourada e sob o pedestal onde assenta o principe, vêem-se os homens mais notaveis do mundo. Vaidades mundanas!

Percorri a Bolsa, assentada em uma praça lindissima.

E' um edificio moderno e de uma elegancia admiravel.

D'ahi passei-me ao Correio Geral, atravessando pela praça de Trafalgar, onde se ergue um monumento ao almirante Nelson, bizarro rival de Napoleão, que nesse dia glorioso para a marinha ingleza, quebrou uma das mais risonhas e desejadas illusões do valente das Pyramides—a pos-

sibilidade de esbandalhar as quilhas dos dominadores dos mares.

O edificio do Correio Geral levanta-se em S. Martin's Vgrand Street, proximo da Cathedral e apresenta-se vasto e nobre, tendo sido edificado em 1825.

Mais de duzentas e cincoenta mil cartas passam diariamente por essa importante repartição, uma das mais bem organisadas do mundo.

—

Reservei todo um dia para percorrer o muito celebre Palacio de Crystal.

Findo o almoço tomei o caminho de ferro e voei.

Logo ao entrar fiquei maravilhado de tanto prodigio.

Este sumptuoso edificio de vidro e ferro foi construido do resto dos materiaes do Palacio da Exposição de 1851. Ahi percorri todo o edificio. Visitei a sala dos concertos, onde tresentos musicos instrumentam ao mesmo tempo.

Museus, galerias de pinturas, diversões diversas, restaurants, tudo percorri, ficando extatico na magestosa sala do Alhambra, imitação do historico palacio do infeliz Bodbil, ultimo rei de granada. A fonte de crystal do Park, os squarios, os

caramancheis, os chafarizes, os depositos d'agua, tudo admirei, em tudo notei esse gráu de civilisação que leva o gosto artistico aos verdadeiros limites do aperfeiçoamento.

Passei o dia inteiro nessa moderna Babylonia.

—

Necessitando de ir a Paris, onde chamavam-me meus interesses, sustei minhas excursões e tomei o trem de Douver e d'alli o de Pas de Calais.

A *gare* em que embarquei em Londres, é um verdadeiro colosso.

Em paiz algum até hoje tenho visto mais elevação e grandeza.

Na travessia do Douver a Calais, a embarcação jogava para se acabar. E' incrivel a aspereza dessa porção d'agua que as costas da França e da Inglaterra, estrangulam—dando-lhe denominações diversas.

Em Pas de Calais tomei o caminho de ferro francez e segui para Paris. A velocidade entre o caminho de ferro francez e o inglez soffre differença na marcha.

A carreira em Inglaterra é mais vertiginosa.

Cheguei a Paris ás sete horas da noite do mesmo dia.

Ao approximar-me da primeira cidade do mundo, de longe, illuminada, com as suas torres elevadas, senti que observava um espectaculo maravilhoso.

Posto que ahi não se encontre o mesmo ruido da approximação de Londres, todavia o movimento é extraordinario e os francezes têm outra vida, outra febre. São mais nervosos e de menos reflexão.

Em Paris de outra cousa, então, não se curava e nem de outro objecto se falava, a não ser da sua grande Exposição, cuja abertura estava imminente. Toda a sua vida e actividade, neste grande certamen, só e tão sómente se concentravam.

No dia aprasado alli me achava e, ao recolher-me, eis o que acerca de tão almejada abertura escrevi em meu livro de notas :

Por um instante treguas nos campos politicos, nas officinas do trabalho, nos templos do interesse. A Bolsa fecha, os *ateliers* emmudecem, as camaras repousam. A aurora do grande dia raia esplendida... no coração de Paris. Uma chuva penetrante, fina, consecutiva, borrifa os milhares de pendões que fluctuam em todas as janellas, em todos os bonds, em todas as torres.

Todas as praças, boulevards, passa-

gens, squares, apresentam um espectaculo arrogante, apavonados dão a multidão infinita de bandeiras de todas as nacionalidades, de todos os paizes, de todas as phantasias, uma expressão festiva. Onde este scenario se mostra mais deslumbrante é nas estreitas ruas com o emaranhar dos estandartes. Para o nacional deveria ser um espectaculo pomposo, commovedor; para o estrangeiro deslumbrante, attrahente.

Muito antes da hora fixa para a cerimonia da abertura, a multidão comprimindo-se nos boulevards, cerrando-se nos Campos Elysios, desapparecendo em massa bruta, ia quebrar-se ruidosa, alegre, enthusiasta, nas immediações do Campo de Marte e Trocadero. Ahi a affluencia dos convidados é enorme.

A guarda republicana, a pé, e os policias, com facilidade sustentam a bôa ordem nas massas, onde as disposições de tranquillidade são caracteristicas e visiveis.

Em frente a porta de honra do palacio do Trocadero, um esquadrão de guardas republicanas e um batalhão de caçadores apostam-se em ordem de batalha, como devendo fazer as honras militares aos principes estrangeiros que visitam a Republica.

Desde as onze e meia a multidão invade as tribunas circulares do Trocadero.

A tribuna presidencial, adornada de um explendido docél de veludo granada e ouro, é deffendida da invasão por dois destacamentos de guardas republicanas, que engastando a grande bacia da cascata repelliam com lhaneza os curiosos.

A multidão augmenta e augmenta, fervente, animada, ebria de alegria, quando uma furiosa tempestade arrebenta. Por instantes foi a queda de um verdadeiro diluvio. Todos ensopados, pisados, maltratados, buscam um abrigo, uma nesga de telhado onde occultar-se, um trem onde fugir, mas, nem abrigo, nem telhado, nem carro... nada, nada. Só uma resolução se apresentava, heroica na verdade para os rheumaticos,—supportar a pé quêdo a torrente que desabava.

Os trovões succedem-se com frequencia e um delles cáe sobre o para-raios que domina o pavilhão, sob o qual acha-se a estatua de Carlos Magno. Alguns olhos affirmam ter visto vacillar a estatua do grande imperador, em seu pedestal de marmore. O que mais vale, ainda que muito pese ás classes ultramontanas, é que já vamos longe do seculo manuelino...

Pouco a pouco a chuva vai desapparecendo.

O tempo levanta. A animação recresce. O nome de Emilio Girardin vôa em todos os labios, elle, o primeiro que concebeu a grande ideia da Exposição.

A's duas menos um quarto os canhões dos fortes que circundam Paris, disparam vinte e um tiros.

Chega finalmente uma nova éra para a pobre França, enlameada, batida, aviltada, nos planos de Sedan. E' festejando o trabalho, a paz, a amisade, que ella se acha restabelecida de suas cicatrizes e adversidades. E' com espanto e admiração que ella resurge perante o mundo que neste momento a deve contemplar com respeito e curiosidade.

A França de 78 mostra aos povos, ainda duvidosos e vacillantes, que as theorias de 89, longe de serem utopias extravagantes, são ao contrario, o crisol onde afinam e restauram as sociedades apodrecidas pelo dominio absurdo dos tyrannos ambiciosos.

A's duas em ponto a multidão e convivas são electrisados pelo estridente clangor dos clarins, que rasgam a atmosphera ainda carregada. A musica da guarda republicana executa o hymno de Gounot

«Vive la France», que infelizmente na esphera official supplanta a Marselheza, sem ter a febre, o impulso patriotico, a inspiração victoriosa de Jemmapes, dessa velha legendaria dos dias gloriosos da França do Directorio.

Ao mesmo tempo chega o Marechal em seu côche de *gala*, e ao descer é cumprimentado pelos ministros da Agricultura e Commercio, commissario geral, prefeitos de policia e do Sena, e outros funccionarios.

Chegado o presidente ao grande salão do vestibulo, os maceiros da presidencia dão entrada ao rei Francisco de Assis, principe de Galles, principe da Dinamarca, duque de Aosta, principe Henrique dos Paizes-baixos, presidentes do senado e da camara.

Dando a direita ao rei Francisco de Assis, a esquerda ao principe de Galles, seguido dos principes, diplomatas, senadores e deputados, o Marechal percorre a galeria circular até a cascata.

Durante o trajecto o senador Krantz, commissario geral da Exposição, foi apresentado ao Marechal seus principaes collaboradores.

Ao mostrar-se o presidente sob o docél, a multidão. como que por uma só gar-

ganta, troveja aos gritos : Viva a França ! viva a Republica !

O Marechal, de pé, extatico, profundamente commovido, saúda as multidões.

Depois de um certo espaço de tempo, até que se acalmasse o ruido das massas, o Marechal toma a palavra e em succinto discurso, declara aberta a Exposição.

Alguns ministros respondem-lhe e em seguida partiu a percorrer os trabalhos.

Em todo o trajecto era o Marechal saudado pelo povo, que, de fóra, seguia-lhe a marcha.

A fachada do palacio belga mereceu toda a attenção e louvores.

Em seguida a um pequeno *lunch*, perto do palacio austriaco-hungaro, ao som dos *tziganos*, o Marechal, acabando o trajecto, retira-se.

Eram quatro horas.

Então as portas foram patentes ao publico, que invade o recinto da Exposição como uma torrente marulhosa.

. . . .

—

As horas que me sobravam dos estudos não as consagrava sómente ás paginas

deste diario: empregava-as tambem na correspondencia da familia e dos amigos.

A um destes escrevia eu:

— « E' da grande Babylonia dos nossos dias que esta parte.

Pelo calor parece-me por vezes estar no meu Maranhão, mas immediatamente a dôr de meu isolameuto acorda-me de um sonho tão dourado de luz. Estar em Paris é para muitos a ancia longe de uma vida inteira, quando afianço-te que estar em Paris, a não ser de passagem ou agrilhoado, como eu, á corrente de meus interesses futuros, é vir buscar muito ruido, muito movimento, muita lantejoula, — no inverno muito frio e neve, no verão muito calor e poeira.

Aqui, para os que pensam e sentem, como eu, isto é insipido até um certo ponto, porque faltam exactamente os elementos que constituem o paraiso destes entes de coração largo, elementos formados pelo agasalho da vida domestica e pela tranquillidade nas alegrias intimas, repartido a gente entre as travessuras do filho e os affagos da esposa, ao lado estendendo-se-nos numa impulsão natural de franqueza o braço valido do amigo.

Quantas vezes, por exemplo, não me parece transportado do meio desse asphalto

prosaico dos boulevards á sombra doce dos ramos das palmeiras, bebendo a haustos serenos os beijos mornos de nossas brisas cheias da frescura de nossos rios prateados, da harmonia, do gorgeio amoroso de nossos passaros, do perfume de nossos fructos, esquesitos, mas saborosos... quantas oh! quantas vezes quantas!

Ha momentos, amigo, quando busco repouso a meus estudos e deixo meu pensamento voar arrebatado e sem pêas pelas vertigens das scismas tristes, sinto uma saudade que corta fundo, de tantos objectos queridos que d'ahi me prendem e d'ahi me chamam, na lembrança desses quinze dias rapidos que na tua doce companhia e dos teus se escoaram macios como em leito de esmeraldas!

Como esquecer esse encanto dessa vida de quinze dias, no meio de tuas bondades, contemplando a calma de tua existencia patriarchal e serena, com o mesmo espasmo mystico com que o idolatra oriental revê sobre o embalar somnolento do opio de seu cachimbo, o céu que lhe pinta as paginas inspiradas do Corão, a biblia santa do arabe dos desertos!

E que contraste, quando a imaginação exaltada abandona esses sonhos de exilado, e cáe como exhausta no meio dessa reali-

dade impertinente que me rodêa, no meio desse torvelinho soffrego onde sossobram tantas virtudes e d'onde ao mesmo tempo se levantam os vicios mascarados, apelintrados, podres de uma sociedade eivada de pustulas e aleijões!

Amigo, falo-te com franqueza e como pae de familia, essa Paris, quando a analyso, dá-me frio na medula e prostra-me como homem. A torpeza em excesso dá desses desvarios psychologicos, inexplicaveis ante a observação severa dos sabios. Encontro como que debaixo de todo esse ouro e brilho, uma corrente negra de horrores que tranze: e se é essa a lei do progresso, a civilisação tem duas caras— uma que o sol doura, outra que sorri ao barathro.

Emfim, abandonando estas regiões de um falar meio abstracto, meio vago, onde corro apenas por esboços de theses sociaes, passo a outro assumpto.

—

Penhorado do modo honroso e cavalheiro com que o nosso amigo Themistocles me ha tratado nas columnas do seu jornal, desejo, ainda que fracamente, provar-lhe toda a abundancia de meu coração agradecido.

Traduso actualmente para os folhetins do *Paiz* um dos ultimos romances apparecido no vasto circulo deste Paris grandioso. Falo da *Bolsa Alheia*, de Mariu Roux joven auctor, meu conhecido, que merecido ruido tem feito á roda de si, nos diversos apparecimentos de varios romances seus.

A sua posição na vasta arena litteraria, onde se degladiam e despedaçam as differentes escolas, é uma posição meia vaga, é verdade, mas onde já se nota uma tal ou qual tendencia para a escola intermediaria entre Belot e Zola. Seu pendão de guerra abraça-se com o de Affonso Daudet, festejado auctor do Nababo.

Por isso, se vemol-o separado da robusta phalange dos realistas, auctores que buscam vasar sobre os moldes scientificos as manifestações de suas creações e coadunar as expansões litterarias—imaginativas com o espirito positivo do seculo, não menos separado e distante o encontramos dessa outra litteratura das agonias do Imperio; litteratura um tanto solta, porem que conta grande numero de partidarios enthusiastas e robustos defensores, como os Dumas, os Arsenio Houssage e outros.

Mariu Roux, á amenidade, incisivo e encanto das descripções, reune uma sub-

tileza e bem tecido de entrechos maravilhosos, não descurando de dar toda a amenidade de caracter, todo o humano da vida real aos personagens do seu romance. Assim, pois, estou certo de que os leitores daquelle diario, pondo de parte a capacidade litteraria do traductor, se prenderão com avidez na leitura desse romance, que de mais, saber-lhes-á captar o maior interesse.

. . . .

Suspendamos agora por um pouco a nossa descripção e lancemos um golpe de vista pela grande cidade.

Paris, a grande capital, o eixo do mundo, o centro de todas as grandezas humanas, o vasto scenario das mais puras e ligitimas glorias do universo, a arena onde se ferem os mais estrondosos combates scientificos, a scentelha, cujos clarões deslumbram e fascinam,—só poderá ser descripto depois de muito estudo e de madura reflexão sobre suas grandezas. Descrever Paris, scientifica, a artistica, a litterata, a revolucionaria, a gloriosa, a magestatica cidade—eis uma missão espinhosissima, mas que muito ennobrece a quem ousa fazel-o, porque prova heroicidade, enfrentando-se com um poderoso collosso.

A capital da França, da França pode-

rosa, que, guiada por esse selvagem sublime, que se chamou Napoleão, fazia estremecer todas as nações do globo, produz vertigens ao contemplar-se; fica-se extatico ante a sua perspectativa brilhante. Sente-se como que um despertar de subito de um lethargo, ouve-se como um troar de artilheria, um ranger de guilhotina, uma voz eloquente, a de Mirabeau, concitando as turbas para o baque tremendo desse instrumento negro e hediondo da perseguição e da perversidade dos reis — chamado a Bastilha; e, no meio de todo esse concerto terrivel, surge um hymno monumental, gigante inspiração genial de Roger de Lisle — a Marselheza.

Vêem-se tyrannos como Robespierre, Marat e Danton, fallando em nome da liberdade; e martyres como Luiz XVI, Maria Antonietta e outros obrando em nome do despotismo.

Que contraste inexplicavel!

Todas estas grandes catastrophes sociaes que regaram o solo fecundo da notavel cidade, todas as glorias, todos os triumphos, todas as grandes tempestades que por ahi têm-se abrigado, fornecem assumptos inexgotaveis para uma descripção interminavel.

A patria de Chateaubriand, de Victor

Hugo, de Lamartine, de Alfredo de Musset, de Gambetta, de Alexandre Dumas e de tantos outros — offerece-nos os mais explendidos panoramas que é dado admirar-se em todo o mundo,

Alli naquelle vulcão eterno, cuja erupção não é dado cessar siquer um momento; alli naquelle ninho alteroso de aguias, o observador póde a vontade extasiar-se ante os grandes monumentos da arte e da industria humana, representantes genuinos da nobreza e da força de um povo.

Ás Tulherias, o grande e magestoso palacio dos aristocratas de outr'ora, essa residencia do ocio e da oppressão; o Louvre, o primeiro museu do mundo, essa verdadeira babel, que nem em um mez a ninguem é dado conhecer as suas infinitas curiosidades; as celebres catacumbas subterraneas, esse esforço gigante e espantoso de homem, essas maravilhas que ainda hoje são ignoradas pela mór parte das parisienses, — são o attestado mais eminente e eloquente da superioridade de Paris, a magnanima.

As catacumbas representam uma cidade que acha edificada á margem direita do Sena, e que se estende por todos os bairros de Paris até Arcueil. Não é uma cidade onde habitam os martyres das lutas

terrestres, daquelles que vivem peregrinando por este val de lagrimas, mas sim daquelles que tombaram para sempre, que foram encontrar no seio fecundo da terra—um repouso eterno. Ellas representam a cidade dos mortos.

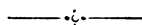
Em summa, Paris é a cidade onde se acham sepultados os mais grandiosos acontecimentos, os quaes hemos de evocar dos tumulos para que nos sirvam de guia ao caminho do futuro.

Não acabo aqui, como se vê, a descripção de «Minhas Viagens», mas, apenas faço *halta*, como os viajantes do deserto, fatigados, descançam a beira dos verdejantes *oasis*.

A cadeia não está completa; ha apenas um anél mais espesso e forte, que seguro por instantes, enfechando momentaneamente essa primeira parte.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

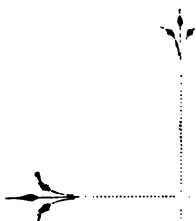
APPENDICE

A INSTRUCÇÃO ENTRE NÓS

(Algumas verdades sobre a nossa educação escolar, politica, social e religiosa.)

POR

ADERSON FERRO

CEARÁ

1898

A' Memoria

do

Barão de Macahubas.

I

Para que se tenha uma idéa do que seja a *Instrucção entre nós*, basta que, para exemplo, tomemos o Ceará, cujo desenvolvimento litterario, alias, muito tem nestes ultimos cinco annos se avantajado ao dos outros Estados.

Dando nesse intuito a palavra ao «Diario do Ceará», vejamos o que, com relação a assumpto de tão alta transcendencia, nos informa elle em suas columnas editoriaes de 4 de Abril de 1896, sob a epigraphe :

«PELO LYCEU

Consta-nos que neste estabelecimento de instrucção o favoritismo está imperando soberanamente em detrimento da moralidade dos exames.

Cassam-se nomeações de examinadores, escolhem-se outros a dedo com o fim de arranjar uma banca nas condições de fazer *ancende honorable* perante a incapacidade de alguns examinandos, que precisam completar os preparatorios, muito embora não conheçam siquer a capa dos respectivos livros.

O director do Lyceu quiz oppôr embargos a esses manejos, mas a cousa interessava immediatamente a alguns governistas de ultima hora e por isso mesmo mais fervorosos na sua dedicação ao governo (que a tem recompensado magnificamente, olá!) e por isto todos os obstaculos desappareceram como por encanto. De fórmas que vamos ter uma grande bica arranjada pela hydraulica palaciana com o fim de levar ás Academias mais alguns filhotes passados por alguns preparatorios como gato por brasas.

Aos rapazes desprotegidos aconselhamos a aproveitarem a occasião para navegar nas aguas desses felizardos.

Mais alguns titulados ignorantes em nosso paiz fazem o mesmo effeito que algumas gottas de mais no oceano.

Já não é preciso fazer despezas com uma viagem a terra do gerimum.

A' bica... rapazes!»

—

Em tudo quanto ahi fica creia o leitor que

não nos parece envolver exaggero algum. É, pelo menos, o que pelos Estados todos os dias se observa no nosso meio instructivo.

Não será, pois, para admirar si, a exemplo dos nossos deputados, senadores, governadores, etc, os diplomas dos nossos bacha reis passarem tambem a ser amanhã o producto de mais uma nomeação clandestina, *arranjada pela hydraulica palaciana*, de que trata o noticiarista do *Díario*.

O que é, sim, para admirar é ver a impunidade com que passam-se estas cousas ás barbas dos nossos homens de lettras! e o que é mais ainda, das nossas agremiações litterarias! donde, aliás, era de esperar-se que partisse o grito de dôr e o brado de alarma contra tamanho attentado á vida e á moralidade do ensino publico!

Além dessa condemnavel indifferença, que muito põe em relêvo o abandono a que vivem entregues as escolas, sobre as nossas grandes mentalidades, preciso é dizel-o, muito pesa ainda a grave responsabilidade do decahimento moral em que vemos acharem-se estas mesmas instituições —approvando a êsmo e mediante empenhos a quanto estudante têm de examinar, muitos delles em materias que alias nunca estudaram.

E sobre tudo isto, ainda o ridiculo!

—Passando certa occasião pelo Lyceu

quando alli se procedia os exames do anno, eis o que, aos seus examinandos, ouvimos dizer a dois examinadores (um delles jornalista e o outro advogado), ao occuparem a banca que pela congregação lhes fôra confiada :

—Aquelle que disser mais... asneira (digamos esta palavra porque a outra é feia) ganha distincção !

Não podemos, em virtude da distancia, ouvir todo o enredo daquella dolorosa comedia ; mas, a julgar pela total approvação dos alumnos e pelas bôas gargalhadas dos arguentes, a representação correu ao sabor de todos os comparsas...

Uma miseria !

Entretanto, ainda não é tudo.

O que mais é para admirar é vêr a azafama com que, por occasião dos exames, andam os proprios paes dos alumnos a pedir a uns e a outros para que lhes não reprovem os filhos, quando deveriam ser elles os primeiros a obrigal-os ao estudo e a não consentir jamais que estes se apresentassem em publico, de fronte pendida, a mendigar uma approvação ! E tão avêsada está hoje nisto a mocidade que uma bôa parte, já não vê nos estudos um obstaculo serio a vencer-se para a acquisição dos certificados de que carece para a matricula do curso superior ; e, quando acaso, algum examinador, influenciado pelo escrupulo, (o

que é raro) nega-se a dar-lh'os, de modo tão gracioso, é este, algumas vezes, árrastado pela rua da amargura, injuriado e coberto de apôdos (1)

—

Quando a principio decretaram-se os exames vagos nas provincias era uma lastima ver-se a lufa-lufa de moços que de todas as partes do Imperio affluiam ao Rio Grande do Norte, no intuito de alli fazerem os seus exames; exames, para o bom exito dos quaes muito concorriam desde o presidente da provincia até a ultima influencia politica do lugar, a quem—expressamente para isso—vinham recommendados! D'entre estes muitos havia que vindo apenas *preparado* em duas ou tres materias faziam-se *examinar* logo em todas: —tal o bom acolhimento que encontravam da parte de seu examinadores (2).

Hoje, porém, já não ha, para tanto necessidade de emprehender tão longas quanto dispendiosas viagens: pois que a desmoralisação alli a principio um tanto acanhada tomou bem de pressa proporções colossaes e transpoz todas as fronteiras—solapando to-

(1) Neste nosso modo de fallar, desnecessario se faz dizer que, não localisamos factos: referimo-nos ao paiz inteiro acatando as excepções.

(2) Tobias Barreto contava que certo estudante conseguira em onse mezes, fazer todos os preparatorios e o curso juridico. E não se creia na mythologia, quando o cerebro de Jupiter nos dá destas Minervas!...

dos os caracteres a ponto tal— de só não ser hoje approvado com distincção o estudante que por si não tiver quem dê uma passada !

Nada tão deprimente dos costumes e moralidade de um povo quanto isto !

Qual o examinador que, em outro paiz onde a instrucção fòr uma cousa séria, seria capaz de se deixar levar por um empenho egual ?

Qual o estudante que se atreveria mesmo a servir-se de um *salvo-conducto* destes para escapar á *bomba* de uma reprovação, si em consciencia a merecesse ?

Qual o pae de familia que o solicitasse para o seu filho, pouco se lhe dando que este soubesse ou não as materias sobre as quaes se proposésse a exames ?

Parece que a não ser no nosso paiz, onde tudo se despretigia e onde tudo se move pela engrenagem dos empenhos, outro, pelo menos não conhecemos que de um tal desazo seja capaz.

E, se, como dissemos, algumas excepções fasemos nisto, não ha negal-o, são estas verdadeiras aberrações dos costumes por nós aqui descarnados á luz da critica.

—

Nada tão espectaculoso e tão desfruetavel como ver-se um destes preparatoristas, assim despachado ás pressas para o curso superior,

voltar á terra natal um ou dois annos depois de matriculado, todo infatuado, empennado de novo, affectando sabença e esgrimindo nas rodas de calçadas *um Deus nos acuda* de termos farfalhudos que só elle na sua fatuidade de sabichão o comprehende!

Seu primeiro cuidado, ao ver-se na Academia, é negar a existencia de Deus ; dizer-se positivista, materialista, comtista, lutheranista, laplacista e... não sabemos mais si tambem nhihilista ou anarchista.

Uns pandegos!

O mais interessante de tudo é que são tidos por burros, tolos, retrogados, atrazados, etc, todos quantos sem este caricato programma de entrada, pretenderem naquellas officinas forjar-se doutor ou general.

Muitos ha que comquanto hajam recebido no lar paterno uma educação regular, sã, não põem duvida em passar-se com armas e bagagens para o campo adverso, desde que pelo sacrificio de suas crenças passem-lhe o diploma de *intelligente* e *adiantado*.

Bem pouco os refractarios, ou antes os que para si, a patria e a familia, alli queimam as pestanas.

—

Quizeramos ver um destes atheos nos apuros em que já uma vez, segundo é corren-

te na Academia do Recife, vira-se o conselheiro Silveira de Souza, na altura dos Abrolhos, ao cahir da noite, a bordo de um vapor prestes a submergir-se, acossado por uma tormenta que, do modo o mais impetuoso, se desencandeava, entre o fuzilar dos coriscos e o vehemente ribombar dos trovões.

Elle tambem era um atheo, tambem era um livre pensador, tambem era um materialista confesso ; porém, nessa hora angustiosa, nesse momento supremo, nesse instante decisivo, elle que nunca crêra em Deus, que nunca O presentira em sua consciencia, que nunca Lhe dirigira uma prece, vendo-se, então, perdido—toma lugar entre os seus companheiros de infortunio, e aos Céos, todo contricto e humilde, entôa, de joelhos, uma supplica pela salvação de sua vida...!

Cousa admiravel !

Sua conversão, posto que instantanea, foi completa ; e Deus, como que para festejal-a em sua gloria, como que para mostrar ao homem que Elle existe e que sabe ser bom e summamente misericordioso para com aquelles que O amam e O temem—em um momento conteve os elementos em sua sanha e o mar serenou de sua furia ; — o tufão, de sua impetuosidade ; — os relampagos, de seu flammejar ; — os trovões de seus estalidos !

E o douto mestre que, defendendo as mais livres, porém tambem as mais extravagantes doutrinas, negava Deus nas suas theorias sobre o direito, que era para elle um mero producto evolutivo da cultura humana, de então abraçou a philosophia thomista e com uma convicção inabalavel sustentou por fim ser o direito uma idéa innata, absoluta e luminosa que guia a consciencia humana no discernimento do bem e do mal.

A colera da tempestade operou tão radical transformação no culto professor, que, além de sua eloquente palavra dirigida *ex cathedra*, na Academia do Recife, em prol do direito innato, tão combatido mas nunca vencido, correm impressas bellas prelecções suas em que elle magistralmente sustenta a doutrina desta ultima escola.

E nós, sob a impressão de um facto semelhante, affirmamos que todo atheo que, em um momento de sua vida, tiver aos seus lados Scylla e Caribides, erguerá da terra os seus olhos para o Céo e sua alma, morta de fadiga, ávida de socorro, encontrará instinctivamente, alem do physico, um Ser Supremo —luz para a escuridão de seu espirito, linitivo para as agonias de seus soffrimentos, esperança para a salvação de sua vida.

II

Demonstrada a nossa má educação vejamos agora como fatalmente, vão repercutir os seus nefastos effeitos no nosso meio social, estudando a mocidade—tal como ella se nos apresenta—inconstante, versatil e mal orientada em todas as suas escaramuças litterarias.

Como em todos os outros Estados, quem longe do Ceará lêr as folhas diarias pasmará, sem duvida, do avultado numero de gabinetes de leitura, aulas nocturnas (3), collegios, internatos, associações scientificas (4),

---

(3) Exceptuamos a "Phenix Caixeiral", sociedade de moços do commercio, que vive, ha cinco annos, prestando assignalados beneficios aos seus associados.

(4) Neste numero não vae comprehendido o decano das nossas associações de lettras, isto é o "Instituto do Ceará", que já attingiu aos doze annos de idade (!), consagrados, é verdade, mais á causa dos que delle fazem parte, que a do povo, propriamente.

clubs litterarios (5), etc, que todos os annos se inauguram com as devidas pompas da muita discurseira, foguetaria, musicas, etc.

O que, porem, não nos tem dito a imprensa é que, pela falta de frequentadores, ou antes de gosto pelas lettras e de quem o estimule seriamente na consciencia popular — a maior parte destas emprezas fecham-se mezes ou dias depois de instituidas, quando não se limita, simplesmente, ao acto da inauguração, como succedeu com o *Instituto de Artes e Officios*, fundado pelo Dr. Caio Prado, de saudosissima memoria, que, de festas e discursos não logrou passar!

A principio, diga-se a verdade, a concorrencia é enorme; mas, bem cedo reduz-se esta á pessoa, simplesmente, do director, quando não é do porteiro, que, tendo-se por inutil, passa volta á chave e a entrega ao dono. E quando, acaso, d'entre estas acontece viverem algumas mais do que outras, é que,

(5) A mesma excepção fazemos da "Padaria Espiritual", que, com quanto — em razão do "cambio" — ha um anno não nos dê "Pão", já fez, entretanto, o seu primeiro lustro; da "Academia Cearense" e do "Centro Litterario", que, embora salvos dos perigos da "primeira dentição", não é de crer que sobrevivam ás intemperies de tão dissolvente meio...

O numero de socios do "Instituto", é dos estatutos nunca exceder de 12; o da "Padaria" é illimitado; o da "Academia", de 24 e o do "Centro", de 30.

Todas estas associações vivem para gôso exclusivo de seus membros.

O povo, esse vê de fora... Das conferencias publicas e da instrucção, em geral, nenhuma houve ainda que disso cogitasse!

necessariamente, com as lettras acha-se envolvida a dança não sendo aquellas mais do que um pretexto, para a vida e expansão desta.

Juntemos a prova.

—Convidado uma vez para assistir no *Club Iracema* a uma sessão *littero-dançante* dessas, lá nos apresentamos á hora prefixa no convite.

Logo ao primeiro golpe de vista pareceu-nos, ao entrar, que a primeira parte da *soirée* ainda não havia começado ; pelo que passamos a percorrer as salas, que enchiam-se de convidados.

Qual não foi, porém, o nosso espanto quando, ao transpor as portas da ultima, deparamos com um grupo de moços em torno de uma mesa, no topo da qual orava o illustrado Sr. Dr. João Camerino Bandeira, digno secretario do governo, que, a convite dos promotores do banquete, presidia a sessão !

No vasto salão em que esta se dava (que era o maior do predio) havia assentos para mais de cem pessoas, porem, apenas algumas damas e alguns cavalheiros alli tomaram lugar.

Procuramos a cadeira mais proxima e sentamo-nos desejoso de ouvir os oradores e de nos fazer tambem ouvir, para o que, delineado em mente, levavamos já nosso discurso. Nada, porem, podendo ouvir donde estava-

mos, levantamo-nos, e, a exemplo de outros, encorporamo-nos á mesa, que, em seu derredor e de costas voltadas para o auditorio, contava já crescido numero de ouvintes.

A desordem era medonha!

O Dr. Bandeira fallava ainda, porem, a não ser os que delle se haviam approximado, a ninguem mais era dado ouvil-o — tal o barulho do vozerio e dos tacões das botas dos passeiantes pelo soalho das salas visinhas!

Uma cousa incrivel!

De quando em quando, do meio daquella turba-multa, que assim se acotovellava, ávida de ouvir a voz de *fogo* do par marcante, destacava-se um moço, de semblante arrugado, com ares de amuado, e vinha parlamentar ao ouvido dos companheiros de festim o seguinte:

—*Homem, acabem com isto, que nós queremos dançar...*

Farto disto ouvir, e nos parecendo mesmo que uzar da palavra em taes emmergencias era incorrer no desagrado geral, tomamos o nosso chapéo e fomos dando ás de Villa Diogo, deixando com a palavra o quarto orador, cuja voz já mal se ouvia, em virtude do borborinho que recrudescia de mais em mais!

Emquanto, porem, esperavamos no salão de entrada a opportunidade de uma *vasa* para sahir sem ser notado, vimos ser ainda tão cedo

que ao Iracema continuava a affluir porção de convidados. Consultamos o relogio e notamos ser apenas nove e um quarto.

Insistimos em salientar esta circumstancia por causa da grande anciedade que viamos reinar entre festeiros e convivas, por não ter ainda a parte litteraria da festa dado lugar á segunda, isto é, a dançante !

Uma cousa no meio de toda aquella confusão não menos desagradavelmente impressionado nos deixou.

—Grande parte dos moços em vez de estarem attentos ao que ia pelo mundo das lettras e de dar uma melhor prova de sua educação social, percorriam, insoffridos, os salões de lado a lado, com o punho da camisa preso á palma da mão e o lapis na outra a tomar nota dos pares que iam tirando para as contradanças, augmentando assim ainda mais a desordem e perturbando aos poucos que queriam ouvir os oradores com socego.

Sessões como esta e exemplos como este, poderiamos referir innumeros si, para bem demonstrar que amamos mais a dança do que as lettras, não bastasse o testemunho do facto por nós já mencionado na *Introducção* do nosso livro —*Hygiene da Bocca*, o qual reproduzimos neste trabalho por se tornar util ao fim que collimamos.

—E' o *Reform Club*, (hoje Club Iracema) onde estas scenas se davam, um dos mais bellos edificios que conta a Fortaleza.

Sua architectura elegante, suas salas espaçosas, seu decoramento moderno, seu pequeno jardim, suas dependencias internas, sua forma assobradada, tudo alli, emfim, encanta e dá ao visitante a idéa do bom gosto que predominou em sua construcção.

Deve-se o seu levantamento aos esforços exclusivos da nossa mocidade, com o fim de ser alli o Capitolio das lettras cearenses, no periodo mais ou menos em que a frente da sua litteratura viam-se homens da tempera de Pompeu, Alencar, Rocha Lima, Capistrano, etc.

Por muito tempo, com effeito, esteve este areopago na altura do nobilissimo fim para que foi creado.

Guardava em seu espaçoso ventre uma bem variada e interessante bibliotheca, com salas de leitura annexas, como, talvez, não houvessem melhores no Brasil.

Para mais de vinte mil volumes, d'entre elles obras rarissimas, locupletavam suas amplas estantes. Revistas e jornaes de todo o paiz, bem como de muitas partes do mundo, atulhavam suas grandes mesas cobertas de damasco e circumdadas de cadeiras.

Muitos quadros allegoricos, retratos de homens illustres, mappas geographicos, etc,

mostravam-se em profusão pendentes das paredes, dando ás salas um aspecto nobre e verdadeiramente respeitavel.

Era um um mimo o *Reform*.

Muitos filhos de outras provincias que o visitavam, retiravam-se maravilhados, senão invejosos, por não haver em sua terrra uma obra egual.

A' noite, então, com as suas portarias abertas, suas alvas cortinas apanhadas ao meio e a se remecherem de volupia sob as caricias da brisa; os seus bellos salões illuminados e a extravasarem de admiradores—era que elle, no vertice da fama, mais enchia-se de seducções e attrahia sobre si a sympathia publica.

Frequental-o todos os dias, fazer parte da associação que o instituio, consultar as obras de sua bibliotheca, lêr as suas revistas, os seus jornaes, ouvir os seus oradores, aos que pregavam sobre as vantagens do saber—eis, em uma palavra, qual a febre, qual a nevrose, qual a unica aspiração da mocidade de então.

O gosto pelas lettras, ao menos na apparencia, mostrava-se scintilante em todos os espiritos, em todos os animos, em todos os caracteres.

O Ceará subia!

Mas ha!... bem cêdo tudo aquillo arrefe-

ceu! tudo aquillo mudou! tudo aquillo transformou-se!

O Ceará cahia!

E o que ha nisso demais?!

—Ninive, Memphis, Carthago, Thebas, Sparta, Athenas, e a propria Roma tambem não cahiram? Porque, pois não cahir o *Reform Club*?

Acaso alli havia dança ou algum throno erguido á Momo (6)?

Não era elle simplesemente um templo de lettras?

Nós brasileiros, algum dia tomamos estas ao serio?

Não são os nossos principaes homens e o governo os primeiros a desmoralisa-las pela forma porque o temos dito (7)?

Onde, pois, o nosso gosto, a nossa abnegação e coragem para sustentação de uma empreza deste genero?

Qual a que em tempo algum viveu e florio entre nós?

Todas não têm baqueado ao influxo do

---

(6) Por occasião do espaventoso e deslumbrante festejo carnavalesco de 1896, a dois illustres litteratos cearenses ouvimos, com expressão de dôr, dizer o seguinte:

"E' o unico acto serio desta terra...!"

(7) A José de Alencar fizeram sempre carga como de um vicio, dos seus immensos conhecimentos litterarios. E' celebre no paiz a expressão de ironia com que foi uma vez aquelle homem extraordinario alcunhado de "litterato", e a resposta esmagadora com que rebateu a pretendida "injuria", lançada, aliás, por um eminente estadista do 2.° Imperio.

nosso indifferentismo e do nosso depauperante desleixo?

Pois foi o que succedeu ao *Reform Club*, com a differença, porém, de que a sua queda foi toda moral: o predio continúa de pé: mudando-se-lhe o *fim* era justo que tambem mudassem-lhe o nome: E' hoje o *Club Iracema*. Eis tudo!

É nelle que se dão as melhores reuniões, os melhores concertos, as melhores partidas e, em epocas proprias, os melhores bailes carnavalescos, ao electrisante clangor do *Zé Pereira*, ostentando em tudo a maxima concorrencia, porque, mercê de Deus, gente para estas futilidades é o que neste paiz nunca ha de faltar.

Livros, quadros, mappas, retratos, jornaes, etc, tudo isso, já o dissemos em nosso livro, foram presas das chammas num armazem para onde os atiraram!

. . . .

—

Agora, para que se saiba bem como somos um povo desmantellado, incoherente, mal orientado e baldo do preciso criterio para julgar das nossas cousas, maxime a instrucção, faça-

mos a recapitulação dos factos e vejamos a conclusão :

—Emquanto pelo Ceará (8), a Terra da Luz e patria de tantos homens notaveis, arrasava-se uma bibliotheca e estancava-se uma fonte de leitura, para no mesmo local instituir-se uma casa de danças, de jogos e de differentes outras diversões;

Emquanto pelo Maranhão, a pretensa *Athenas Brasileira* e patria dos Sotero, Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Candido Mendes, Gentil Braga, etc, supprimiam-se a esse mesmo tempo—*trinta e duas cadeiras de ensino primario*, pelo facto unico de *muito sobrecarregarem* as rendas da provincia ;

Emquanto por muitas provincias do Imperio o professorado publico, para não succumbir á fome, vendia a particulares, pela terça parte os seus ordenados de muitos mezes atrasados ;

—Emquanto por todo Imperio, finalmente, a Instrucção Publica era assim malbaratada, cerceada pela sua base e tida como objecto de luxo, senão oneroso ás finanças do paiz — o Dr. Filippe da Motta, commissionado pelo governo brasileiro, excursionava pelas mais adiantadas regiões do globo, dispendendo

---

(8) Eis aqui a razão porque reproduzimos a historia do Club.

sommas fabulosissimas no estudo dos methodos mais aperfeiçoados de ensino e na acquisição de varios objectos d'arte introduzidos nas escolas pela pedagogia moderna!

Esta só mesmo de nós brasileiros !...

Faz lembrar o caso da *juta*, importada, não nos recorda bem de que paiz, com dispendios enormes, para della tambem extrahirmos a fibra para o fabrico de cordas, estôpa e outros tecidos, quando a tal *juta* não era outra cousa senão o nosso *croatá-assú*, que superabunda de um modo prodigioso em todo o Brasil, e que por isso mesmo (depois da troça que tomaram os taes Archimedes) não mais se fallou nella e nem se-lhe-vio merecimento algum.

Ah! poetas...!

III

O que se deu na Fortaleza com o *Reform Club*, deu-se com um gabinete de leitura que, a custa de sacrificios enormes, conseguimos fundar no Ipú, o qual muito bons serviços ia prestando á população, mas... veio a dança e levou-o!

Ter-se-ia dado a mesma cousa com um outro que tambem fundámos em Campo Grande, si o pessoal d'alli não fizessse excepção —preferindo o livro que fortalece e instrue o espirito á dança que o atrophia e enerva.

Este gabinete, graças á perseverança e provado gosto dos filhos daquella montanha pelas lettras, ainda hoje vai prestando assignaladissimos beneficios á classe desvalida, com a aula nocturna que mantem annexa.

—

Faz-se agora preciso referir que, quando

tratámos no Ceará da fundação destas emprezas, não encontramos siquer um companheiro, que comnosco quizesse collaborar, não obstante, para isso, havermo-nos esforçado grandemente.

(Uma pequena excepção, entretanto, manda a verdade que façamos do benemerito Sr. Antonio Bezerra de Menezes e do digno Sr. Dr. Justiniano de Serpa, que, em nossa companhia, sahiram por duas vezes á cata de donativos, offerecendo-nos ainda o primeiro bôa porção de livros para os mesmos gabinetes).

As joias que recebiamos, pesa-nos dizel-o, eram, algumas vezes, offerecidas em defferença á nossa pessoa ; outras, para se verem livres da nossa importuna visita, quando, levado por vâs promessas, a repetiamos. A muitos devemol-as ainda á vaidade de verem seus nomes na imprensa, condimentados das mais bellas adjectivações ; pois que, bastante conhecedor da nossa fofice e da nossa estulta tendencia exhibitoria, não perdiamos o ensejo de enaltecel-a o quanto possivel, desde que dessas banalidades dependia o bom successo da empreza que advogavamos. Em bem poucos vimos, na dadiva, resaltar o sentimento do amor á patria e á humanidade.

A enormidade de cartas que para todos os pontos do Imperio dirigimos, implorando a clemencia dos corações philantropicos, o con-

curso de todos os brasileiros, de todos os patriotas (9), de todos os homens de lettras, em favor da nossa cruzada, todas foram friamente recebidas, todas ficaram sem resposta, com excepção unicamente das do Dr. Jaguaribe Filho e Barão de Macahubas, que, applaudindo a nossa propaganda, foram solicitos em responder, enviando-nos avultadas joias.

Só deste ultimo, cujo nome respeitavel entrelaça-se hoje com o de Froebel, Pestalozzi, etc, recebemos, por differentes vezes, para mais de seiscentos volumes!

Que os posteros e a Patria os saibam agradecer e venerar, como merecem.

E, tanto mais condemnavel e digno de reparo se torna esta nossa desidia para com as lettras, quando é certo que até do extrangeiro recebemos valiosos donativos, como por exemplo os da casa Guillard, Aillaud & C.ie, de Paris, aos quaes acompanhava uma mui polida e attenciosa carta. Prova isto o quanto pela Europa é a instrucção acatada e o quanto pela sua derrama, até mesmo por continente extranho, todos os esforços são alli envidados.

Nada tão significativo quanto o exemplo que nos dão os portuguezes, fundando nas nossas principaes cidades excellentes biblio-

(9) Nesse tempo a palavra *patriota* ainda não era synonymo de — *vedoia, bargado, marombeiro*, etc.

thecas, com as respectivas aulas annexas, para a educação de seus patricios, verdes creanças para aqui emigrados, e até mesmo para os nossos filhos que nellas queiram ir á noite fortificar o espirito. Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, ahi estão para comprovar a nossa asserção ; sendo que o Gabinete Portuguez da capital fluminense, possue, talvez, a maior bibliotheca do paiz. Quem quer que o visite não tem a admirar somente o prodigioso numero de volumes que ornamenta suas estantes, tem tambem que admirar a architectura do edificio, em estylo manuelino, que passa por um dos mais bellos da grande cidade.

Porque, pois, nós, brasileiros, que tudo macaqueamos, não procedemos da mesma forma ? Dir-nos-ão, talvez, que tambem temos bibliothecas ; temol-as, não há duvida nenhuma; mas, temol-as como ? Na sua maior parte para... inglez ver... ! Sim, porque estas álem de mal conservadas e de muito truncadas, vivem entregues ás traças, ás baratas, ás aranhas e insectos adjacentes !

IV

Quando em Novembro de 1889 se proclamou o regimen republicano e succedia que por todo o paiz as classes laboriosas, a exemplo da Europa, tratavam de formar agrupações politicas, após a segunda conferencia que, referentemente a este movimento, realisamos no theatro S. Luiz, fomos destinguido com a presidencia do gremio artistico do Estado, encargo que não relutamos um só momento em acceitar — visando, não as vantagens que (quaesquer que ellas fossem) d'ahi poderiamos auferir em politica (10), mas a opportunidade da occasião para, com maior franqueza, levarmos a cabo o nosso idéal — a instrucção do povo.

E não nos illudimos.

---

(10) Alem de outras provas, citaremos a da nossa recusa de uma cadeira no Senado do Estado e para a qual indicamos o digno Sr. Miguel Leite, que, de facto, foi eleito.

Assim é que auxiliado pela classe operaria, pouco tempo depois abriamos nesta capital uma aula nocturna, na qual foram logo matriculados para mais de duzentos alumnos, na sua maior parte tão pobres e maltrapilhos que, sem esta taboa de salvação, estariam privados da instrucção do espirito, pois é facto, que a decencia do trage constitue entre nós um dos requisitos exigidos para a matricula, quer das aulas publicas, quer das particulares.

Bem relevantes foram os serviços que por mais de tres annos nella nos prestaram o incansavel Sr. Theodomiro de Castro e João de Medeiros, secundados pelos dignos Srs. Gonçalo do Nascimento, Francisco de Moraes e muitos outros, que, roubando ao descanço das fadigas do trabalho diario, alguns momentos, alli iam todas as noites exercer comnosco as nobilissimas funcções de professor.

Não contente com isto sahimos em propaganda em extensa região do Estado, emquanto que para outra enviavamos emissarios e expediamos circulares aos operarios, concitando-os a se agremiarem e a instituirem nas suas fileiras escolas neste genero, alvitre que deu em resultado a creação de mais quinze escolas, as quaes, bem como a da capital, estariam ainda hoje prestando reaes serviços á classe desvalida e restituindo, por tanto, á sociedade milhares de brasileiros por ella abandonados á mer-

cê dos vicios e dos crimes, se, ameaçado em nossa vida e compellido, como fomos, pelo governo ao exilio de tres annos —não as fizessemos fechar, aguardando tempos mais calmos para proseguir em nosso desideratum.

Antes, porem, de a taes extremos chegarem as cousas, sabendo da suprema difficuldade em que, para a sustentação destas escolas, se debatiam muitas localidades ; pois que, alem do ensino, eram obrigadas a fornecer aos alumnos pobres os livros, tinta, papel, etc, de que precisavam para o mesmo mister — lembramo-nos de recorrer ao governo e de pedir-lhe um auxilio de *cincoenta mil réis* por mez.

Achando-se, então, em trabalhos o Congresso do Estado, ao seu digno presidente —o illustrado Sr. Dr. Clovis Bevilaqua, endereçamos a nossa petição, precedida de uma carta em que, invocando todo o seu amor ás lettras e á humanidade, lhe-rogavamos insistentemente que se constituisse, perante o Congresso, o defensor da nossa causa, supplica que o Dr. Clovis acolheu com a affabilidade e gentileza que o caracterisam.

Infelizmente, porem, teve elle de, imprevistamente, embarcar no terceiro dia para o Recife, e, em consequencia disso, a nossa petição foi ter ás mãos de terceiro, que, a pedido do Dr. Clovis, fel-a ler em sessão, onde cahiu

redondamente, não sendo siquer julgada *objecto de deliberação* (11)!

Nada obstante não desanimamos.

Contavamos, mais ou menos, que assim fossemos recebido por essa burguezia gananciosa e sordida, desde que fallavamos em nome da instrucção e que a pediamos para o humilde filho do povo—essa pobre besta, inconsciente, aviltada, em nome e para maior escarneo de quem atrevem-se esses tartufos a dizer-se nas camaras os *legitimos* representantes, quando só da fraude e da impostura são elles portadores de diplomas!

Mas... Deus é grande!

Mais uma réstea de luz, e a verdade um dia se fará na consciencia popular, e com ella um só peso e uma medida advirão ao pobre e ao rico, ao grande e ao pequeno, ao nobre e ao plebeu!

A canalha quando reage, disse-o Salomão, é como a tempestade que tudo destróe e nada deixa atraz de si...

—

Bom será não esquecer, que, emquanto na Terra da Luz, assim se nos negava tão ávaramente luz para o espirito, isto é, o miseravel

(11) Neste mesmo Congresso um membro houve que propoz o imposto de *duzentos mil reis* sobre as escolas particulares, *com o intuito*, segundo se disse, *de obrigar a frequencia nas escolas publicas*!

Que patusco!

auxilio de *cincoenta mil réis* por mez, para a sustentação de *deseseis escolas*;—a Thesouraria do Estado repartia a mãos largas o suor do povo com os affeiçoados da situação, sem fallar da onda, sempre crescente, dos aposentados, composta na sua quasi totalidade de homens válidos, moços e capazes de todo o trabalho, e cujo maior serviço á patria, foi, com poucas excepções, viverem na indolencia !

E, a tal ponto chegou o esbanjamento dos dinheiros publicos, que, até aos vereadores da Camara Municipal estendeu-se por algum tempo a lambugem de *duzentos mil réis* por mez (12), cousa nunca vista no tempo do Imperio e que, por isso mesmo, convem não deixar em olvido, afim de bem salientar o *patriotismo* dos que, contra a prodigalidade da corôa, em improperios prorompiam na praça publica !

Para custear tamanhos gastos e juntar-se

---

(12) Em Manáos ganha o superitendente 1.500$000 reis por mez e os intendentes 50$000 reis por cada dia de sessão.

—No mesmo Estado, já anda em cinco o numero dos Inspectores do Thesouro, aposentados, sendo que *só um* a idade e as molestias o tornaram invalido !

—Ha no orçamento da intendencia da Labrea, no mesmo Estado, uma verba de 20:000$000 reis, digna de um almanak.

—Um feliz contractante percebe annualmente esta verba para abater para o consumo publico 3 rezes por semana, durante o inverno, e 2 durante o verão—ao todo 120 rezes, cabendo-lhe por cada uma 166$666 reis. Por cada rez que não abater paga a multa de 100$000, ficando porém, com *direito* aos 66$666 reis, que, mesmo nestes casos, são-lhes garantidos; de fórma que se entender de não abater nenhuma percebe ainda assim o nosso felisardo a insignificante somma de 7.999$920 reis annual !

E' preferivel não abater...

A carne é vendida a 2$000 o kilo.

mesmo algum dinheiro em cofre que provasse mais tarde a *sobriedade* da Republica, tributou-se o povo a torto e a direito, sendo que é d'ahi, e da baixa do cambio, que vem o augmento das rendas de alguns Estados, e não como cavillosa e falsamente tem-se procurado explicar, de ser isso o resultado dos grandes cortes feitos na despeza publica.

Se a Republica encontrou o paiz a braços com uma crise de verdadeiro exterminio financeiro, que procure a causa na lei de 13 de Maio que a ha de encontrar — fatal e inevitavelmente determinando a grande reacção.

A Monarchia pode ter sido prodiga ; porem a Republica tem sido, simplesmente, perdularia !

E cousa muito peior ainda...

É um illustre titulado quem agora nos falla, pelo jornal *Ceará* de 26 de Novembro de 1896. Ouçamos o que nos diz elle em o seu artigo denominado :

PATRIA

Patria querida, patria adorada, até quando soffrerás no teu credito, na tua honra, na tua dignidade ? !

Filhos desnaturados, brasileiros do esterquilineo, matam-te pouco a pouco, sangram-te lentamente nas tuas rendas, que são o teu san-

gue, na tua honra que é tua vida, na tua altivez que é o teu apanagio.

Como Christo, aos vendilhões do templo, enxota com o azorrague da tua indignação, com o latego de teu protesto, estes prevaricadores, estes ladrões de tuas rendas, estes defraudadores vis e miseraveis.

Incute no espirito de teus filhos bastante coragem, bastante patriotismo, afim de que este crime medonho, este sacrilegio horrivel tenha um paradeiro.

Bastante tens soffrido no teu caracter, bastante tem sangrado a tua dignidade ; o estrangeiro vil e ousado muito tem te ludibriado, porque consentes que uma horda de aventureiros, cujo pharol é o peculato, cuja bandeira é o roubo, que se dizem teus filhos, mas que são espurios, transformem as alfandegas, que são tuas arterias, em antros vis e tetricos de banditismo ?

Peores que calabrezes que para roubar expõem a vida, elles certos da impunidade, certos de que contam com protecções seguras, ladrões de casacas, defraudam o que tens de mais santo e mais sublime — o suor do povo ; roubam o que tens de mais precioso e mais necessario — as tuas rendas ; apunhalam-te no que tens de mais sagrado —o teu credito, a tua prosperidade, a tua felicidade.

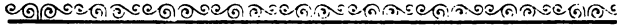
Como dos Livros Santos, Josué, dize a

estes mêchos do progresso, a estes falsarios infames, aos ladrões de tua honra. —*Parai de tanto roubar e contai como certo com o castigo de vossos crimes.*

DR. MENDES RIBEIRO.

—

Já que confiado na benevolencia do auctor, fizemos a transcripção do artigo, é justo que concedamos a palavra ao Estado que se julgar innocente e limpo de culpas para que atire a primeira pedra...

Si, ao que nos disse o animoso e distincto escriptor, tivessemos de juntar— o banimento completo dos comicios eleitoraes ; — a absoluta falta de confiança e de garantias da parte dos tribunaes judiciaes e das autoridades administrativas e policiaes ; — a prepotencia e a carnificina humana que impera por muitos Estados ; — a coacção de todas as liberdades ; —a preterição de todos os direitos ; —o descredito de todas as institiuções ; a confusão de todas as leis—veriamos o que sôe ser um governo sem Deus, e até que profundidade, no charco da dissolução moral, acha-se atolada a sociedade brasileira.

V

Vejamos agora o que ao professorado cearense estava reservado depois de 92.

Não consta, nem ha exemplo na historia politica do paiz, de guerra de exterminio egual a que soffreram estes pobres desgraçados, a partir de então!

Mal pagos, sobrecarregados, muito delles, de familia, vivendo sabe-o Deus como, por essas brenhas alem, privados de todas as garantias e de todos os confortos da civilisação—restavam-lhes ainda, para cumulo de maior infortunio, o destempero e tresvariamento do governo (13)!

---

(13) Em consequencia destes abusos é que, em Manáos, de 74 escolas postas em concurso em 1897, apenas duas foram providas, tendo concorrido somente 4 candidatos, dos quaes dois foram reprovados!

O que falta para animar ali a instrucção publica, pergunta uma folha do Pará, dando esta noticia?

—Garantias ao professorado e bom ordenado—responde o mesmo jornal.

Não é que se tratasse de punir esta ou aquella falta commetida nos misteres de suas funcções ; pois que, para isso havia disposições de leis bem terminantes no regulamento da instrucção ; mas é que se tratava de politica ; e como neste paiz a nenhum funccionario publico é dado votar senão em quem manda o governo, bem caro tiveram de pagar os que contra uma tal prepotencia tiveram de arcar !

Assim é que vimos professores que, longos annos havia prestavam os seus serviços numa localidade, serem removidos para outra muitas leguas distante, sendo que, na impossibilidade de transportarem-se a tempo, viram-se por isso esbulhados de suas cadeiras —tal a estreiteza do praso que lhes era marcado para a viagem !

Pobres, como são todos elles, alem de não perceberem um real de *ajuda de custo*, se lhes negava ainda o tempo de que careciam para o arranjo da jornada ; e isto, como acabamos de ver, quando o praso concedido não ficava fora do esforço humano.

Um horror !

E quando acaso atrevia-se algum a objetar todas estas difficuldades— respondia-lhes o governo :

—*Que quer, os amigos exigem...*

O resultado de todo este espalhafato foi terem ficado muitos na mizeria, nada lhes va-

lendo os muitos annos de fadigas, ao serviço das lettras.

Sobre as pobres senhoras a guerra não foi menos cruel. Muitas destas, casadas com adversarios da situação, foram tambem removidas para pontos longinquos ; e como lhes era impossivel abandonar os maridos, quasi todos commerciantes, agricultores, creadores estabelecidos, tiveram de perder as suas cadeiras, conquistadas á custa de esforços e sacrificios inauditos !

As que não eram casadas, ainda assim não escaparam ás iras da situação, desde que directa ou indirectamente importava a sua remoção n'alguma vindicta a algum protector ou parente proximo ou remoto.

Emfim, foi tal o desazo e tal a sêde de vingança dessa epoca, que professores casados com professoras foram removidos para pontos diametralmente oppostos um do outro, o que equivalia a dizer :— *ou o divorcio ou o voto...*

VI

Cómo instrucção primaria, a particular ou paga é a unica que, no nosso paiz, toda confiança inspira aos paes de familia que interessam-se seriamente pela educação de seus filhos; e isto não só por ser a em que se estuda realmente, como por não viverem os professores em outra dependencia que não a de si mesmos.

Em abono ao que avançamos vejamos como se externa em sua mensagem ao Congresso, em Maio de 1897, o governador do Amazonas :

—"A experiencia tem me demonstrado, nas repetidas visitas que tenho feito ás escolas publicas e particulares nesta capital, um notavel desenvolvimento nas ultimas, a par de estacionamento ou retrogadação nas primeiras.

Nas particulares ao lado de uma muito lisongeira frequencia observo um certo gráo de adiantamento nos alumnos, o que demonstra interesse da parte dos professores em cuidar do desenvolvimento intellectual das creanças, estabelecendo a mais ampla confiança nos responsaveis pela educação desta. "

D'entre alguns collegios particulares, com internatos, que conta o Ceará, e dos quaes com muitas vantagens para as lettras poderiamos nos occupar —taes como os do Srs. Lino Encarnação, Conegos José Barbosa, Liberato; o Seminario Episcopal, (14) etc, na Fortaleza, —especialisaremos o do infatigavel Sr. Anacleto de Queiroz, nesta mesma capital, fundado ha mais de quinze annos.

Este collegio, que pode rivalisar com qualquer da Europa, é, talvez, um dos melhores que possue o Brasil, e que, por isso mesmo, muita honra faz ao Ceará.

Alli tudo é disciplina, tudo é ordem, tudo é estudo.

---

(14) Para a educação de meninas ha, neste mesmo genero, o collegio de "Santa Thereza de Jesus," da "Immaculada Conceição" e o da Ex.ª Sra. D. Anna Bilhar, sendo que só o primeiro não possue internato.

Nestes estabelecimentos são encontradas, educando-se, muitas filhas de outros Estados, o que nos dispensa de exaltar o merito e a excellente reputação de que gosam os mesmos.

—Quanto ás escolas publicas do mesmo sexo, reportamonos ao que já dissemos das do masculino ; pois que, uma e outra, vestem-se da mesma hollanda.

Entre internos e simi-internos, sobe sua frequencia diaria a mais de duzentos.

Ninguem ha que o visite que delle não se retire agradavelmente impressionado. O asseio e o bom tratamento dos alumnos constituem ainda o seu apanagio.

As cadeiras das differentes materias—primarias e secundarias — occupam-n'as os melhores professores que tem o Ceará.

Faz-nos isto agora lembrar o que, com pasmo e admiração, tivemos occasião de testemunhar no populoso departamento do Riacho do Sangue, na nossa ultima excursão pelo sul do Estado.

Queremos tratar de alguns rapazes com quem nos demos—escrevendo e fallando um brasileiro tão correcto, que se diria havel-o aprendido n'algum bom collegio de importante capital.

E mais ainda : quer de historia, geographia, astronomia, etc: quer de inglez, francez, etc, de tudo tinham uma idéa geral e de tudo conversavam com desembaraço e sem affectação. Entretanto, nunca sahiram d'alli !

Nunca conviveram, demoradamente, em outro meio que não o de suas acanhadas aldeias !

—É que, em um modesto collegio na Cachoeira, tiveram por mestre o intelligente e operoso moço —Dr. Solon Pinheiro, que bas-

tante apaixonado das lettras e do progresso de sua terra, repartia o tempo entre os seus clientes, na advogacia, e os seus patricios, no pequeno internato que sustentava.

Bem proveitosas foram as licções que, por espaço de tempos, deu o Dr. Solon aos seus collegiaes.

Seus discipulos, ao passo que faziam honra ao mestre, envergonhariam, de certo, a muitos estudantes dos nossos Lyceus, si, em exame commum, tivessem de responder ás arguições do mais meticuloso e exigente examinador.

A *bagagem* seria medonha !

Tomasse o governo a instrucção ao serio: —fosse assim regidas as cadeiras do ensino official ;— commetessem-se estas a homens devidamente habilitados para uma tal funcção ; —remunerasse-se melhor, e mais condignamente com a posição, o magisterio publico ; —garantisse-se melhor e mais seriamente o direito adquirido de quem quer que se entregassse a tão extenuante labor ; —fizesse-se a nomeação dos professores na razão das provas de capacidade exhibidas em exames e não na dos empenhos feitos por politicos (15) bisonhos

(15) Conta-se que na Bahia, um protegido de um chefe politico, candidato a uma cadeira do interior, indo a exame o examinador perguntou-lhe se *fazendas* era *singutar* ou *plural*, ao que o meu tabaréo, depois de muito haver remechido os bolsos, respondera :

— Deixo de responder a pergunta de V. S. porque não trouxe os meus oculos...

O candidato foi approvado... !

e apaixonados;— tornasse-se o ensino obrigatorio, facultando ao pobre, em escolas especiaes, a liberdade da frequencia como lhe permittissem os magros recursos;— creasse-se premios quer para o discipulo quer para o mestre que de uma tal distincção se tornasse digno, incitando assim a emulação da qual bem distanciados vivemos;—desse-se, finalmente, aos exames um caracter, verdadeiramente serio, precisamente moralisado, soberanamente respeitoso —e o Brazil, dentro em pouco, poderia correr parelhas com a Suissa e a Allemanha, porque intelligencia e qualidades aproveitaveis é o que não falta ao povo brazileiro: o que nos falta é o methodo e uma direcção mais criteriosa e sabia, que nunca houve na Instrncção Publica do paiz.

VII

Disse-o Guizot e os nossos oradores repetem a cada instante, que *abrir escolas é fechar cadeias.*

É uma verdade axiomatica, consagrada pela experiencia dos povos cultos, a cuja frente é de justiça collocar os irmãos de Guilherme Tell.

Mas, como procuramos nós pratical-a ?

Nada obstante a rhetorica altruista dos tribunos, jamais nos aventuramos a uma tentativa seria no terreno pratico.

Já vimos, pelo que ficou dito, que a instrucção que nos vem do governo—nos Lyceus e nos bancos escolares— é a mais defficiente possivel, por faltar a este a sensatez e a idoneidade precisas para defrontar questões de tamanha transcendencia. Pois bem. Vejamos agora como para nós brazileiros, não passa

aquelle apophtegma de uma banal utopia e que proferil-o em tom sentencioso e dogmatico nos nossos comicios litterarios é proferir uma verdadeira sandice.

Fallem os factos.

Dos orçamentos de 1896, nos diversos Estados do Norte, vê-se que despende,

O Amazonas :	
Com a Instrucção Publica	495:040.000
Com a Força Publica	1.408:662.160
O Pará :	
Com a Instrucção	2.291:570.000
« « Força	2.308:693:860
O Maranhão :	
Com a Instrucção	227:840.000
« « Força	342:755.000
O Ceará :	
Com a Instrucção	399:620.000
« « Força	492:683:780
O Rio Grande do Norte :	
Com a Instrucção	99:324:501
« « Força	255:544.874
A Parahiba :	
Com a Instrucção	183:404:444
« « Força	252:860:000
O Pernambuco :	
Com a Instrucção	1.262:064.333
« « Força	1.456:520.150

—

Parece que para provar a nossa asserção,

isto é; que preferimos as cadeias ás escolas, não precisa irmos até a patria do Sr. Julio de Castilhos, onde, certamente, teremos de encontrar uma consideravel praça de guerra e de levar todo o tempo em responder ao interrogativo—*quem vem lá ?* das sentinellas, successivamente postadas por todas as ruas e praças em que houvermos de passar.

Note-se que, afora estas verbas, muitas outras ha, que, figurando nos orçamentos com denominações diversas, são ainda prodigamente distribuhidas com o custeio e accressimo, sempre constante, da força publica.

E a tal ponto tem chegado a anciedade do governo em prover os quarteis de tropas que, até pelos Estados estranhos, circulam agentes seus, depauperando a lavoura e a industria com a infrene catechese do militarismo!

Para que tantos soldados senão para montar guarda ás cadeias ?

Para que tantos soldados senão para aviltar o caracter do cidadão — levando-o á palmatoria, a chicote, ao panno de sabre (16), quando não é a fuzil e a punhal, como succedeu ao tenente Carlos Baptista, neste Estado, e ao Dr. José Maria, em Pernambuco, esse te-

(16) Consta que em Maranhão, no governo do Senr. Belfort Vieira, as praças de cavallaria tinham por costume atar o filho do povo á cauda dos cavallos e obrigal-o, assim constrangido, a acompanhar a carreira deste até a cadeia!

Já é democracia!..

mido colosso de hontem, hoje reduzido a humillissima proporção do leão da fabula?

Sim: porque para nos garantir as fronteiras ou repellir alguma pretenção extranha, não, desde que estamos em boas relações com as potencias extrangeiras; e quando assim não fôr e para tal houver mister, até as nossas mulheres, quaes outras Jovitas, saberiam tomar as armas e bater-se como a mais valente spartana pela defeza da patria.

Para garantir a estabilidade da Republica, tambem não, porque o povo a recebeu mais ou menos bem; e se contra ella ha quem trame ou conspire é certamente, o proprio governo e os seus agentes —pondo e depondo governadores, fazendo e desfazendo constituições, *assegurando* a liberdade das urnas e invertendo o pensamento destas, e isto quando, a exemplo de outras violencias, não mandam dispersar a facão e a *comblain* os tolos que a ellas ainda concorrem!

Como se vê, é para commetter destas façanhas, perturbar a ordem publica e trazer o paiz num cahos de verdadeiro horror, que os governadores se armam e dissipam á mão farta o suor do contribuinte, suppondo, talvez, com isso não mais desestribarem-se do poder e rolarem sobre o pó da sua propria desgraça!

Bem fortificada e melhor artilhada diz-nos a historia que era a Bastilha; no entanto, no

momento dado nenhuma resistencia offereceu aos embates da massa popular, que, como a avalanche que se despenha da eminencia, foi sobre ella e demoliu-a em horas... E, se Luiz XVI e Maria Antonietta, os soberanos reinantes, foram então justiçados no patibulo, pela monstruosidade dos crimes de seus antecessores—Marat, o democrata, o republicano, tambem o foi no fundo de uma banheira, pelos seus instinctos perversos e sanguinarios.

Quer isto dizer que, para o povo, a questão nem sempre é de systema: é de governo.

Já o tivemos por acaso na Republica?

—

Convençam-se os nossos compatriotas que não é exercendo sobre o povo toda sorte de oppressão e tyrannia que a forma republicana se lhe ha de tornar sympathica ao espirito e consentanea á razão; mas sim pela propaganda sã, intelligente e conscienciosa da tribuna, consubstanciada, na pratica, por acto de reconhecida justiça, moralidade, prudencia e acrisolado patriotismo.

Outra, com certeza, seria a sorte do paiz e em todos os corações teria a Republica o seu culto de amor, si, em vez desse pretorianismo desbragado, que nos violenta e trucida, muitos Silva Jardim houvessem, que nos pregassem o evangelho da Paz e da Liberdade, mas, uma paz e uma liberdade nem mais nem menos do

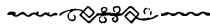
que como as de que gosavamos nos tempos, que os *engrossadores* hypocritas chamam *ominosos*...

Foi procedendo por esta forma e abrindo mão de todas as violencias que a França de 1870 conseguiu tornar effectiva a sua terceira Republica.

A Gambetta, o inspirado tribuno, coube a gloriosa tarefa de, com a sua palavra facil, irresistivel e vibrante de patriotismo, levar a convicção a todos os departamentos ainda algum tanto monarchisados e irresolutos.

Que de successos estrondosos não advieram d'ahi á França republicana!

Ouvir a Gambetta era converter-se! era ser-se republicano! era morrer-se pela patria, como quem obdece á impulsão de um dever sagrado! E elle, homem superior, talhado para os grandes lances, soube tirar partido da bôa estrella que o illuminou nessa campanha pelo bem; porque percorrendo toda a França, deixou-a por fim sinceramente devotada á nova ordem politica.

Bem feliz a nação que tem filhos taes e que assim os aproveita!

VIII

Supponha agora o leitor que o Brasil, batido pelas armas, cahisse nas mãos da Turquia, da Armenia ou de outro qualquer paiz notadamente celebre em actos da mais requintada barbaria, e que cada uma de suas villas e cidades fosse entregue á sanha de um troço de soldados indisciplinados e perversos, posto ao mando de um homem vingativo, discricionario, etc.

Supponha mais que os vencidos, os conquistados, absolutamente indefesos, coatos em sua liberdade, privados de todos os favores da lei—fossem de quando em vez presos, surrados, esbofeteados, assassinados, e até mesmo torturados a fogo, depois de bem ensopadas as vestes de kerosene !

Supponha o leitor tudo isto e ahi tem uma imagem approximada das relações das pobres

populações do interior com a sua policia e com os famigerados regulos d'aldeia !

Ahi tem, finalmente, o que sem tugir nem mugir soffre o desventurado matuto em pleno governo democratico !

Pobres filhos do sertão, sempre benevolentes e infelizes !

Quanta paz, quanta felicidade, quanta ventura não lograrias nesse teu doce, bem que affanoso viver, si, pelas tuas monotonas e silenciosas ruas não brilhassem á luz do sol e das estrellas a lamina do sabre irresponsavel !

Que serena e tranquilla poesia não encheria o teu lar —sempre aberto á bôa hospitalidade— si pelas quebradas dos teus montes e pela amplidão dos teus valles não mais echoasse a nota tetrica de um clarim policial !

Bemdizei aos céos, oh ! felizes povoados ! oh ! ditosos aldeões ! oh ! abençoados filhos do povo, que não conheceis destas pantheras e que nunca as vistes nos vossos pacificos dominios !

Para que enumerar todas as localidades ?

Basta dizer que das deseseis praças da guarnição do Crato, quando lá estivemos em 1893, a menos criminosa passava por ser o seu commandante, reconhecido auctor de ***duas mortes***, das quaes a sociedade e a lei não haviam ainda tomado as devidas contas !

Avaliem as outras.

Hoje que esse numero acha-se elevado ao dobro, bem pode ajuisar o leitor o que vae de horrores por ahi alem.

E somos um povo civilisado !

E já que tocamos nestas iniquidades commettidas em nome da lei, nestes afamados satrapas, que tanto ennoitecem e pertubam a paz e o progresso das pequenas circumscripções territoriaes — justo é que abramos um parenthesis para dar ao leitor uma ideia, mais ou menos approximada, do estado de barbarie em que, com os de Pernambuco e Parahyba, ainda se acham os nossos sertões.

Queremos fallar dos cangaceiros ou assassinos de profissão, que no Cariry intitulam-se *homens do trabalho*, fazendo alarde dos perigos que affrontam e da sobranceria com que investem contra os seus inimigos.

Ser cangaceiro no Cariry ainda é profissão honesta e, diga-se a verdade, lucrativa !

Para nos poupar o trabalho de mencionar muitas localidades passaremos simplesmente a falar do Jardim, pois só ella com a sua mescla de civilisação e barbarie, nos auctorisa a julgar as outras.

—Collocado além da Serra do Araripe, em solo dos mais fecundos, gosando clima dos mais doces, abundando em nascenças que irrigam a terra a enorme distancia, coberta de arrosaes e canaviaes, dispondo para a cria-

ção de gados de toda sorte, da mesma facilidade que para a agricultura em todas as suas modalidades, é essa região adequada á commodidade e barateza da subsistencia; e isso e mais ainda o seu aspecto physico, a serraria cheio de esconderijos, a abundancia de suas pontes espalhadas por toda parte, as largas chapadas desertas, abundantes em fructas silvestres, e mais do que tudo a distancia em que se acha da capital do Estado — dá aos seus habitantes uma atrevida independencia e consequentemente uma tal ou qual predisposição para furtarem-se á acção das leis.

E' como dissemos : um mixto surprehendente de civilisação e barbarie.

Ao lado da affabilidade, da cortesia com que se tratam os homens, nota-se o despreso que reçuma em todos pela vida e sorte de seus semelhantes, desde que agite a alma daquella gente o vento das paixões.

Trivialissimas são alli as lutas cruentas, os assassinatos, as emboscadas.

Parece que o Ceará, a Parahyba e Permanbuco, cançados dos labores das respectivas administrações, teem desdenhado estendel-as áquelles confins, limitando-se á nomeação de auctoridades incapases de agir e por isso forçadas á impassibilidade ante o crime. Essa attitude é interpetrada pelos criminosos, como tacita approvação dos seus desmandos.

E' assim que actualmente, ali por aquelles sertões transitam desassombradamente bandos de cangaceiros mercenarios, tendo cada um o seu respectivo chefe, que é sempre um criminoso que conseguiu aureolar-se com a fama de assassinatos, em circumstancias extraordinarias.

Podemos mencionar entre os mais notaveis: O grupo dos Damas (17), chefado por José Damas.

O grupo dos campirás, que ha poucos dias assassinara no Estado da Parahyba, perto do Jardim, o fazendeiro Bello Pereira, para ganhar a quantia de duzentos mil reis, que destribuida por todos os do grupo, cabia a cada um a insignificante quantidade de reaes!

O grupo dos Mauricios, chefado pelo celebre criminoso Raymundo Mauricio, com séde na villa de Porteiras de Fóra, a 5 leguas da cidade do Jardim.

O grupo dos Farias, que se diz ser o maior, constando de uns duzentos cangaceiros, com séde na serra do Man, municipio de Salgueiro, Pernambuco, a poucas leguas

(17) Pela fazenda de um barão, no visinho Estado de Pernambuco, proximo ao Jardim, passara ha annos um moço boiadeiro, que temendo fazer uma travessia suspeita, pedira ao barão um dos seus famulos para acompanha-lo até certo ponto. José Damas, o famulo designado para esse fim, assassinou o boiadeiro, tirou-lhe as centenas de mil réis que com o mesmo encontrou e sumiu-se, conseguindo mais tarde, após uma serie de outros crimes, fazer-se chefe do grupo que hoje tem o seu nome.

do Jardim. Todos estes grupos transitam livremente pela comarca do Jardim, chegando mesmo á cidade, fazendo feira em Brejo dos Santos, Burity Grande, Feira do Pau e na villa de Porteiras, que se pode dizer, ser com raras excepções, habitada por gente que vive do cangaço ou que o fomenta.

No proprio Jardim acha-se aquartellado ha muitos dias o grupo dos Compirás, que perseguido pelo grupo dos Damas, se veio refugiar em casa de Manoel Leal, antigo cangaceiro do Pajehú de Flores, o qual, retirando-se da *vida activa*, veio residir a meia legua da cidade.

Assalariado por parentes de Bello Pereira, veio ao Jardim o famoso grupo dos Damas que alli aquartelou-se e espreita occasião para assaltar as trincheiras feitas pelos Campirás. Em visita aos Damas vieram áquella cidade os Mauricios fazendo uns com outros ao encontrarem-se, ridiculas continencias, crusando os bacamartes.

No Jardim e em Salgueiro (Pernambuco) espera-se a cada passo um choque entre os grupos dos Mauricios e Farias, inimigos figadaes, sendo que estes ultimos estão sendo perseguidos pela força publica, vinda do Recife para Salgueiro, onde serios tiroteios tinham ha pouco ainda ocasionado mortes de lado a lado.

O encontro dos Damas com os Campirás deve se effectuar em breve, si é que não effectuou-se já, pois é proverbial a indifferença de todo aquelle povo inclusive os habitantes da cidade do Jardim, ante as mais horriveis hecatombes.

Quando uma luta está imminente dizem ali com ar de troça: *Temos hoje carne fresca.* Si alguem levado por esse sentimento de solidariedade, que é no homem mais rude a manifestação da civilisação, lembra-se de dizer palavras de censura, ouve sempre esta resposta:

—*São cangaceiros, lá se havenham.*

Não ha ali homem limpo sem bacamarte e cartuxeira.

Apezar de tudo, com prazer o dizemos:

—São bons homens, os habitantes do Jardim, porem victimas, victimas tão somente da cegueira em que os deixou a falta de educação moral e religiosa e a proverbial imprevidencia dos governos, em relação á populações do interior.

Naquellas regiões bitola-se a importancia de um homem pelo numero de cangaceiros que tem sob o tecto ou que arrebanha numa emergencia qualquer. Os proprios governos não teem podido isentar-se desta pecha.

Em Barbalha ha um chefe politico, reconhecido officialmente, que é incapaz de escrever uma carta e segundo diz, *não entende de*

lezes, mas tem gente comsigo e faz o que quer, graças á Deus.

Esse instrumento, dizem tem sido bafejado por todas as politicas.

Pede-se imformações do individuo A, ou B e respondem:

—Este não é lá estas cousas, tem uns 6 ou 8 homens comsigo, mas, aquelle, não! dispõe de muita gente e tem armamento bonito!

Fazendeiros ha que, sendo naturalmente pacificos, são levados a admittir cangaceiros ao pé de si para defenderem-se de aggressões sempre imminentes; outros acceitam-n'os pelo mêdo de regeitar-lhes os serviços, porque sabe-se que um certo numero de cangaceiros pode levar o arrependimento ao *patrão* que não quer dar-lhes agasalho, quando delle precisam.

Já vão sendo raros os casos de roubos com emprego de violencia physica, porem os pedem a titulo de emprestimo, sem intermedio de obrigação, pelas casas e pelas estradas, e ninguem se atreve a recusar-lhes cousa alguma em face da eloquente e *commovedora* presença do bacamarte.

Pode-se avaliar as consequencias de tudo isso naquellas bellissimas regiões do Cariry incontestavelmente a mais rica, a mais pittoresca do Estado.

Quem, ao atravessar as formosas chapadas

da montanha do Araripe e do boqueirão da Bocca da Matta, divisa aquelle valle, eternamente verdejante, com suas fazendas de plantar e innumeras habitações dispostas em amphitheatro, emergindo do meio dos canaviaes a risonha cidadesinha, fica enlevado e presa de agradavel contemplação. Parece effectivamente um Jardim que a imaginação suppõe povoado de anjos.

Anjos? Pois não! Desde a idade em que as creanças o são em qualquer parte, os d'ali já sabem trazer ao cinto a faca de ponta. Brinca com as *vaquinhas* de osso em curraes de palitos o filhinho do creador de gados; com retalhinhos de pannos em pratilheiras de caixas de phosphoro o filhinho do negociante; as creanças do Jardim, e principalmente de Porteiras, pedem ao papá um bacamartesinho de pau!

—

Passando á vista de cidadãos a palestrar pacifica e innocentemente vae um grupo de cangaceiros, capitaneado pelo celebre José Damas. Um caboclo de olho vivo, aspecto militar, com a indefectivel trunfa sobre os olhos, diz para um dos da roda:

—Olhe lá, compadre, aquelle mais baixinho que vae acolá é meu primo fulano. Ninguem dava nada por elle, mais depois que matou o velho Manoel Raimundo, abaixou a mão que está feito um homem !!... Um da roda diz:

—Conta, A., aqui a este Senr. aquelle negocio do tiro que elle levou na fazenda tal. E o Senr. indicado ouviu então de A. que o tal seu primo alguns mezes antes, estando no terreiro de uma fazenda com os seus companheiros dissera a um destes:

—Fulano, da'-me um tiro para ver se ainda estou com o corpo ligeiro. Depois de instar duas ou trez vezes o outro levou o bacamarte á cara e desfechou.

O cangaceiro que serviu de alvo fez uma piruêta e a bala fez-lhe um sulco de alguns milimetros na cabeça do hombro.

Ora homem ! pois não estou ficando pesado ! ? Disse simplesmente a galhofar.

Desconfiando o Snr. que recebia as informações de A. de que este caboclo de modos tão sacodidos fosse tambem algum dos taes, perguntou-lhe:

—E' o Senr. Antonio d'aqui?

—Não Senr., sou da Serra do Man.

Vim aqui por occasião de um barulho para que fui convidado e me dando bem na terra aqui casei-me e resolvi ficar abandonando as armas.

Abandonar as armas era simplesmente um modo de fallar, pois o homem trocára apenas as agruras do *cangaço* ambulante pelas vantagens que o mesmo officio proprociona-lhe em morada certa onde não faltava-lhe trabalho constante e bem remunerado.

IX

Um juiz... do Jardim reside em Porteiras (que fica a cinco leguas daquella cidade) onde, obrigado ou não, fez-se tambem um poderoso chefe de cangaceiros.

Esta cidade é o lugar talvez mais perigoso de todas aquellas regiões, vivendo ali os differentes chefes, por assim dizer, em paz armada.

D'entre muitas façanhas imprestadas ao tal juiz ouvimos narrar ás seguintes

—Um advogado que incorreu-lhe no desagrado foi obrigado a foragir-se ; e, comquanto se retirase do Jardim, foi, todavia, encontrado (fora da comarca) por cangaceiros que dando-lhe uma tremenda ajuda de pimenta, ordenaram-lhe que se posesse fora do alcance das ar-

mas porteirenses, antes que a pimenta cessasse de arder!..

—Fixou dito juiz a sua residencia em Porteiras, por ter sido nomeado para o Jardim contra a vontade das influencias desta localidade, receiando portanto, ser alli desacatado. Isto mesmo lhe serviu para obter do governo licença para residir em Porteiras.

Tomando posse do cargo, fez pazes com os chefes do Jardim; e a convite destes foi ali passar trez dias. Na sua auzencia o juiz supplente de Porteiras assumiu o exercicio do cargo; e como o fizesse indevidamente, foi por esse facto reprehendido pelo funcionario substituido. Disto resultou uma intriga entre ambos, sendo que o supplente chefava tambem um grupo de cangaceiros.

Alguns dias depois, pela meia noite, accordou o juiz ao som de gritos e viu que um grupo de homens tiroteiava contra sua casa; ao mesmo tempo que ouvia a voz do supplente que bradava:

—Acorda, patife; é agora que me vaes pagar os desaforos de outro dia...

Sem perca de tempo o aggredido grita pela sua gente; e dentro de poucos minutos, aos tiros que partiam de fóra, respondiam tiros que partiam da casa assaltada.

O supplente foi batido.

As cousas, como é natural, a partir de então

azedaram-se; e de parte a parte se accumulavam preparativos bellicos, chegando o substituto a ter em armas perto de quinhentos homens!

Perseguido e sem forças para reagir teve o supplente de retirar-se para fóra da comarca —indo refugiar-se na villa da Aurora, onde acaba de ser assassinado, segundo dizem, por uma praça do destacamento local.

—Eis como nos noticia o facto a folha do governo, isto é, *A Republica* de 23 de Fevereiro de 1898, transcrevendo nas suas columnas editoriaes uma carta do seu correspondente de Porteiras:

—«Fomos hoje, diz a carta, surprehendidos, com a infausta e dolorosissima noticia de haver sido barbaramente assassínado na villa da Aurora, o nosso inclito amigo e correligionario, major David Tavares Pinheiro, prestigiosa influencia politica desta villa onde exercia o cargo de 1.º supplente de juiz substituto.

O finado contava 40 annos de idade, etc.»

O assassinato deu-se ás 5 da tarde do dia 23 de Janeiro de 1898.

Um dos grupos de cangaceiros, de que acima fallamos—o dos Farias— indo ha pouco ao Salgueiro, alli taes desordens promoveu que obrigou o juiz de direito a abandonar a comarca e refugiar-se no Jardim. A população vendo-se em perigo por tér o mesmo grupo marcado dia e hora para outro ataque, valeu-se

do Padre Cicero, que alli se achava, e foi este que, indo ao encontro dos *valientes*, como outr'ora um bispo de Roma (Leão I) ao encontro de Attila, desarmou-os, appellando para o sentimento religioso daquelle povo de barbaros.

O Padre Cicero exhortava-os a depor as armas e mal começava a sua pratica, já os cangaceiros derramavam copiosas lagrimas e sacodiam-lhe o bacamarte aos pés recebendo, em troca, cada um seu rosario.

A cerimonia, posto que edificante e commovedora, não produziu por muito tempo os effeitos desejados ; porque no dia seguinte, voltaram todos ás armas trazendo novos receios ao povo do Salgueiro.

Ha bem pouco um cangaceiro, muito conhecido no Jardim, assassinou em pleno dia, o alugado de um fazendeiro residente na mesma cidade—desfechando um tiro sobre a victima e acabando-o de matar a facadas, atraz de um quintal.

Isto feito, tomou, muito naturalmente, pelas ruas mais publicas da cidade, lambendo o sangue da lamina da faca, para bem se amestrar no officio, como fazem os vaqueiros noviços, ás primeiras rezes que matam !

E como tivesse jurado matar um outro alugado do mesmo fazendeiro, foi este ter com o promotor publico e pediu-lhe que interviesse

no sentido de obstar, por meio suasorio, este segundo attentado.

O promotor vae ter com o assassino e, por sua vez, faz-lhe o seguinte pedido:

—Jacintho, quero lhe pedir um favor e espero que você não me falte...

—Fale e diga.

—Sei que você jurou matar o outro trabalhador de fulano; o patrão delle veio empenhar-se commigo para lhe pedir para você desistir disso; e eu queria que você me fizesse este obsequio...

—'Stá bom, como é a primeira cousa que vossemecê me pede, pode dizer a elle que está servido; mas olhe qu'eu faço isso é a vossemecê.,..

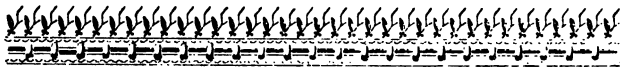
Quanto nos pesa registrar facto desta natureza!

Quanto é doloroso dizer que viajar pelos sertões do Ceará, Parahyba e Pernambuco,—é viajar entre féras! é viajar entre homens obcecados e endurecidos no crime! é viajar entre patricios que vivem do bacamarte e que se sustentam e a seus filhos do sangue de seus semelhantes!

Como não dizer que a nossa civilisação acha-se circumscripta ás capitaes dos Estados!...

Que horroroso contraste.

—Aqui, o lettrado, a imprensa e o livro! Ali, o cangaceiro, o bacamarte e a victima!

. . . .

X

Encerrado o parenthesis e voltando ao que acima iamos dizendo sobre a policia, chamamos a attenção do leitor para a local que passamos a transcrever de edictorial do *Ceará*, de 9 de Fevereiro de 1897.

Diz a local citada :

—Antonio Pereira de Souza, morador nesta capital, indo embarcar para Mondubim, no trem de domingo, 7 do corrente, e não tendo relogio para marcar a hora do embarque, sahiu um pouco mais cêdo do que devia—ás quatro horas, mais ou menos, da manhã ; e ao chegar á cacimba onde o vapôr toma agua (na rua da Lagoinha) encontra dois soldados de policia, sendo um anspeçada, que lhe deram voz de prisão.

A victima entrega-se á descripção, porem os soldados não satisfeitos com isso corremlhe os bolsos, d'onde roubaram-lhe 48$000 réis e por cumulo de perversidade, tocaram-lhe o páo que deixaram-n'o ferido e estendido no chão!

Está ahi a victima para a justiça do Senr. governador Accioly verificar, se é isso que lhe merece attenção (18)

Gasta-se o dinheiro das contribuições impostas ao povo para subsidiar os taes mantenedores da ordem publica e chega-se por fim á dolorosa convicção de que seria preciso arregimentar outra policia para policiar a que temos.»

Factos, como o que ahi fica, occorridos nesta capital e denunciados pela imprensa, contam-se por dezenas, por se reproduzirem elles quasi diariamente.

Ora, se na séde do governo e ás barbas das principaes auctoridades vemos a policia in-

---

(18) E' sem razão que o noticiarista culpa de algum modo, ao Exmo. Senr. Dr. Accioly por semelhante acto de selvageria. Vem isto de longa data e em todos os Estados todos os dias dão-se destas scenas.

O mal está na nossa educação e na pratica absurda de confiarmos a segurança publica a homens indignos de um tal mister.

—Em Manáos, por exemplo, nunca as classes trabalhadoras lograram de tanta paz e de tanta garantia de vida e de propriedade como, quando para Canudos, d'alli seguiu um exercito policial, em sua maioria, composto de quanto desordeiro e de quanto vagabundo havia por outros Estados e que para alli emigraram ou foram contratados pelo governo nos proprios lares!

vestir para os cidadãos indefesos, metter-lhes o páo, pôl-os por terra e saquear-lhes os bolços— imagine-se o que pelo sertão não soffre o pobre matuto em sua vida, liberdade e fortuna!?

Espancamentos deste genero e depredações desta natureza dão-se ainda todas as vezes que, a serviço, sae uma escolta para fóra da capital. Por onde passa, dir-se-ia uma horda de cannibaes, desenfreada, estranha a todos os sentimentos da humanidade tudo levando a ferro e a fogo, não escapando á protecção de tão bons agentes da auctoridade, siquer os brutos que encontram pastando livremente á beira das estradas!

Mesmo nas nossas principaes cidades, onde o progresso assignala o evoluir de uma civilisação—ninguem ha que não tenha testemunhado o modo simplesmente brutal porque são presos e conduzidos aos carceres os desgraçados que cáhem nas garras dos ferozes agentes da lei, por simples infracções de posturas.

Trate-se ou não de uma futil prisão correccional, submetta-se ou não o paciente á intimação recebida; siga ou não elle humilde e quieto o caminho da cadeia,— o certo é que bem poucas vezes lá chega sem o que se chama na giria policial— o banho de facão! E a tal ponto têm chegado os excessos destas scenas de vandalismo, que, ao criminoso, mais aterra a ideia

de se ver por um instante nas mãos dos soldados que a de soffrer alguns dias de prisão!

Entretanto, bem differente é o systema adoptado pelos povos que tem verdadeira policia, cujo exemplo aliás tanto nos jactamos de seguir.

Na França, como na Inglaterra, por exemplo, quer no acto da prisão, quer depois de effectuada esta— é o prisioneiro cercado de todas as garantias, ainda mesmo encontrando a policia reluctancia da parte de alguns em se recolherem pacificamente ao xadrez.

XI

Foi sem duvida nenhuma seguindo os máos exemplos dos nossos policias, abusando assim do prestigio da farda e do respeito que ao povo inspira o soldado, que toda a capital assistiu indignada o modo insolito e nimiamente selvagem porque se houveram muitos voluntarios do —*Patriotic Battalion, Limited*— que aqui se organisou para *dàr cabo* dos partidistas do Senr. Custodio de Mello.

Nunca se viu mais ridiculo absolutismo !

Ninguem que não impertigasse um *dolmann* ou fosse amigo do governo do Senr. José Bizerril, podia reputar-se garantido em sua vida e propriedade !

A cidade, como assaltada por um bando de beduinos, tomava-se de um panico indiscriptivel !

A cada canto uma desordem! um espancamento! um saque á fortuna! e por sobretudo a intriga a atear a chamma das dissenções entre opprimidos e oppressores!

Calamitosos dias!

Com excepção da caixeiral, ante cuja attitude bellica não mais houve um *patriota* que se animasse a tocar num de seus membros, todas as demais classes soffreram dos garôtos situacionistas os maiores vexames e as maiores affrontas que dar-se podem.

Se entravam num *café*, num restaurante ou num hotel, ahi comiam e bebiam do que havia de melhor e não pagavam um real, e quando, acaso, o dono do estabelecimento atrevia-se a apresentar a conta, era este recebido a ponta pé ou a *jucá* (19)!

O Senr. Pedro Ribeiro Filho, homem trabalhador e honrado, estabelecido com bilhar e *casa de pasto* á Praça do Ferreira, foi, d'entre todos, o que mais prejuisos e ataques soffreu; sendo que, em obediencia á intimação recebida, teve ainda que fechar o seu estabelecimento por mais de tres dias e por differentes vezes.

Não fôra o honrado Senr. Arthur Borges e o digno Senr. tenente José Ribeiro, então commandante do corpo policial, que, tomando

---

(19) *Jucá*, vergontea forte e flexivel da arvore do mesmo nome.

Bengala cearense.

a defeza do povo lograram por termo á tantas desordens —dando caça aos seus auctores— por mais tempo, com certeza ter-se-iam ellas prolongado; pois que o senhor Bizerril, ou não tinha força para conter os tresvarios da sua *patriotada*, ou então sentia-se bem, vendo morrerem-lhes ás mãos os seus patricios.

O que sobretudo mais admira e mais revolta a alma, ao tocarmos neste ponto, é ver a fraqueza, a cobardia e a pusilanimidade de que tão miseravelmente deu mostras toda a população da cidade—deixando-se bater e pisar por *quatro gatos pingados*, sahidos das immundicies das ruas, que de um dia para o outro, arvorados em *defensores da republica*, perpetravam toda a especie de attentados contra a ordem, a moral e os bons costumes. De toda a população da Fortaleza só o coronel João Brigido dos Santos e a classe caixeiral souberam reagir contra os sanhudos patriotas, que não é para admirar, não conheciam a letra da constituição de que se diziam defensores; pois a mór parte delles nem siquer seria capaz de escrever, sem quatro erros, um bilhete. E' por isso, ou antes por vivermos de indifferença em indifferença, conformando-nos com tudo, até mesmo com ultrages da natureza do que vimos de fallar, que já uma vez nos relatou a imprensa do paiz— que o Senr. Ruy Barbosa ponderando em notas officiaes a um

ministro de França, que nós, brasileiros, haviamos feito a abolição e a republica sem derramar uma gotta de sangue, retorquira-lhe o representante alludido:

—*Sim: se fizeram a abolição e a republica sem sangue é que não o tinham para derramar...*

A' esta esmagadora resposta o Snr. Ruy nada poude retrucar.

Com toda sua genial superioridade, o eminente brasileiro, que é melhor orador da idade contemporanea e tão repentista como Vieira de Castro, viu-se forçado a engulir o remoque.

E' que a satyra atirada aos seus patricios, pelo delegado do Senr. Carnot, havia-os alcançado em cheio.

Era pois, tarefa ingloria discutir neste assumpto, sem probabilidade de triumpho..

Demais, S. Exc. havia sido um dos factores da Republica, e por isso quanta dôr lhe não iria n'alma por ver que a patria, de mão em mão, entre tiranetes, corria para a ruina e para a vergonha, á mercê da correnteza do banditismo insaciavel sem um protesto ao menos, por parte de muitos daquelles, á quem mais cumpria fazel-o e com o preciso denodo e energia.

Foi admirando e lastimando isto mesmo que ao comprimentarmos o Snr. José do Patro-

cinio, pela sua volta do exilio, dissemos-lhe em 1892:

« . . . .

Confesso, cidadão, que, como brasileiro confrange-se-me o coração ao ver no meu paiz de um dia para outro, dar-se a demolição de um throno, que se não pode dizer despido de boas e gloriosas tradições, sem que se lavrasse um protesto qualquer que viesse affirmar a austeridade de caracter e sinceridade de convicções dos meus patricios!

Quizera antes ter visto entre nós a Republica surgir de um mar de sangue (como o de que emergiu a primeira republica franceza) do que vêl-a, como a vimos, erguer-se do terreno das adhesões incondicionaes, como um cogumello toxico do chão de um pantano.

Quarta differença entre a patria de Carnot e o nosso paiz!

Em quanto alli morre-se por uma idéa, vive-se aqui da patria e para as suggestões do governo!

Uma cobardia e uma indifferença de entristecerem!

Qual o brasileiro que no dia 15 de Novembro animou-se a abandonar os seus commodos para vir á praça publica defender a vida de uma instituição que abysmava-se com o seu Imperador?

Nenhum!... Apenas alguns imperiaes

marinheiros, pobres homens do povo, tentaram alta noite abordar o navio que, a seu bordo retinha prisioneiro e incommunicavel o angusteado monarcha, no generoso intuito de restituil-o á patria.

Na historia das dedicações posthumas, ao regimen decahido, não se pode mencionar o nome do Senr. Barão de Ladario, porque aquella bravata da porta do quartel general não passou de um arranco momentaneo do seu temperamento ardente e pouco affeito a ser contrariado ou desobedecido.

A sua attitude posterior, na politica do paiz, não tem, não pode ter outra explicação.

Continuaria a ser o idolo dos conversos da monarchia se tivesse sabido praticar a verdade da coherencia.

O illustrado Senr. Ouro Preto não tendo lutado pelas armas subiu e continúa subir muito mais ainda na estima e conceito publicos.

Os demais ministros pediram suas reformas e foram viver como bons brasileiros...

Eis, pois, cidadão, como em momento é com a maior facilidade do mundo, um punhado de homens, demolindo uma instituição que nasceu com a nossa nacionalidade, deu-nos uma republica de positivistas, que o Senr.

Lauro Sodré promette manter e consolidar pela anarchia.»

—

Ainda os patriotas.

Nos cafés, nos clubs, nas praças publicas insultavam a todos os que suspeitavam adoptar opiniões opposicionistas ao seu querido governo; tratavam de *escoria e bandido* á Saldanha da Gama e promettiam engolir... pela bocca, em dois tempos toda a esquadra e exercito revolucionarios.

Quando, entretanto, por telegramma do marechal de ferro, tiveram ordem de aquartelar para, ao primeiro aceno, marcharem para o campo da lucta, não fôram poucos os que se valeram das inspecções de saude, das relações de familia, no prudentissimo empenho de se conservarem á distancia dos projectis maragatos; preferindo mesmo alguns safarem-se com o salvo conducto pouco suggestivo de uma baixa obtida em tempo de guerra, á baterem-se pelo seu ideal politico.

E' que sabiam os nossos patriotas que si é *dulce et decus pro patria mori* ainda é mais dôce comer a gente o seu soldo pacatamente, com a familia e morrer de indigestão após sessenta annos.

Deram-se então deserções geitosas á sombra da lei, graças ao Deus Empenho. Feito por esta forma o refugo, isto é, dispensados os exal-

tados e fracalhões — auctores de todas as desordens de que nos temos occupado — á menos de um terço ficou reduzido o batalhão. Apenas os correctos e bem intencionados mantiveram-se corajosamente em seus postos; não tendo, porem, embarcado por ter cessado a revolta com a capitulação da esquadra.

Para com estes que, por isso mesmo, se tornaram credores da sympathia publica, não temos senão expressões de cortesia.

Entretanto, bom é dizel-o que, seria trahir á nossa fé de christão e a caridade que devemos á nós mesmos e ao proximo, si não nos prostrasse agora diante de Deus, para supplicar-lhe a graça de em sua justa colera contra nós, castigar-nos com a fome, a secca, etc; mas que por sua infinita misericordia não mandar-nos jamais, para expiação de nossas culpas outra praga de patriotas como a que já opprimiu o Ceará.

—

Não fomos nós somente os martyres habituaes das seccas que tivemos os nossos dias aziagos e amargamos sob as violencias desta sanha de cobardes arruaceiros: soffreram tambem outros Estados.

—

Passa como certo que logo após o desastre do Senr. Moreira Cesar, e quando o Senr. Prudente tratava de concentrar forças na

Bahia, para a 4.ª expedição de Canudos, dois destes batalhões offereceram-se e pediram armas na capital federal para seguir o mesmo destino, offerecimento que o governo acceitou recusando-se, porem, armal-os alli para evitar a perturbação da ordem ; e tão boas razões tinha para isso, que o Senr. Luiz Vianna, por sua vez, ao ter sciencia de que para a sua terra ia tal gente, telegraphou immediatamente ao Senr. Prudente dizendo-lhe que—si mandasse para alli patriotas, elle os não consenteria desembarcar!

Achando, naturalmente, toda razão no Senr. Luiz Vianna, o Senr. Prudente que tambem os não queria junto de si de bacamarte e cartucheira, agradeceu a todos o heroismo e mandou-os passear...

Procedimento muito diverso— em materia de *coragem*— tiveram os jacobinos do *Club Floriano Peixoto*, de Manáos, fundado a 15 de Novembro de 1896.

Ouvil-os fallar no dia da installação era ver uma metralhadora a vomitar explosivos mortiferos contra os *inimigos* da patria... No salão nobre da Intendencia dir-se-ia que tresandava o acre fedor da... polvora, através de cujo fumaceiro davam todos de redéas ao pharinge —fazendo reboar ao longe o bellico rumor da sua fama em discursos estapafurdicos e quixotescos. Um houve, d'entre os mais

exaltados, que, em versos como os que ahi ficam, fez-se ouvir por todo o auditorio :

Matto seis de um ponta-pé,
Quasi tres de um empurrão;
Dois certo de um cocoróte,
Quatorze de um pescoção;
E se a Canudos me for,
Vae tudo razo no chão.

Sou vara de mororó
Que verga, mas não facheia;
Sou jacobino de ferro
Que quebra mas não bambeia;
Jagunço que põe-me a vista
Tem logo a ceroula cheia.

Era um exercicio de *fogo* como talvez não se tenha visto segundo entre os *morredores* da Republica.

Para mais de cem pessoas daixaram de uma vez seus nomes inscriptos, e todos os dias novas outras vinham tomar praça... no livro das actas.

A imprensa dando desta operação um boletim diario—exaltava os alistados á altura do sacrificio.

Acontece, porem, que, em Julho de 1897, o governo Federal necessitando suffocar as hostes conselheiristas, que lhe desimavam o exercito, pediu o auxilio de alguns Estados.

O Amazonas, acudindo pressuroso ao appello, fez embarcar immediatamente quasi todo o seu contingente policial, sob o commando do bravo Senr. Dr. Candido Mariano.

Era voz corrente que a republica achava-se de padre e crucifixo á cabeceira do leito e, portanto, ao *Club Floriano Peixoto,* segundo o compromisso assignado, cumpria tambem marchar para Canudos.

Dois dos seus associados (os Senrs. Paranhos e Muniz), conscios disso provocaram pela imprensa o presidente a convocar os associados.

Oh! terror!

Um brado de: *fogo no theatro*— que, de subito se fizesse ouvir em meio de uma multidão compacta de expectadores, não occasionaria mais susto e atropello!

O tempo porem, mais uma vez, produziu o costumado effeito siderante...

Passada a collica e restituido que foi ao coração o rhythmo natural, do Club não havia mais que uma vaga lembrança...

O livro das assignaturas havia desapparecido!

Dos socios, coitados, uns morreram de indignação patriotica; outros ainda hoje correriam espavoridos pelas catingas do Mocó, si, um mez depois, Canudos não fosse presa do intrepido general Arthur Oscar!

Pegar de um bacamarte, afivellar durindana á cinta e avançar, a peito nú, contra uma columna aguerrida—não é tão facil, certamente, como mudar de voz e de cara e atirar-se aos pinchos do cancan num baile de mascaras.

Se o Club fosse a Canudos é que veria bem que não...

—

Que nos perdoem e que se consolem os patriotas de Manáos.

Os de Minas Geraes, no tempo do Marechal Floriano, sendo chamados ao Rio de Janeiro, aquartellaram-se uma noite para seguir no dia seguinte... Ao amanhecer o que pensam que succedeu?

O quartel estava vasio!

De quatrocentos que eram apenas o commandante e o corneta ficaram para contar a historia, sendo que dos outros nunca mais se ouviu fallar.

E é esta gente que ainda faz concião, organisa batalhão e falla em ir á Cuba, pela hegemonia americana.

Esperem por elles os cubanos...

XII

Os nossos jacobinos.

A julgar pelo que nos refere a historia, o *Club dos Jacobinos* foi uma instituição politica creada em Versailles; á principio conhecida pelo nome de *Club Bretão*, por ter sido fundado por deputados da Bretanha.

Quando a assembléa nacional foi transferida para Paris, com ella veio o club, que passou,de então, á chamar-se *Club dos Amigos da Constituição*.

Deu-se-lhe vulgarmente o nome de *Club dos Jacobinos*, porque as suas reuniões passaram a ter logar no antigo convento dos jacobinos, á rua *Saint-Honoré*.

A sua frente viam-se muitos deputados e demagogos de ideias avançadas, porem exaltadissimos. Robespierre, por exemplo, dirigiu por muito tempo os seus trabalhos.

Era neste club que primeiramente se discutia e votava as sentenças de morte, que levavam á guilhotina os homens mais eminentes de França, sentenças que o governo revolucionario não trepidava em sanccionar, por medo e subserviencia ao republicanismo exagerado, que o assediava.

Milhares de innocentes, victimas da calumnia e da inveja, foram por elles mandados ao patibulo, passando de muitos os seus haveres para o Estado, que os confiscava.

Folhear a historia da revolução franceza é emaranhar-se a gente num dedalo de horrores, ante o qual o espirito mais calmo detem-se attonito e confuso—ora presa de sombrio pesar, ora arrebatado por ineffavel admiração pelos vultos lendarios de alguns loucos sublimes, que não trepidavam sacrificar-se pelo que elles suppunham ser a causa sagrada da patria, e que em verdade era a causa da humanidade inteira. Em meio de todo aquelle furor sanguinario desencadeiado pelo demonio das paixões politicas, o que se pleiteava ali era a causa da liberdade e da justiça, que são as bases de todo progresso.

Segundo o dictame da mais sã philosophia

é indubitavel que si os principios religiosos não fossem tão imprudentemente repudiados pelos espiritos daquella epocha, a revolução teria attingido o seu desideratum sem as terriveis hecatombes que ensanguentaram o solo da França e sem os crimes hediondos que macularam a fronte e a memoria de tantos homens illustres. Infelizmente, o partido da Gironda, que se compunham de um contingente numeroso de pensadores eruditos e perfeitamente orientados, foi supplantado pelo jacobinismo infrene e convicto de que só podia medrar sobre os escombros da razão e da justiça.

D'ahi Marat, Robespierre, C. d' Herbois e os seus partidistas.

Para chegarem aos seus fins açularam todos os rancores populares, ha longo tempo sopitados, contra o predominio de uma côrte corrompida e nefasta, até que estalou o furacão da anarchia. E então, cousa horrivel, opprimidos e oppressores, nobres e plebeus, pobres e argentarios, grandes e pequenos, vassallos e senhores, patriotas e aventureiros; todos, emfim, completamente desvairados, confusos, perdidos, sem mais um ideial a defender, um programma a seguir, uma lei a acatar, um Deus, finalmente, a temer—entregavam-se ao assassinio e á pratica de todas as atrocidades de que, com assombro nos

falla a historia daquella medonha convulsão humana!

Não fôra o jacobinismo sedicioso e sanguinario, que, especulado com a normalidade da situação logrou a seu proveito incitar os victoriosos obreiros da liberdade ao massacre de seus patricios, massacre que culminou em 1793 e que dilatou-se mais ou menos por quasi todo o periodo revolucionario—com certeza a revolução teria deixado nas paginas da historia o sulco luminoso das conquistas dos direitos do homem, não accidentado pela mancha negra e indelevel do terror.

Desgraçadamente, apossaram-se do governo, não os homens que fizeram o 14 de Julho, porem a besta apocaliptica do club maldito, sequioso de dinheiro, de sangue, de torpezas e de vinganças.

Dir-se-ia que a mão do destino servia-se della como de um latego russo para penitenciar a França; e que para o mesmo fim a fatalidade fez germinar no solo do Brazil a semente execranda do jacobinismo.

XIII

Ao leitor pouco versado em historia convidamos agora a ver comnosco a causa do levante popular, do qual resultou a tomada da Bastilha, onde, alias, só foram encontrados de seis a oito prisioneiros.

Grande, com effeito, era a esse tempo o predominio que sobre as camadas populares exerciam as classes opulentas, ou melhor dizendo—as classes nobres da França.

A' parte as prerogativas senhoreaes, os previlegios da magistratura, a venalidade dos empregos, a accumulação destes, o monopolio das caças, as pensões indevidas, o menospreso ao filho do povo, etc. que, por muito revoltarem a consciencia, só por si justificam a ingente necessidade daquella reacção—ha em

annos, foram enviadas ao supplicio vestidas de branco por terem dançado com os prussianos; choravam e o carrasco chorava com ellas. Todas as religiosas de Montmartre, com as suas educandas, subiram ao cadafalso entoando psalmos em torno da sua nonagenaria abbadessa (22). Muitas mulheres, não podendo salvar seus parentes, quizeram morrer com elles.

Só em Paris foram suppliciadas em quatro mezes doze mil mulheres, e entre ellas madame du Barry, que deu o espectaculo de uma vergonhosa fraqueza, a que não estavam acostumados; depois a sua rival de out'rora, madame Grammont, irmã do duque de Choiseul, culpada de ter proporcionado a Maria Antonietta a roupa de que carecia na prisão.

. . . .

Até novembro de 1893 tinham sido encarcerados como suspeitos doze mil individuos; e fora necessario para os receber, converter em prisões os palacios, os collegios, os mosteiros, d'onde expulsaram os respectivos occupantes.

Afinal prendia-se a êsmo, por questiunculas de bairros, por motivos de religião, dissensão de familias, de localidades, por causa de opiniões expressas ou simplesmente suppostas. N'uma só noute prenderam trezentas familias

---

(22) Nem as pobres meninas escaparam á furia jacobina! (Da guerra feita a Deus e á sua egreja, nos occuparemos na obra— *O Dedo de Deus*, que têmos entre mãos)

no arrabalde de Saint Germain; noutra, trinta e tres membros do parlamento de Tolouse; em outra finalmente, vinte sete negociantes de Sedan.

Não se davam ao trabalho de procurar um crime; o parentesco, a riquesa, a cathegoria, os nomes historicos, parlamentares, de bispo, eram motivos sufficientes.

. . . .

Os accusados eram condusidos ao tribunal ás carradas; julgavam-nos e executavam-nos as fornadas. Deram-se nestas levas toda especie de enganos.

Comparecia perante o tribunal um accusado, sendo que o seu nome não acha-se iucluido na lista:

—*Que importa,* dizia Forquier, *vou incluil-o nella.*

Fasiam a chamada de pessoas já executadas, e matavam um por outro. E isto não passava de uma vizivel bagatella. As sentenças vinham impressas para o tribunal com a competente exposição de motivos. Era só escrever os nomes das victimas.

Faziam cincoenta execuções por dia.

Isto vae bem, dizia Fouquier; *as cabeças caem como granizo.*

Ainda ha de ir melhor na decada proxima : havemos de precisar pelo menos de cento e cincoenta.

Billand Varenne exclamava:

—O tribunal revolucionario julga fazer uma maravilha quando decepa sessenta ou setenta cabeças.

Um nnmero sempre egual não espanta: é preciso duplical-o.

Vadier dizia tambem:—*é necessario levantar um muro de cabeças entre nós e o povo.*

O numero das victimas attingiu a cifra de cento e cincoenta diariamente. Foi necessario abrir um cano para dar vasão ao sangue. Mas para que fosse possivel condemnar tanta gente desconhecida, a quem só podiam accusar *de moderados*, imaginavam que estando elles presos deviam desejar ver-se soltos, e por esse facto tornavam-se immediatamente culpados, e sob esse pretexto, mandavam para o cadafalso aquelles a quem nada mais podiam imputar.

As prisões foram cheias de espiões, que criavam o delicto, fazendo com que os presos fallassem, afim de os denunciarem como aristocratas, o que augmentou a desconfiança e o terror que reinavam nos carceres.

As fornadas da guilhotina esvasiavam-nos para que ficasse logar para outras centenas.

Mantinha-se assim no populacho o temor ficticio de um delicto punido, de um grande perigo prevenido pela vigilancia republicana (23).

(23) Por esta declaração do historiador vê-se que com o jacobinismo deshumano não achava-se envolvido o povo da revolução de 14 de Julho.

De Março a Junho de 1793 subiu o numero de victimas a noventa e quatro mil quinhetas setenta e sete; de Junho a 26 de Julho contavão-se mil dusentas e oitenta e cinco.

Paris começava a sentir piedade; mas tremia.

Em toda a França se reprodusiam scenas similhantes.

Carrier, que matava por instincto, por voluptuosidade, por deboche, exterminava na Vendéa os suppostos aristocratas, aos bandos de cem e dusentos, e só respondia ás reclamações dos desventurados e dos magistrados disendo-lhes: *justifiquem-se na guilhotina.*

Nas prisões de Nantes havia perto de dez mil presos; ora, como o fuzilamento lhe parecia demasiado moroso independente da difficuldade de sepultar tantos cadaveres, mandou-os afogar ás centenas no Loire, por meio de barcos munidos de *valvolas salvadoras.*

Fez perecer os filhos dos vendeanos, que a piedade dos nautezes recolhera; em poucos dias foram sacrificadas quatro ou cinco mil creanças. Metralhavam em Bordeos, em Marselha em Toulon, e principalmente em Lyão, e se reclamavam contra estas crueldades, respondia a commissão:

—*A liberdade é uma virgem de quem não se deve erguer o véo.*

Maignot enviado aos departamentos de

Vaucluse e das Bouches-du-Rhone, escrevia a Couthou:

—Ordenas-me que mande transportar para Paris os conspiradores; mas aqui ha dez ou doze mil, por consequencia seriam necessarias para isso excessivas despezas e perigos; depois, é preciso aterrorisar, e o castigo só amedronta quando é infligido ante os olhos dos cumplices.

Achard escrevia a Gravier:

—Mais cabeças e cada vez mais cabeças. Que dilirio se visseis antes de hontem a execcução nacional de duzentos e nove scelerados! Que magestade! Que imponencia!

Que grandes scelerados comeram a terra naquelle dia! Que cimento para a Republica!

Já são mais de quinhentos; teremos ainda o quadruplo e talvez não fique nisso!

Collot d' Herbois expressava-se assim:
—Que entorpecidos estaes, vós, habitantes da indolente capital! E' timidez degolar os inimigos da patria, é necessario metralhal-os; tenho-vos dito isto cem vezes.

Saint-Just, dizia: Um partido quer transformar a liberdade em bacchante e outro em prostituta. Tendes cem mil presos, e o tribunal revolucionario já condemnou oitocentos mil culpados."

—

Pelo que ahi fica dito bem pode avaliar o

leitor quanto soffreu a pobre França, na sangrenta travessia daquelles quinze annos de republica—*á la jacobine*.

Por tal preço melhor fora—quem sabe!—o absolutismo; nem valia derruir o throno, decapitar Luiz XVI e a familia; pois a onda de sangue que trouxe no seu dorso a conquista dos direitos do homem, veio esmorecendo lamber os pés de outro despota—Bonaparte—a quem depois chamou-se o *grande*.

Nessa transição—mais dos que os trophéus conquistados pelas armas napolionicas, que chegaram a vencer quasi toda a Europa—lucrou a França em ter-se libertado da cafila hedionda de cannibaes que se adornavam com o falso epitheto de homens politicos, cujos nomes brilham na historia do terror como o gaz phosphorescente das sentinas e comparado aos quaes seria um innocente o proprio Ravachol.

Tal é a orientação do partido que no Brazil tomou o mesmo nome e procura assentar as suas tendas, para tudo anarchisar, levando a desolação e a dôr aos lares brazileiros, empecendo a marcha regular do governo, com grande consternação de quantos estremecem esta patria e timbram em vêl-a querida e respeitada pelo extrangeiro, de modo a occupar definitivamente o lugar que lhe compete entre os povos cultos.

—

Fallando do *jacobinismo* brasileiro diz o festejado escriptor, Snr. Silvio Romero, em sua obra *Doutrina Contra Doutrina*, o seguinte:

—"E' gente apta para arruinar qualquer governo que demandar o seu apoio. E' gente da especie daquella que botou a perder a primeira republica franceza, desorganisou a segunda, e já teria dado por terra com a terceira, se a intelligencia politica naquelle paiz não estivesse nesta hora mais disciplinada e instruida pelas lições da historia por amarguissima experiencia. O primeiro impeto desse grupo politico foi arredar da collaboração republicana todos e quaesquer homens, que não estivessem militando nas fileiras do partido.

. . . .

Ha muito que elles governam o espirito de Peixoto (24) sem o minimo embaraço; quebraram todas as resistencias; reunidos no *Club Militar*, pela voz de seus afamados oradores, fizeram riscar da lista do alludido club, para escarmento a futuras ousadias, os nomes de 13 generaes condemnados pelo poder; approvaram com applausos a queda dos governadores, das justiças e dos congressos estadoaes; montaram de norte a sul, tanto quanto o tem querido, a sua machina de acção; desprestigia-

(24) Esta obra foi publicada em 1894.

ram á direita e á esquerda a quem lhes veio á gana; dividiram o paiz em dois grandes grupos, os puros que estão de guarda ao thesouro, e os *especuladores*, que tem sido batidos em toda a linha!...

Mas, as cousas não *melhoram*, a *confiança* não renasce, o *cambio* não sobe, a nação não *refolega!...*

. . . .

"E, realmente, os positivistas e os jacobinos não passam de dois pequenos grupos de fanaticos; os primeiros, de uma politica e de uma religião especificamente anachronicas e antipathicas á nação; os segundos de um doutrinarismo de velha metaphysica revolucionaria, anarchica sem planos, sem normas, odienta, e apenas apta para desorganisar e corromper. A despeito de toda a audacia de que dêm provas, e as têm dado de sobejo, para se apoderar do mando e deitar a perder este paiz, esses dois grupos, isoladamente, ou solidariamente unidos, não têm, não podem ter a força precisa para se manter no governo e dirigir os destinos da patria brasileira. Falta-lhes o bom senso, a largueza de vistas, a capacidade dirigente e administrativa, o espirito de justiça, o dessassombro de animo para acolher a todos; falta-lhes o numero indispensavel de adhesões que deve ter toda bôa causa e subretudo fa-

lece-lhes completamente a confiança popular e a confiança do estrangeiro.

Um governo de jacobinos, hystericos demolidores, é experiencia que povo algum deseja mais fazer. Um governo de positiveiros, com sua dictadura e as cincoenta mil bugigangas que estão para ser applicadas na decantada *Politique* e no cereberino *Catéchisme*, é experiencia que o mundo inteiro repelle, e não se poderá realisar no Brazil, por mais caducos que sejamos.

O operariado e a força armada são classes muito consideraveis, muito valorosas da população; mas não são a nação, nem podem ter a vaidade de a constituir.

Uma dellas, a militar, entendemos dever afastar-se da politica por motivos superiores de seu proprio destino e de sua funcção social. Se continuar a ingerir-se nas dissenções da politica, falseará cada vez mais a sua organisação e se afastará progressivamente do ideal de um exercito nas sociedades cultas.

. . . .

"Outros são os fins, os nobres e elevados alvos para que são creados os exercitos. Classe depositaria dos brios nacionaes em face do estrangeiro, guarda avançada da integridade do territorio, grupo eleito, seleccionado para hastear bem alta e impoluta a bandeira da patria, e representar a sua honra; bem conside-

raveis, bem superiores são os deveres, os encargos dos militares.

Desvial-os dahi é falsear a sua indole, os seus designios.

Se elles é que vão fazer a politica, occupar os cargos da administração, preencher as funcções legislativas, quem ha de ir para o campo lutar pela patria, o que sempre e em todos os tempos se chamou lutar pela gloria?

Quem? Responda o exercito.

Se elles abandonam a serenidade de animo diante das lutas nacionaes, se vão metter-se nellas, acompanhar facções, seguir agrupamentos, quando a desordem lavrar seriamente no paiz, quem ha de sahir para combater, para lutar pela ordem, que sempre e em todos os tempos se chamou lutar pela paz e pelo bem?

Quem? Responda o exercito.

. . . .

"A intervenção da força armada na politica de um povo tem o duplo inconveniente: de desvirtuar essa politica e amesquinhar essa força armada.

Desvirtuar a politica, porque diante desse concorrente poderoso, e fóra de suas funcções normaes, as classes civis ou abstém-se atemorisadas, desanimadas, ou abrem luta."

—

Quanto ao que, com relação ao nosso exercito, disse o notavel escriptor, apenas temos

a acrescentar o seguinte dito de Mirabeau a Luiz XVI, a proposito da concentração das forças em Paris, em 1789:

—"O perigo está nas tropas.

Soldados francezes aproximados do centro das discussões, participando das paixões como dos interesses do povo, *podem esquecer —que o alistamento os fez soldados, para se lembrarem* que a natureza os fez homens."

XIV

Não é só contra nós, que temos horror ao sangue, contra nós, os amantes da ordem e da confraternidade humana que a phalange jacobina enche-se de odio e traz continuamente assestadas as suas armas de aggressão. E' tambem contra os extrangeiros que comnosco fazem causa commum, muito especialmante os portuguezes, e isto pelo facto de haver a esquadra desta nação, surta no porto do Rio de Janeiro, dado asilo ao nosso inolvidavel e bravo almirante Saldanha da Gama e aos seus intrepidos companheiros de revolução.

Entretanto, para a quasi totalidade do Brasil, Portugal ter-se-ia revelado indigno de suas tradições gloriosas, do seu nome de nação culta, e, o que é mais ainda—renegaria

o seu passado, rompendo os laços de parentesco e cordialidade que o prendem indissoluvelmente á nós, se o chefe da sua divisão naval houvesse se negado abrir a Saldanha o portaló da *Mindelo*.

Mas, felizmente, o marinheiro portuguez, arrostando muito embora com a odiosidade da dictadura jacobina, houve-se com inexcedivel cavalheirismo, acolhendo sob a bandeira de sua patria todos quantos quizeram abrigar-se á sua sombra, naquella emergencia.

E assim devia ser, pois que todos quantos conheciam os sentimentos de caridade e justiça do governo de então, nenhuma duvida tinham sobre o tragico fim que teria o almirante brazileiro e os seus companheiros de armas, se a fatalidade os posesse á discricção dos vencedores.

Para com elles seriam tão respeitadas as leis de humanidade como o foram para os vencidos de Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul, etc.

Demais, o inclito marinheiro, quasi que para assim dizer, não representava por essa occasião somente o pavilhão portuguez, mas tambem o da Italia, França, Inglaterra e Allemanha, desde que, em concelho dos chefes das armadas destas potencias, fôra o escolhido para represental-os como parlamentar entre o dictador e os revolucionarios. Porque, pois, toda

essa campanha contra Portugal? O fim destas esquadras, ao passo que se vigiavam mutuamente na bahia do Guanabara, para obstar qualquer intervenção menos justa, não era garantir ao governo jacobino a sua liberdade de acção, em tudo que não ultrapasse as raias das prerogativas humanas, defendidas pelo *Direito Internacional?*

O procedimento sympatico do conselheiro Augusto de Castilhos não foi apoiado pelos chefes das esquadras ali estacionadas?

Parece-nos que sobre tudo isto não versa duvida alguma; e, se assim é—porque tambem não *accionar* os que encamparam a resolução do official portuguez, cuja responsabilidade é precisamente a mesma?

O que não tinha visos de cousa regular, e que no entanto muito satisfez á cobiça jacobina, foi a indebita intervenção do presidente Cleveland nas nossas intimas dissenções politicas.

Assim é que tendo, ao chegar no porto do Rio de Janeiro, o almirante Stanton, commandante do vaso *Neivark*, saudado o pavilhão do almirante Mello, foi por esse facto demittido por telegramma e substituido pelo almirante Benham, commandante do *Detroit*, a bordo do qual—bem o sabiam todos os brasileiros—vivia em actividade constante o fermento de todas as hostilidades contra a causa

que Saldanha da Gama defendia e com a qual nada tinha que ver o almirante Benham, cujá conducta não pouco revoltou a alma nacional.

Sabe-se tambem que a esquadra posta ao commando do almirante Jeronymo foi organisada no porto de New-York, sob os auspicios dos banqueiros norte-americanos, cuja parcialidade chegou ao extremo de intervirem até no enganjamento de tripulantes para a mesma, compostos em sua maioria de jurisdicionados de Cleveland. E' que os pseudo—*legalistas* não tinham por si os suffragios da maioria da nação e então, como legitimos jacobinos, não trepidaram recorrer a extranhos para sustentarem-se no poder. Compenetrados disto é que foram bater á porta da grande União, cujo verdadeiro lemma politico pode-se resumir nestas palavras: —a America é dos americanos.... do Norte.

—

Na faina ingloria de perseguir aos portuguezes que demandam ás nossas plagas— tem o partido jacobino descido aos insultos mais villãos, em orgrãos para isso fundados na imprensa do Rio, Pará, etc.

Os que passamos a registrar no nosso livro são de torna—viagem, isto é, extractamol-os da *Mala da Europa*, de 25 de Janeiro de 1897.

Vejamos.

"O galego antonio pinto, quando em bôa hora lembrou-se de atravessar a linha da Estrada de Ferro, na estação do Sampaio, foi valentemente apanhado pelo trem M. S. I. ficando contundido em diversas partes do acavallado corpo e com os chifres partidos, sendo recolhido ao hospital de Mizericordia.

Patriotico trem!"

—

"Ao delegado da 6.ª circumscripção queixou-se o candango manoel mandail, que ao passar no logar denominado Rio das Pedras, dois individuos desconhecidos, que se evadiram, partiram-lhe os chifres, que tam bem lhe assentavam.

Bravos!"

—

"O que faz o portuguez em portugal para augmentar o seu territorio?

Uma vez por anno vae á beira da praia, lava-se e com o sujo que desprende-se de seu acavallado corpo atulha o littoral.

Será por isso que os Brasileiros (25) appellidaram portugal de terra da esterqueira?

Com certeza o foi."

—

"O *coisa* ou *individuo*, que pelas columnas do *Bem Publico*, de Casa Branca, Estado de S. Paulo, tem o luxo de assignar-se Plinio Mario

(25) Os brasileiros, não os jacobinos de cá.

do Carvalho, gallego ou *gallego honorario*, e que achá ser o jacobinismo immoral, venha até cá, pois o nosso popular, lustroso e patriotico vergalho deseja *moralisar-lhe* a fedorenta lata.

Cá o esperamos."

—

Ainda no mesmo numero, diz a citada folha:

—"Não reproduzimos mais neste genero porque seria necessario transcrever todo o papel.

Assim, por exemplo, a primeira pagina delle insere uma porção de insultos ao novo chanceller do consulado portuguez, funccionario extrangeiro que não pode tirar desforço egual ao que tiraria qualquer particular.

Mas vamos ao ponto capital, ao que nos obrigou a importunar o Sr. Vice-Presidente da Republica.

No mesmo numero do jornal a que nos estamos referindo, encontra-se um artigo assim intitulado: *O galego antonio ennes.*

Simula a apresentação do illustre Ministro Portuguez ao Sr. Vice-Presidente, para a entrega das respectivas credenciaes; chama ao nobre diplomata representante de salafrarios; publica depois asnatico discurso que attribue ao Sr. Ministro, e conclue por estas palavras que reproduzimos porque necessitamos provar a gravidade da offensa. Que o Sr.

Conselheiro Antonio Ennes nos perdôe se tiramos de tal papel o que vae ler-se!

Que a nossa colonia comprehenda quanta repugnancia sentimos ao sujar a *União Portugueza* com taes palavras!

Eil-as:

"O Sr. dr. Manoel Victorino respondeu a esse pulha com uma cusparada na cara, e os soldados do 23.º de Infanteria, que lhe faziam continencia, largaram as armas e... apresentaram as de S. Francisco.

Após a sahida do representante da esterqueira ouviu-se uma tremenda vaia, com que a populaça o despediu.

O *seu* ennes ia para tomar o carro, mas como já este lá não estivesse mais, trepou estupidamente, portuguezmente, em um caminhão que passava pelo Itamaraty.

E assim terminou a apresentação do gallego *illustre* tão nojentamente engrossado pelos nullos desta cosmopolita cidade.

—

Em um outro numero ainda da *Mala da Europa*, encontramos o seguinte, extrahido de um jornal do Rio:

—"O reino de portugal nem em tudo é pequeno, porque é a maior porcaria do mundo. *thomaz ribeiro*."

—

"Se da bocca do portuguez não sae senão

asneiras, nenhuma outra melhor do que ella acceita o freio; se os pés do portuguez não trilham o caminho da honestidade e da moral adaptam-se comtudo ás melhores ferraduras. *camello lampreia.*"

—

"Quando murcho as orelhas firmo-me nas patas dianteiras e com as trazeiras dou a conhecer o valor das minhas forças; tenho orgulho de ser portuguez.—mouzinho de albuquerque."

XV

Insultos como os que vimos de fallar, por mais de uma vez tivemos occasião de testemunhar no Pará, em 1896, sempre que, ao lado de algum jacobino, sentava-se no bond um portuguez; e tal era a nossa indignação, ao ver assim tratado um hospede, que apeavamos do vehiculo para não os ouvir. Entretanto é o Brasil que, baldo de população, vota verbas consideraveis para a emigração e manda pelos seus agentes offerecer passagens e vantagens de diversas naturezas ás familias européas, desprovidas da fortuna, que para a nossa uberrima região queirão emigrar! E porque tantos sacrificios de dinheiro tem feito o governo para attrahir as correntes emigratorias da Europa para o nosso paiz?

E' que, necessariamente, considera-se indispensavel fixar nos vastos territorios que possuimos as sobras da população do velho mundo.

Paiz excepcionalmente fadado pela natureza para o desenvolvimento da agricultura, da creação e todas as industrias fabris, mas sem população bastante para cuidar do aproveitamento das suas incalculaveis riquezas naturaes, não pode o Brasil prescindir do concurso da actividade, da intelligencia e da energia do elemento estrangeiro, sob pena de estacionar na penumbra em que vegetam os povos semibarbaros, quando o resto da America latina e saxonia marcham triumphalmente pela estrada do progresso, illuminados pelo sol esplendente da civilisação.

A' que devem por ventura os Estados Unidos da Nort'America, a Argentina e o Chile o seu engrandecimento? Pode alguem attribuil-o ao esforço, ao desenvolmimento cultural dos aborigenes que povoavam esses paizes!

Certo que não.

Em menor escala temos no seio da communhão brasileira eloquentissimo exemplo de quanto vale para uma região qualquer o advento do elemento europeu.

Referimo-nos ao Estado de S. Paulo, inquestionavelmente o mais prospero de quantos

vivem á sombra do pavilhão nacional, cuja prosperidade justifica os cuidados e attenções com que — de muito tempo — cogita-se alli attrahir e proteger a população adventicia.

Seria para desejar que exemplos taes fossem imitados. Só assim, acreditamos, serão navegados os nossos rios, exploradas as nossas mattas, aproveitadas a fertilidade das nossas terras e a fabulosa opulencia metallifera do solo patrio.

Só assim poderemos vir a ser felizes e respeitados como um povo que soube conquistar um lugar de honra no convivio dos povos cultos.

Para attingir tão alto desideratum não cremos que seja plausivel repellir o estrangeiro que vem collaborar comnosco no desdobramento das nossas industrias; e isto para que?

Para gaudio e proveito do jacobino que vive dos cofres publicos e que, para medrar á custa do suor e do sangue das classes pacificas e laboriosas, cultiva... intrigas e semeia rancoros, mortinicios e revoluções com que se vai enlutando dia á dia a alma nacional.

Esse odio votado aos estrangeiros pelo nativismo mais bruto e asselvajado, parece-nos ainda mais injustificavel quando visa a portuguezes.

Portugal não está indissoluvelmente vinculado ao Brasil somente pelos laços ethnicos, politicos e commerciaes. Intimas relações de familia, ainda hoje existentes, cultivadas com affecto aqui e lá, geram entre os dois paizes intensa corrente de sympathia que não pode ser destruida por meros incidentes da politica internacional e ainda menos partir-se ao empuchão vesanico de um partido dominado por positivistas epilepticos, que não tem nem hade ter por si os suffragios da opinião publica.

Os portuguezes que vêm para o Brasil são em geral laboriosos e morigerados. Taes predicados, alem da circumstancia de fallarem a nossa lingua e partilharem as nossas crenças dão-lhe accesso franco em toda parte, de modo que, em pouco tempo, identificam-se perfeitamente com o nosso meio, onde, por via de regra, distinguem-se pelo seu espirito de ordem e economia.

De quantos vem tentar fortuna, com intenção de repatriar quando a tiverem adquirido, cerca de oitenta por cento casam-se, instituem familia e então eil-os na generosa faina de cooperar pela prosperidade da patria de seus filhos.

Não ha elemento mais facilmente assimilavel para o organismo nacional. Não acontece positivamente o mesmo em relação aos immigrantes de outras procedencias.

Francezes, inglezes, allemães, italianos, etc, isolam-se no nosso meio, fundam associações que são privativas dos de sua respectivas nacionalidades, demostrando assim que do Brasil só querem o lucro dos negocios.

Raramente contrahem allianças com familias brasileiras (26), mantendo-se, por assim dizer, como verdadeiros hospedes numa terra onde ha tanto que edificar pelo exemplo e onde ha ceu para tantas esperanças.

—

Durante a guerra que sustentamos contra o Paraguay innumeros portuguezes, dos que comnosco conviviam, lá foram espontaneamente combater pela nossa causa, como se fôra pela de sua propria patria.

Não ha muito, no conflicto travado entre a policia de S. Paulo e a colonia italiana d'alli, foi ao nosso lado que elles vieram se postar, não só para prestigiarem as nossas auctoridades na manutenção da ordem, como para cercarem as nossas familias de todas as garantias.

Em prol da dedicação de Portugal, por tudo quanto interessa-nos, falla significativa-

(26) Em Manáos, consta-nos que um cidadão inglez, gerente de uma casa filial de outra de Londres, foi por esta ultima mandado despedir por se haver casado com uma gentilissima cearense, alli residente. Por motivo identico foi tambem despresado pelos de sua colonia um francez, no Ceará.

mente a historia da reivindicação dos nossos direitos de propriedade da ilha da Trindade.

—

Bem differente do modo descortez e rude porque aqui os tratam os nativistas e jacobinos é essencialmente bondoso o acolhimento que todo Portugal nos dispensa, sempre que o visitamos.

A população do Reino amigo chama de *brasileiros* aos portuguezes que para alli voltam depois de terem vivido muito tempo comnosco.

Pois bem, esse qualificativo é por todos recebido com particular agrado, por envolver certa distincção que se não confere alli a todos os estrangeiros.

E' certo que em Portugal (como em quasi toda a Europa e America) conseguiu tambem Solano Lopez assalariar jornaes para nos deprimirem os creditos e enaltecer-lhe o merito perante o mundo, que tão somente de outiva nos podia julgar. E' certo, porem, que no mesmo paiz, ao nosso compatriota e grande litterato Dr. Antonio Henriques Leal—não faltou espaço nos jornaes de melhor conceito para a defesa da causa pela qual tanto sangue se derramou naquella republica hespanhola.

Demais, a luso-phobia jacobina não se pode explicar por melindres do patriotismo offendido; pois que, a esse mesmo tempo, *O*

Figaro, a folha de grande circulação em Paris, posta tambem a soldo do dictador do Paraguay—nos alcunhava de *macacos, negros, selvagens*, etc. No emtanto, um dos primeiros actos dos acclamadores da Republica, dos quaes pretendem ser continuadores alguns dos jacobinos de hoje, foi fazer nossa uma data da republica franceza—feriando o 14 de Julho! Outro, esse visivel e estulto, foi substituir o nosso hymno pela marselheza, quer nos banquetes privados, quer nas festas dos grandes dias da patria!

De semelhante propaganda contra nós, sustentada durante annos, pelo diario parisiense, resultou em toda França uma antipathia profunda pela nossa causa, durante a lucta que travamos contra o governo do dictador paraguayo, antipathia que, valha-nos Deus, mal sopitada apenas, expande-se de quando em quando em explosão de odio aggressivo, como ainda pouco se vio no territorio contestado do Amapá, onde, violando as leis do direito internacional, a tripolação de um vaso de guerra francez, destruiu a ferro e a fogo habitações construidas e occupadas por brasileiros, victimando inclusivamente desenas de mulheres e creanças, como se aquelle troço de barbaros marinheiros procedesse, não do povo que se jacta de haver promulgado as leis da egual-

dade e da fraternidade humana, mas dos barbaros da Zululandia.

Vem a proposito dizer, que não ha povo europeu mais ignorante em historia e geographia estrangeiras que o povo francez; e, pelos lapsos flagrantes em que a cada passo o apanhamos—bem pode avaliar o leitor qual a desfavorabilidade do conceito em que, a partir de então, não passou a ser alli cotada a nossa civilisação.

Quando estudante em Paris, verificamos que a nossa côr branca era motivo de surpreza para os condiscipulos da universidade, que acreditavam ser o Brasil um paiz exclusivamente habitado por pretos!

Ainda é mais para admirar a pergunta que um bom dia fez-nos um professor daquelle estabelecimento de ensino, homem aliás instruido e que, na ultima guerra franco-prussiana, tornou-se bastante notavel pelos seus grandes feitos nas armas.

—E' o caso, que, dizendo-lhe uma occasião que era brasileiro, perguntou-nos que lingua se falla no nosso paiz, e quando lhe dissemos que falla-se aqui o portuguez, contraveio admirado—inquirindo-nos *se o Brasil ficava perto de Portugal!...*

Disparates desta natureza registram-se todos os dias nos livros e jornaes francezes que recebemos; e não ha muito o *Petit Journal*.

redigido pelas melhores pennas de Paris, tratando de Antonio Conselheiro, publicou esta curiosa noticia:

—"Um fanatico de nome Antonio Conselheiro, a frente de um numeroso bando de partidarios, têm creado serias difficuldades ao governo do Mexico, no estado da Bahia."

E' incrivel, porém é genuinamente francez.

—

Em quasi todos os Estados da União contam-se por centenas o numero de pessoas que dormem o somno dos sepulchros, victimas da movimentação tumultuaria e anarchica da brigada jacobina desde o tempo das deposições florianistas até as epocas gloriosas da *consolidação republicana* feita a punhal e a fuzil por toda parte e especialmente no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Santa Catharina e Rio de Janeiro.

Se tivessemos de fazer o historico dessa enormidade de crimes, com todas as suas circumstancias de horrores, não nos sobraria tempo para outros assumptos e o presente escorço historico tomaria as proporções de um grosso volume.

Conhece-se dentro e fora do paiz a historia dos barbaros assassinatos do Pico do Diabo tambem conhecido pela denominação de *kilometro 65*; conhecem-se as *charqueadas humanas*

do Rio Grande do Sul, feitas a êito em familias inteiras; conhece-se o modo summario e facil porque estes anarchistas se desapressam de quem quer que pretenda empecer-lhes a marcha á criminosa politicagem; conhece-se, finalmente, que elles atrevem-se a querer que a Republica, a lei e o direito do povo fiquem circumscriptos no circulo de ferro de seu capricho; portanto, prescindamos de mais por ao sol essas chagas. Outros virão depois de nós e a historia contemporanea escreverá o seu veredictum sobre esses abutres que ainda corvejam nas entranhas da patria.

—

Além de tudo demolirem sem nada construir; de tudo anarchisarem sem nada coordenar, essa malta de politiqueiros nos tem imposto o sacrificio de darmos satisfações ás potencias extrangeiras por offensas feitas a seus subditos e a pagarmos indemnisações de vidas e de propriedades assaz onerosas para o nosso deploravel estado financeiro.

Corre como certo que o ministro francez, exigindo mil contos pelos dois engenheiros mortos em Santa Catharina, assim terminou a sua nota diplomatica ao nosso governo.

—Em nome da França, da civilisação, e da humanidade eu cusperia a face dos assassinos de Buette e Etienne.

Estes engenheiros haviam se offerecido

para fazer fluctuar o *Aquidabam*, submergido no porto de Santa Catharina, o que levaram a effeito, depois de inaudito esforço; e, quando contavam com a justa recompença de seus serviços technicos—eis que são conduzidos ao carcere e... d'ahi os mil contos daquella indemnisação.

Digamol-o desde já: a injuria atirada pelo ministro da França, não nos pode absolutamente attingir; pois que os criminosos, os scelerados que tem nodoado as paginas da nossa historia politica, são verdadeiros réprobos perante o bom senso da nação e ninguem dirá com razão que constituem ou representam o Brasil:—São, quando muito, represntantes de si mesmos...

Assim pensando, foi que a França, arbitra do funesto acontecimento, apenas nos responsabilisou pela indemnisação.

A' jacobinada assassina, pois a affirmativa incondicional do ministro francez.

XVI

Sabem todos que, mal se recolhia o Senr. Conde d'Eu de sua excursão ao norte, uma parte do nosso exercito formado em linha de batalha, proclamava a Republica no Campo de Sant'Anna e intimava a familia imperial a retirar-se para o extrangeiro.

No Ceará, como por toda parte, foi esta nova recebida com incrivel pasmo. Commercio, artes, industrias, funccionalismo, tudo, emfim, cahiu em completo enervamento, ou antes em verdadeira estupefacção.

A massa popular, completamente desorientada, fluctuava pelas ruas, hesitante, perplexa, de ouvido á escuta e a inquirir a uns e a outros do que ia pelo Rio; avolumando-se umas vezes aqui, outras vezes acolá, onde

quer que se fizesse ouvir qualquer palrador sobre a gravidade do assumpto.

A redacção do *Libertador*, da qual fazia parte o Senr. João Cordeiro, o homem da epoca, foi a primeira que entrou em correspondencia com o novo governo; e, portanto, primeira á receber telegrammas constantes, relativamente ao grande movimento.

Era ahi que a multidão mais se condensava e para onde tambem affluia a gente mais interessada que o pobre povo, em saber dos acontecimentos politicos.

Os oradores, cada qual o mais inspirado, succediam-se nas janellas da Redacção, convertidas em tribuna; em quanto que o *champagne*, a marselheza e o foguetorio—ás deixas caracteristicas dos intervallos—punham o cunho delirante ao grande festival.

O thema por todos escolhido, era a dotação da familia imperial, a perseguição ao exercito, os impostos excessivos, o esbanjamento dos dinheiros publicos, a falta de confiança e de garantias nas auctoridades e nas leis, o menospreço ao povo e umas tantas baboseiras deste quilate, capciosamente desenvolvidas para o effeito da occasião. O povo, coitado, ou fosse porque temesse ver-se perscrutado pelos lynces do momento; ou por que acreditasse em todo aquelle aranzel hypocrita, através do qual faziam-n'o ver um mundo ha-

bitado por anjos, onde só se respirava delicias; ou, finalmente, porque a suggestão começasse a produzir os effeitos desejados—certo é que, vendo mal a D. Pedro, já não regateava o seu *vivó* áquelles que, como os tigres famintos, convertel-o-iam em simples, mas saboroso repasto...

A' 16 de Novembro, a firmação da Republica era cousa sobre que não restava mais duvida alguma; e, portanto, todos reunidos no Jardim Publico tomaram a direcção de palacio, no intuito de depor o Dr. Moraes Jardim e acclamar o coronel Ferraz, commandante do 11.º batalhão de infanteria, governador provisorio, o que com effeito fizeram, usando para isso da palavra, em nome da gente que venceu sem lucta, o major Manoel Bezerra.

Sem offerecer resistencia alguma, subiu o Dr. Moraes Jardim á uma cadeira e passou, em linguagem commovida, a aconselhar ao povo toda a calma e todo o acatamento ás leis, á sociedade e á familia no difficillimo transe porque passava o paiz.

Seu discurso, posto que saturado de muito senso, não foi comtudo bem recebido pela maioria dos neophytos, cujo exaltamento excedia ao de meia duzia de republicanos historicos, que contava o Ceará. No vasto salão de honra do palacio, onde estas scenas se davam, achava-se o retrato de D. Pedro, em uniforme de gala e fielmente representado numa grande

téla, que media para mais de dez palmos de alto.

Foi num desses momentos de extrema exaltação, que, de entre os apartistas, destacou-se um moço, que, subindo ao consolo, por cima do qual achava-se a regia effigie, sacou de um punhal e desfel-a em bocados, atirando-os ao chão. A' esta grave affronta a pessoa do Grande Brasileiro, ás barbas de um dos seus delegados, e o que é mais ainda, de um soldado que jurou aos Santos Evangelhos de defendel-o até á morte—Moraes Jardim, não podendo conter as lagrimas, desceu da cadeira e, com a voz preza á garganta, concluiu o seu discurso por estas palavras:

—Porque fasem isto diante de mim? Porque não me matam antes, ou não deixam que eu saia primeiro desta casa?!...

De bem poucos olhos por essa occasião não vimos correrem algumas lagrimas. E, para maior honra de D. Pedro, ainda hoje, no Ceará, os fragmentos dessa téla são guardados como uma reliquia, pelos que tiveram a ventura de os apanhar na occasião.

—

O coronel Ferraz era um soldado honrado, valente e bem intencionado, porem pouco instruido; pelo que facil foi submetterem-no

os assaltantes do governo, cousa para que não tinha geito, nem habilitação alguma.

Entregando-se, portanto, á discrecção de seus bons amigos, accedeu ao alvitre que lhe foi suggerido da organisação de um ministerio.

E assim nesse mesmo dia foram os urús distribuidos pela seguinte forma:

— Fazenda — João Cordeiro; Interior — João Lopes; Guerra—Manoel Bezerra; Extrangeiros — Katunda; Justiça — Barbosa Lima; Agricultura—Bizerril Fontenelle; Marinha— Lobato.

O commando do pellotão coube ao Senr. João Cordeiro.

As communicações aos consulados, magistratura, etc. foram feitas immediatamente, e as horas de audiencia de cada um dos ministros annunciadas no *Libertador* de 18 ou 19 de Novembro.

A primeira questão ventilada entre os membros do governo foi o *quantum de pro labore* devido a cada um; e como em sessão do concelho ficasse resolvido que os vencimentos seriam equiparados aos do Rio, para alli telegrapharam, em nome do coronel Ferraz, indagando da nova tabella.

O marechal Deodoro, como era de esperar, recebeu mal esta consulta, e, respondendo-a, determinou que tal ministerio fosse immediamente dissolvido.

A noticia, porem, da creação deste, em Fortaleza, já havia repercutido pelas cidades e villas circumvisinhas, pelo que entenderam tambem algumas localidades de organisar o seu ministerio, cabendo ao Icó a prioridade na organisação de um ministerio... sertanejo.

E' incalculavel a decepção dos ministros da Fortaleza e do Icó ao verem-se privados dos altos cargos administrativos, tão inesperadamente empolgados; e com as pastas perdidas, desfazerem-se-lhes as illusões, como bolhas de sabão. Estes e outros factos, que não vem a pello referir, provam que de um momento para outro impuseram ao povo brasileiro um regimen politico e administrativo, do qual não possuiam a minima noção os proprios directores da nova situação.

Assim fallamos porque—senão eguaes—identicos factos occorreram um pouco por toda parte, bem que a falta de orientação tenha culminado aqui; não sendo para duvidar que a cousa fosse absolutamente a mesma si em vez do coronel Ferraz fosse o proprio Deodoró o presidente do *Estado Livre do Ceará*.

Na mesma capital federal quanto desatino desta especie si não veria si a reorganisação da machina administrativa não obedecesse aos dictames de R. Barbosa e Bocayuva.

Para muitos, dentre os fundadores da Republica, o systema federativo era uma engre-

nagem quaši inconcebivel, da qual fallavam de outiva, vindo sómente a conhecer-lhe os fins e a utilidade pelas fornadas de decretos editados diariamente pelo governo provisorio. Basta isto para ver-se como foi precoce o advento da Republica e si o paiz estava apparelhado para o salto mortal a que o impelliram.

—

Voltando ao gabinete Cordeiro, si a questão dos vencimentos ministeriaes dava-lhe que pensar, não era menos a preoccupação do *deficit* e da divida externa do paiz. Quasi todos os dias havia um concião; e, dentre estes, um houve em que só se tratou do modo como haver dinheiro para mandar á Inglaterra o punhado de guinéos que nos achavamos á dever-lhe.

Os empregados publicos, os officiaes e as praças da guarnição, offereceram logo cinco e dez por cento de seus vencimentos, a partir de então. Muitos fazendeiros, commerciantes, industriaes, etc. fizeram outros donativos, e a ideia de uma kermesse foi logo suggerida para o alludido fim.

Entretanto, a esse tempo, andava a nossa divida interna e externa em *setecentos e tantos mil contos* (27); em quanto que hoje sobe á *tres*

---

(27) Em muito mais do que isto já houve quem dissesse que o Senr. Glycerio, quando ministro, deu em terras nacionaes, em S. Paulo, aos seus parentes e amigos.

milhões, duzentos e vinte e nove mil oitocentos e cincoenta contos!

Isto até Junho de 1897. (28).

Para a amortisação dos juros de tão fabuloso debito e poupar-nos o descredito de uma banca-rôta, trata-se hoje do arrendamento das nossas mais rendosas emprezas, taes como a das Aguas, Estradas de Ferro, etc; sendo que, relativamente á Estrada de Ferro Central, outr'ora tão cubiçada pelo extrangeiro, como das melhores do mundo, pela sua receita— não houve quem se proposesse a arrendal-a sem garantia de juros pelo nosso governo, em beneficio dos arrendatarios.

E' que o Brasil de hoje já não é para o Senr. Rothschild e o seu syndicato o paiz de hontem!.,.

---

(28) Ao Senr. Prudente não cabe absolutamente a responsabilidade deste grande *deficit;* mas sim aos seus antecessores.

XVII

Uma cousa muito para se ver naquelles primeiros dias de Republica era o valor que se dava ao tratamento de *cidadão*!

Negal-o a quem quer que fosse no correr da conservação era incorrer a gente numa incivilidade, pelo que ahi vinha logo a reclamação. O proprio nome individual foi substituido pelo de cidadão, nas saudações diarias. Nos subscriptos das cartas, segundo a categoria da pessoa, eram estas as formulas seguidas:

—Illmo. Senr. Cidadão Tenente Doutor Ministro do Estado etc.

—Illmo. Senr. Cidadão Coronel Governador Provisorio do Estado Livre etc. etc.

—Illmo. e Revdm. Senr. Cidadão Monsenhor, etc.

—Illmo. Senr. Cidadão Coronel chefe de Segurança Interino, etc.

Alguem que naquelles dias foi ter com o coronel Ferraz para pedir a musica de policia para uma festa operaria, perguntou-lhe depois dos cumprimentos do estylo:

—Então, como vae se dando no ambiente de palacio?

—Palacio, não; casa de governo...

—Perdoe-me V. Ex.ª, eu...

—V. Ex.ª não; cidadão e nós, se faz favor...

Aborrecido com estas observações o postulante retirou-se sem tratar mais de nada, mandando ao diabo as novas pragmaticas.

Bem cêdo, porém, vão estas cahindo em desuso.

E' que a moda é sempre assim...

As calças de alçapão, a trunfa, o balão, a anquinha, por exemplo, tiveram a sua epoca; isto é, o seu Capitolio e a sua Tarpeia. Na mesma razão o cidadão (pronome), satisfeita a gana, é agora tomado pelos babados e posto no andar da rua, como qualquer intrujão...

Resa assim a ordem do dia, sob n.º 2, publicada em Abril do corrente anno, pelo commandante da brigada policial da Capital Federal:

—Declara-se, para conhecimeto dos Senrs. officiaes e praças desta corporação, que em todas as partes e requerimentos e outros qua-

esquer papeis—dirigindo-se a auctoridades que lhes forem superiores—deverão servirem-se do pronome—*Senhor*—em vez de—*cidadão*—até aqui usado, como fez publico a ordem 2 do detalhe da brigada, de hoje».

O Saude e Fraternidade que ponha as barbas de môlho...

Talvez não venha longe o dia em que até mesmo o proprio Christo seja repôsto no lugar donde deposeram-n'o, a bengaladas, os jacobinos da Caiphásopolis.

A questão é de tempo.

Quem fôr vivo ha de ver.

—

Mezes antes da proclamação da Republica, alguns estudantes desta capital fundaram um club destinado ás propagandas do actual regimen, a cujas fileiras, a medida que as cousas iam *promettendo* lá pelo Sul, foram se chegando os Senrs. João Cordeiro, Katunda, Gonçalo do Lago e alguns dos bagageiros do Senr. Conde d'Eu, na sua excursão por este Estado.

Feita a Republica, foi nelle que passaram a ter lugar as reuniões dos velhos e novos conversos, ficando por este totalmente absorvidos os primitivos fundadores.

Em poucos dias o numero dos contramarcados havia attingido a um algarismo fabuloso, pelo que foi preciso transportar-se o club para um outro salão mais espaçoso.

As cadeiras arrumadas em semicirculo, enchiam-se a mais não caberem, ficando no centro o presidente com os seus secretarios.

Lidos os telegrammas, a correspondencia official, e discutidas as questões que alli podiam apparecer—era a sessão invariavelmente encerrada com esta nota caracteristica: —Guerra, e guerra de morte aos velhos chefes monarchicos.

O mais interessante é que os que assim mais bradavam pelo exterminio eram exactamente os mesmos que, em piedosa romaria ao sol nácente, vinham de fugir, com a roupa do corpo, das fileiras de seus antigos chefes, os Exmos. Senrs. Conselheiros Rodrigues Junior, Barão de Ibiapaba, Commendador Accioly e Barão de Aquiraz, os quaes, longe de crearem entraves á marcha da Republica, haviam aconselhado a todos que a ella adherissem francamente!

Mas é que o odio e a inveja de muitos dos mais influentes, recalcados ha annos, rebentavam agora tão sedentos de vingança, quanto do orvalho a planta dos terrenos aridos.

Dispondo discrecionariamente do poder, sem nenhuma responsabilidade directa, porque, pois, não exercel-a? O coronel Ferraz era, como já dissemos, simplesmente um homem honrado; e, como tal, teria, talvez, feito um bom governo se houvesse se acercado de

gente sã e desinteressada. Parece fóra de duvida, porém, que os seus ministros abusavam da sua bôa fé e credulidade, compellindo-o na gestão dos negocios publicos consoante aos seus interesses, affeições e desaffeições pessoaes de modo que chegava a assignar despachos que não lia.

Assim é que as demissões, as remoções e as suspenções faziam-se á êsmo; e, se acontecia algum dos prejudicados ir á *casa do governo* reclamar contra a injustiça que acabava de soffrer, respondia-lhe o coronel Ferraz:

—O cidadão está com certeza enganado, porque eu não lhe fiz mal nenhum; mas, a parte exhibia-lhe o autographo demissor e diante desse documento por elle proprio assignado, forçoso era calar-se, por isso que faltava-lhe a energia precisa para libertar-se da obsessão dos seus perfidos amigos.

—

Os nomes mais temidos e fallados, no Estado, eram os de João Cordeiro e Manoel Bezerra. Mesmo entre os seus intimos, tal temor infundiam que contra o seu querer soberano, ninguem havia que se atrevesse a oppôr uma objecção.

Aos politicos do interior tratavam com o mais solemne desprezo e não lhes respondiam uma só carta. E quando por isso eram advertidos por alguem, retorquiam:

—Ora, esses matutos que cuidem de suas roças e que se deixem de politica. Tenho mais o que fazer...

E tinham mesmo! Hoje, pelo novo regimen, isso de arregimentar eleitores é uma inutilidade ruinosa e imbecil.

E o que diabo ficaria sendo a democracia, se, para mandar-se um candidato qualquer á representação nacional, fosse preciso bater-se de porta em porta para as conhecidas visitas domiciliares, á cata de votos como nos *ominosos tempos?*

Onde as vantagens do *governo do povo e pelo povo*—se para eleger-se um governador, um deputado ou um senador, tivesse ainda o *artista* que submettel-os á acção da forja das urnas?

Não. A cousa hoje é muito differente. Escreve-se numa folha de papel os nomes que se quer *eleger*; imagina-se depois um algarismo (nunca superior ao numero dos eleitores alistados) e destribue-se estes em partes eguaes pelos candidatos, deixando-se sempre resto para os aspirantes da opposição, caso esta compareça ás urnas.

Isto feito, dias ou mezes antes na *casa do governo,* dá-se aviso aos chefes dos differentes destrictos, annuncia-se o pleito, publica-se a chapa, o regulamento eleitoral; apregôa-se a liberdade do voto e... o mais compete ao patriotismo do governo, á seriedade da imprensa, á sapiencia e á austeridade dos congressos legis-

lativos, que são neste paiz o unico poder electivo.

Como se vê o systema eleitoral vigente não é o da lei Saraiva, que aboliu o de dois graus, nem o Alvim que aboliu os outros.

Trabalha-se a *bico de penna*, eis tudo.

Que bello padrão de educação politica num povo regido pelo que ha de mais adiantado em regimen democratico!

Melhor fôra que o nosso governo pozesse em pratica o systema ultimamente adoptado pelo presidente do Uruguay — nomeando os representantes da nação, por simples portaria, como se nomea delegados de policia.

Pouparia-nos, pelo menos, a vergonha de um espectaculo carnavalesco e não contribuiría, com a ostentação de escandalos taes, para tornar mais accentuada a corrupção do caracter nacional.

A cerca da nossa educação, em geral, muito ha ainda que dizer e disso trataremos ainda nos dois seguintes volumes.

Por motivos especiaes fechamos aqui este, deixando para os subsequentes materiaes dos quaes se poderia dizer: *the same subject continued.*

Demais:

Paulatin deambulando longum conficitur iter.

FIM DO 1.º APPENDICE

UM BOM LIVRO

Hygiene da Bocca é o titulo de uma obra que o Sr. Dr. Aderson Ferro, cirurgião dentista, fez publicar o anno passado, em Fortaleza, capital do Ceará.

O auctor mimoseou-nos, ante-hontem, com um exemplar da sua obra, de que apenas tivemos tempo de ler o prologo e o indice. Esta leitura apesar de insufficiente, alliada ao conhecimento que já tinhamos das superiores faculdades espirituaes do illustrado homem de lettras, convenceu-nos bem depressa de que a *Hygiene da Bocca* é um livro precioso, onde se revela muito estudo, muita pratica e muito talento, cousas que juntas se acham raramente, no dizer do poeta dos *Lusiadas*.

Trata-se de um trabalho sem antecedentes nas lettras patrias, de manifesta utilidade para toda gente, especialmente para as mães de familia, pois os primeiros capitulos se occupam larga e proficientemente da dentição em suas diversas phases, que tão profundo abalo produzem nas creanças, com grande inquietações para o coração dos paes.

O prologo é escripto num estylo corrido, mas vibrante como um latego de luz em pról dos progressos scientificos, industriaes e artisticos. Dá perfeitamente o estalão da mente elevada que o concebeu e traçou. Sente-se ali o borborinho das grandes idéas que se agitam nos grandes centros da cultura européa e norte-americana.

O auctor lamenta o estado geral de ignorancia do nosso povo, o desamor e a desidia dos nossos homens de lettras no tocante ao desenvolvimento dos estudos verdadeiramente scientificos. (1)

---

(1) Ao notavel advogado e culto homem de lettras, Senr. Dr. Hygino Cunha, redactor principal do *Estado do Amazonas*, pedimos venia para aqui transcrever este seu bondoso juiso a nosso respeito.

Destacamol-o, d'entre uma enormidade de outros que, do paiz e do estrangeiro, chegaram-nos ás mãos, enaltecendo o merito do nosso modesto livro, pelas bôas referencias que o mesmo faz á nossa cruzada—a instrucção do povo—e mesmo para uma explicação politica, na nota que se segue.

(Do auctor.)

Não temos praticado ampla e perseverantemente os meios necessarios á divulgação do saber systematisado: faltam-nos as conferencias publicas, as revistas especiaes, as bibliothecas e os clubs de caracter propriamente instructivo, ou então o que se tem tentado neste sentido está longe, muito longe mesmo, de produzir os resultados fecundos que fôram para desejar.

Não ha negar que a respeito de conferencias scientificas estamos ao nivel intellectual, quasi, dos habitantes do Sudan.

Nas lettras domina o *parnasianismo bulevardiano* com affectações *nephelibatas* e *decadentes*, salvas rarissimas excepções.

Nas industrias somos mais importadores do que exportadores.

A politica absorve e esterilisa a maior parte dos talentos brasileiros. E o que mais admira é que o Dr. Aderson Ferro, que tambem já fez politica e que é um notavel jornalista, tenha podido emancipar-se (2) do jugo

(2) Não emancipamo-nos.

Ensarilhamos, sim, as nossas armas de combate—o jornal e a tribuna—aguardando melhores tempos. E não tornaremos ao nosso posto emquanto não ver restabelecida a liberdade de imprensa, tão cynicamente confiscada por todos os governos que tem *felicitado* este paiz.

Pretendendo alguem justificar as infracções da nossa lei fundamental, disse que as *constituições politicas são como as donzellas—é preciso que sejam violadas para tornarem-se fecundas.*

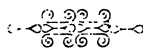
Pois bem. Para voltar á faina da imprensa politica esperamos pacientemente que passe o periodo das estuprações... constitucionaes.

destas terriveis paixões, para emprehender e realisar um trabalho scientifico tão meritorio como a *Hygiene da Bocca.*

Sentimos não nos ter sobrado tempo para fazer uma apreciação detalhada desta obra, pois as nossas palavras não passam de uma simples noticia. E' possivel que lendo-a detidamente, o que promettemos fazer hoje mesmo, reconheçamos a nossa incompetencia para critical-a. Não obstante como obra de vulgarisação deve estar ao alcance de todas as intelligencias tornando-se por isso mais digna do acolhimento do publico.

O Dr. Aderson Ferro acha-se de presente nesta cidade e honrou-nos com sua visita, que nos deixou summamente penhorados ao illustre confrade do *Combate*, do Ceará.

HYGINO CUNHA

(Extrahido do *Estado do Amazonas*, de 15 de Julho de 1896.)

O DEDO DE DEUS

Sob esta epigraphe e em guerra franca ao positivismo e outras doutrinas subversivas da moral e da ordem publica, que começam a nos invadir o lar e a escola—será publicada dentro em pouco uma obra, que terá por fim demonstrar á evidencia os dois grandes dogmas—da existencia de Deus e da immortalidade da alma.

Para tão elevado quanto piedoso intuito—pede o auctor da referida obra a coadjuvação dos homens superiores, rogando ás pessoas que tomam interesse pelo progresso da religião e bem estar da sociedade, a bondade de lhe remetterem o seguinte:

—1.º Notas de todos os factos geralmente attribuidos á directa intervenção de Deus—seja castigando os impios, os blasphemos e os

infractores de suas leis, seja premiando a virtude ou derramando copiosas graças pelos que de seus mandamentos buscam approximar-se. Neste numero os factos ou milagres attribuidos aos santos devem tambem ser referidos.

—2.º Notas de todas as apparições sobrenaturaes — quer pedindo-nos alguma cousa, quer avisando-nos, por meio de signaes, algum acontecimento importante e que, de perto, nos possa interessar — tal como a morte de uma pessoa amiga em lugar proximo ou distante.

Em muitas familias os casos deste genero são notorios.

O auctor da obra já leu mais ou menos tudo quanto a cerca de um outro objecto até hoje se ha escripto, e não deseja, por isso mesmo, servir-se de argumentos que já foram por outros vantajosamente explanados.

E' seu intuito escrever uma obra baseada em factos colhidos no nosso meio.

Ao informante, pois, recommenda o auctor todo o escrupulo possivel, quer nos factos observados e que houver de narrar, quer nos depoimentos tomados a terceiro — convindo sobretudo não esquecer o pendor que temos para o maravilhoso.

Ao acontecimento exposto, urge acompanhar o nome ou nomes das pessoas que o testemunharam, a epoca, o lugar onde, como e a proposito de que o mesmo facto occorreu.

Ditos nomes só deixaram de sahir publicados se, ao auctor, fôr isso vedado pelo informante.

As notas de castigos infligidos por Deus aos que desobedecem e malfazem a seus ministros—tambem muito aproveitam aos planos do auctor, a quem, depois de submettidos a mais rigorosa inspecção da critica, fica o direito de acceitar ou não os documentos que lhe forem ministrados.

Bem admiraveis e dignas de reflexão são as notas que lhe têm sido remettidas, firmadas por pessoas idoneas!

Que Deus illumine e encha de beneficas graças a quantos prestarem o subsidio pedido.

Nome e endereço do auctor:

ADERSON FERRO

Ceará.

ERRATA

Pag:	*Linhas*	*Onde se lê*	*Leia-se:*
28	38	uns centos	uns cento
34	18	pegadas dos grandes	pegadas das grandes
47	15	atirava-se passivas	atirava-se passiva
53	7	momento	monumento
74	17	formado	formando
71	22	resto a do edificio	resto do edificio
75	7	e nas horas de	e as horas de
84	3	assentado na	assentando a
95	1	encontra cousa	encontra outra cousa
97	11	hypopotomo	hypopotamo
100	19	levara-os	levava-os
103	8	dada	dado
107	22	Irlandia	Irlanda
110	9	Uall	Hall
110	12	gradeado	ladeado
124	14	Holl	Hall
138	26	apresentado	apresentando
143	28	Houssage	Houssaye
162	5	desenceandeava	desencadeava
171	4	um um mimo	um mimo
207	12	com os de	como os de

Pag:	*Linhas*	*Onde se lê*	*Leia-se:*
208	4	serraria	serrania
209	16	um a insig-nificante	um insig-nificante
210	9	dos Com-pirás	dos Cam-pirás
211	21	á popu-lações	ás popu-lações
215	9	emprestadas	imputadas
222	8	se é isso que	si é que isso
223	10	sentimentos da	sentimentos de
228	10	que é me-lhor	que é o me-lhor
229	18	Quarta	Quanta
230	24	em mo-mento	em um mo-mento
239	9	compunham	compunha
240	4	especulado	especulando
240	4	normali-dade	anormali-dade
243	17	Cyoneses	Lyoneses
247	21	vizivel	risivel
249	22	nauteses	nantenses
259	24	Neivark	Newark
267	24	mortinicios	morticinios
271	9	visivel	risivel
271	27	barbaros	bravos
286	11	Cidadão e nós	cidadão e vós